

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas Departamento de  
Letras Modernas  
Programa de Pós-Graduação em Letras Estrangeiras e Tradução

**Luciano Geraldo Mateus da Silva**

**A mesa real no livro de Ester: os banquetes como celebração e punição**

VERSÃO CORRIGIDA

São Paulo  
2023

LUCIANO GERALDO MATEUS DA SILVA

**A mesa real no livro de Ester: os banquetes como celebração e punição**

**Versão Corrigida**

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (Departamento de Letras Modernas) da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de Concentração: Estudos literários e culturais

Orientadora: Profa. Dra. Suzana Chwartz

São Paulo  
2023

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação

Serviço de Biblioteca e Documentação

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

S586m Silva, Luciano Geraldo Mateus  
A mesa real no livro de Ester: os banquetes como  
celebração e punição / Luciano Geraldo Mateus Silva;  
orientador Suzana Chwartz - São Paulo, 2023.  
104 f.

Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia,  
Letras e Ciências Humanas da Universidade de São  
Paulo. Departamento de Letras Orientais. Área de  
concentração: Estudos Judaicos e Árabes.

1. Bíblia Hebraica. 2. Ester. 3. Banquete. 4.  
Narrativa. I. Chwartz, Suzana, orient. II. Título.

Nome: SILVA, Luciano Geraldo Mateus

Título: A mesa real no livro de Ester: os banquetes como celebração e punição

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (Departamento de Letras Modernas) da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Letras.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Profa. Dra. Suzana Chwartz

Instituição: USP (Universidade de São Paulo)

Julgamento: \_\_\_\_\_

Prof. Dr. \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_

Julgamento: \_\_\_\_\_

Prof. Dr. \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_

Julgamento: \_\_\_\_\_

Prof. Dr. \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_

Julgamento: \_\_\_\_\_

À minha amada esposa, Pâmella.

## AGRADECIMENTOS

À Deus.

À Pâmella Victória, por me incentivar e apoiar em todos os momentos.

Aos meus pais, José Aparecido e Miriã, e ao meu irmão, Lucas, por serem meu suporte e inspiração.

À Dra. Suzana Chwartz, pelo incentivo, paciência e generosidade em cada etapa desta pesquisa.

Aos Drs. Edson Nunes e Lucas Iglesias, por me incentivarem desde o início à pesquisa e por todo suporte (materiais, sugestões, indicações) para que este trabalho fosse escrito. Vocês me abriram os olhos para a importância de estudar a Bíblia Hebraica com responsabilidade e deleite. Isso mudou minha vida. Gratidão.

Aos meus amigos, os de perto e os de longe, que não me deixaram desistir.

*“Estando eles esganados, prepararei um banquete para eles. Eu os deixarei embriagados, para que se alegrem e durmam sono eterno e não acordem”, diz o Senhor (Jeremias 51:39).*

## RESUMO

Silva, Luciano Geraldo Mateus. **A mesa real no livro de Ester**: os banquetes como celebração e punição / Silva, Luciano Geraldo Mateus; orientadora Suzana Chwartz. - 2023. 104 f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (Departamento de Letras Orientais) da Universidade de São Paulo, 2023.

Na Bíblia Hebraica encontramos uma expressiva quantidade de imagens relacionadas a comida, bebida, banquetes e festa. Equivalente a esta variedade é a diversidade de seus usos e significados ao longo de toda literatura bíblica. Entre estes textos o livro de Ester se destaca pela recorrência dos banquetes em sua narrativa, especialmente no contexto de banquetes da realeza. Em vista disso, esta pesquisa tem como objetivo trazer uma análise narrativa introdutória das cenas de banquete reais do livro de Ester. Para tanto, a pesquisa se utiliza do instrumental da análise literária.

Palavras-chave: Bíblia Hebraica. Ester. Banquete. Narrativa.

## ABSTRACT

Silva, Luciano Geraldo Mateus. **The royal table in the book of Esther**: banquets as celebration and punishment / Silva, Luciano Geraldo Mateus; advisor Suzana Chwartz. - 2023. 104 sheets. Dissertation (Masters) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (Departamento de Letras Orientais) da Universidade de São Paulo, 2023.

In the Hebrew Bible we find an expressive amount of images related to food, drink, banquets and parties. Equivalent to this variety is the diversity of their uses and meanings throughout biblical literature. Among these texts, the book of Esther stands out for the recurrence of banquets in its narrative, especially in the context of royal banquets. In view of this, this research aims to bring an introductory narrative analysis of the royal banquet scenes in the book of Esther. For that, the study uses the instrument of literary analysis.

Keywords: Hebrew Bible. Ester. Banquet. Narrative.

## TRANSLITERAÇÃO HEBRAICO

### Consoantes<sup>1</sup>

א	<i>'ālep</i>	'
ב	<i>bêt</i>	b
בּ	<i>ḅet</i>	ḅ
ג	<i>gîmel</i>	g
ד	<i>dālet</i>	d
ה	<i>hê</i>	h
ו	<i>wāw</i>	w
ז	<i>zayin</i>	z
ח	<i>ḥêt</i>	ḥ
ט	<i>ṭêt</i>	ṭ
י	<i>yôd</i>	y
כ	<i>kāp</i>	k
כּ	<i>kāp</i>	ḵ
ל	<i>lāmed</i>	l
מ ם	<i>mêm</i>	m
נ ן	<i>nûn</i>	n
ס	<i>sāmeḵ</i>	s
ע	<i>'ayin</i>	'
פ ף	<i>pê</i>	p
צ ץ	<i>ṣādê</i>	ṣ
ק	<i>qôp</i>	q
ר	<i>rêš</i>	r
שׁ	<i>śîn</i>	ś
שׂ	<i>šîn</i>	š
ת	<i>tāw</i>	t

<sup>1</sup> ALEXANDER, P. H. et al. (1999, p. 28).

Vogais

ַ	<i>pataḥ</i>	a
ָ	<i>qāmeṣ</i>	ā
ֶה	<i>final qāmeṣ hê</i>	â
ִו	<i>3rd masc. sg.</i>	āyw
ֶ	<i>sĕgōl</i>	e
ֶ	<i>ṣērê</i>	ē
ֶי	<i>ṣērê yôd</i>	ê
ֶי	<i>sĕgōl yôd</i>	ê
ֶ	<i>short ḥîreq</i>	i
ֶי	<i>ḥîreq yôd</i>	î
ֹ	<i>hōlem</i>	ō
ֹו	<i>hōlem wāw</i>	ô
ֹי	<i>qibbûṣ</i>	u
ֹי	<i>qibbûṣ longo</i>	ū
ֹי	<i>šûreq</i>	û
ֹי	<i>ḥāṭēp qāmeṣ</i>	ö
ֹי	<i>ḥāṭēp pataḥ</i>	ǎ
ֹי	<i>ḥāṭēp sĕgōl</i>	ě
ֹי	<i>šĕwǎ vocálico</i>	ě

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>14</b>
<b>1 BANQUETES NA BÍBLIA HEBRAICA.....</b>	<b>16</b>
1.1 O CONCEITO DE <i>MIS̄TEH</i> .....	16
1.2 BANQUETES REAIS NA BÍBLIA HEBRAICA .....	20
1.3 VINHO: ELEMENTO CRUCIAL DO BANQUETE .....	23
1.3.1 Parte da dieta .....	24
1.3.2 Excesso e perigo .....	25
1.3.3 Coração alegre .....	28
<b>2 CARACTERÍSTICAS LITERÁRIAS DOS BANQUETES DE ESTER.....</b>	<b>30</b>
2.1 GÊNERO LITERÁRIO DO ROLO DE ESTER .....	30
2.2 OS BANQUETES COMO MOTIVO LITERÁRIO .....	34
2.3 TEMAS ASSOCIADOS AO BANQUETE .....	35
2.3.1 Poder e afirmação da realeza .....	35
2.3.2 Inversão de papéis e destinos .....	36
<b>3 A MESA DO REI .....</b>	<b>39</b>
3.1 PRIMEIRO BANQUETE: EXPOSIÇÃO DA DINÂMICA DE PODER E HONRA-RIQUEZA .....	39
3.2 SEGUNDO BANQUETE: PODER, CONTROLE E JULGAMENTO (Et 1:5-8) .....	51
3.2.1 Demonstração de poder: controle dos desejos .....	57
3.2.2 Banquete e julgamento: Juízo sobre Vasti (Et 1:10-22) .....	59
3.3 BANQUETE PARA ESTER (Et 2:18) .....	62
3.4 ASSUERO E HAMÃ BRINDAM A DESTRUICÃO DOS JUDEUS (Et 3:15) .....	63
<b>4 A MESA DA RAINHA .....</b>	<b>66</b>
4.1 BANQUETE DE VASTI .....	66
4.2 BANQUETES DE ESTER .....	68
4.2.1 Primeiro Banquete de Ester: lugar de honra (Et 5:1-8) .....	71
4.2.1.1 Efeito sobre Hamã (Et 5:9-14) .....	77
4.2.2 Segundo Banquete de Ester: lugar de julgamento (Et 7:1-6) .....	81
4.2.2.1 Efeito sobre Assuero: vinho e ira (Et 7:7-8) .....	87
4.2.3 Banquete e julgamento: Juízo sobre Hamã (Et 7:8-10) .....	90
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>98</b>

<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>99</b>
---	-----------

## INTRODUÇÃO

Na Bíblia Hebraica encontramos uma expressiva quantidade de imagens relacionadas a comida, bebida, banquete e festa. Equivalente a esta variedade é a diversidade de seus usos e significados ao longo de toda literatura bíblica. Uma refeição ou banquete pode ser um sinal de hospitalidade (Gn 18 e 19:3), celebração (Gn 21:8; Jz 14:10-20), descrição da imagem da punição divina (Is 51:17, 21-22; Jr 16:5-9; Ez 39:17-21), um momento de relevar as injustiças sociais (Am 2:8; 6:6-7), ou descrição de uma felicidade eterna (Is 25:6-8).

Talvez, por se tratar de uma necessidade comum da experiência humana, o ato de comer e beber foi, durante muito tempo, visto como algo que demandava poucos comentários por parte dos estudiosos da literatura bíblica. No entanto, o direcionamento dos estudos antropológicos sobre o uso social e cultural da comida em culturas antigas, como as do antigo oriente próximo e greco-romana, trouxeram novas perspectivas para os estudos dessa temática na Bíblia Hebraica (cf. ABERNETHY, 2014; ALTERMANN, 2011; SHARON, 2002; MACDONALD, 2008).

Em sua obra editorial, *Decisive Meals: Table Politics in Biblical Literature*, MacDonald, Rehmann e Ehrensperger (2012, p. x) destacam a importância do tema da comida e bebida, em especial, nas narrativas do texto bíblico. Eles afirmam:

Nos textos bíblicos, as refeições costumam ser ocasiões de ações decisivas, um ponto central da narrativa, o centro das comunidades, clímax ou pontos baixos, lugares onde o destino é determinado. Quem 'nós' somos, 'a quem' pertencemos, com quem fazemos 'causa comum' é decidido na mesa. Aqui, a identidade não só se manifesta, como também se transforma à medida que a refeição avança. Como comemos, com quem comemos, o que se torna significativo durante a refeição, pode ser decisivo para quem está à mesa. No final, comer ou não comer decide sobre a vida ou a morte<sup>2</sup>.

No entanto, ainda que esta temática tenha sido identificada e comentada por estudiosos, ela tem revelado ser um solo fértil para novas possibilidades de leitura. No livro de Ester, por exemplo, podemos encontrar, de modo geral, a identificação dos banquetes como elementos

---

<sup>2</sup> "In biblical texts, meals are often occasions of decisive actions, a pivotal point in the narrative, the centre of communities, climaxes or low points, places where fate is determined. Who 'we' are, 'to whom' we belong, with whom we make 'common cause' is decided at the table. Here, identity not only manifests itself, but can also be transformed as the meal goes on. How we eat, with whom we eat, what becomes significant during the meal, can turn out to be decisive for those gathered at the table. In the end, eating or non-eating decides about life and death".

que organizam o enredo, ocasiões em que reviravoltas acontecem, e que acentuam a ironia, característica latente no livro de Ester. Porém, pouca atenção tem sido dada sobre nuances da relação intrincada do comer e beber com a caracterização dos personagens, ou mesmo como a mesa real no livro se configura em um lugar onde destinos são selados.

Diante disso, esta pesquisa tem como objetivo trazer uma análise narrativa introdutória das cenas de banquete reais do livro de Ester, buscando responder algumas perguntas como: Qual a função literária dos banquetes promovidos pela rainha Ester e o que isto revela sobre sua estratégia?

Para tanto, a presente pesquisa embasará sua leitura crítica narrativa no trabalho editorial, *The Oxford Handbook of Biblical Narrative*, de Dana Nolan Fewell. Toda a discussão do texto da Bíblia Hebraica se dará a partir de sua forma final, tomando por base o princípio “de que a narrativa bíblica é um todo, artisticamente unificado e, portanto, deve ser lida como uma unidade literária” (NUNES JÚNIOR, 2017, p. 14).

A pesquisa se divide em quatro partes principais. Na primeira, será apontado um panorama geral do conceito de banquete na Bíblia Hebraica associado ao substantivo *mišteh*, que aparece em destaque no livro de Ester. No segundo capítulo, serão apresentadas algumas características literárias importantes do livro de Ester e que mais se relacionam com as cenas de banquetes reais. Em seguida, no capítulo terceiro, iniciaremos a leitura crítica das cenas de banquete que envolvem o rei Assuero, destacando o poder simbólico e político no contexto festivo. E, por fim, analisaremos como os banquetes de Ester interagem com os banquetes do rei persa, e como ela se utiliza destas ocasiões estrategicamente, para dar fim ao perverso Hamã.

## 1 BANQUETES NA BÍBLIA HEBRAICA

No capítulo intitulado “*Feasting and Festivals*”, Jonathan Greer, fornece um panorama sobre as festas e festivais na Bíblia Hebraica e no antigo Israel. De acordo com Greer (2021, p. 299), uma das dificuldades para se resumir uma análise sobre as festas na Bíblia Hebraica é a realidade de que toda festa ou refeição “envolve uma interseção entre as esferas divina e humana”<sup>3</sup>. Uma vez que ele argumenta a impossibilidade de separá-las<sup>4</sup>, o autor propõe uma leitura que enfoca duas dimensões no mesmo espectro: (1) ênfase no anfitrião e participantes humanos: eventos apresentados como *mišteh* (“festa” ou “banquete”, como casamento de Sansão em Juízes 14); (2) ênfase na comunhão com a divindade, YHWH como anfitrião: identificado por termos como *haggîm* (“festivais” como o da Páscoa) e *mō’ădîm* (“tempos determinados”, como as festas solenes em Levítico 23) (GREER, 2021, p. 299).

Seguindo estas diferentes ênfases, este capítulo – bem como a pesquisa como um todo – tem o foco ajustado primariamente nos banquetes como eventos humanos, considerando os simbolismos e funções que os envolvem. Para tanto, faz-se necessário um olhar atento para as ocorrências do substantivo que melhor define essa ocasião festiva.

### 1.1 O CONCEITO DE *MIŠTEH*

O substantivo מִשֶׁתֶּה ([*mišteh*], “banquete, festa”) (BDB<sup>5</sup>, 1977, p. 1.059; HALOT<sup>6</sup>, 1994-2000, p. 653) aparece 47 vezes na Bíblia Hebraica, tendo sua grande concentração nos Escritos (30 ocorrências), embora também apareça com destaque no livro de Gênesis (sete vezes). Esse substantivo é derivado da raiz hebraica שָׁתָה ([*šātāh*], “beber”) (BDB, 1977, p. 1.059), destacando o ato de beber como a principal atividade nessas celebrações festivas.

J. Gamberoni conclui sua análise sobre esse verbo afirmando que a relação entre beber e celebrar está tão presente no texto bíblico, que um banquete festivo pode ser, portanto, reconhecido apenas pelo uso de מִשֶׁתֶּה, por ser essa a atividade central e a mais importante em um banquete (Et 3:15; 7:1; Dn 5:1-4, 23; Jó 1:13,18; Ne 8:10) (GAMBERONI, 2006, p. 518).

<sup>3</sup> “[...] involved an intersection between the human and divine spheres”.

<sup>4</sup> Peter Altmann e Fu elaboraram um modelo que ilustra muito bem como as esferas humanas e divinas interagem no contexto dos banquetes (cf. ALTMANN; FU, 2014, p. 19-21).

<sup>5</sup> Sigla do dicionário hebraico bíblico de Brown, Driver e Briggs (1977): *Hebrew and English Lexicon of the Old Testament*.

<sup>6</sup> Sigla de: *The Hebrew and Aramaic Lexicon of the Old Testament* (Koehler e Baumgartner, 1994-2000).

David Clines, organizador do *The Dictionary of Classical Hebrew*, também comenta sobre essa relação. Ele reforça sua conexão de certa maneira apontando um uso inverso no livro de Daniel em que o substantivo *mišteh* aparece denotando “bebida” (Dn 1:10) (CLINES, 1993-2011, p. 568).

Lewis Paton também segue por um caminho parecido, definindo *mišteh* como sendo primariamente uma ocasião de bebedeira em que as pessoas participavam, possivelmente, reclinadas – refletindo um costume do antigo oriente (PATON, 1908, p. 126, 140)<sup>7</sup>. Muito embora a bebida pudesse fazer parte da vida diária dos israelitas, os banquetes se distinguem de outras refeições ordinárias por alguns motivos principais, como, por exemplo, a maior quantidade de comida e bebida consumida nessas ocasiões festivas (WALSH, 2021, p. 134).

Estas ocasiões também se distinguem por um conjunto de ações repetidas, ou rituais, características destes eventos festivos. Jonathan Greer comenta que estes rituais podem ser identificados a partir de algumas perguntas como: “Quem serve a quem e quando? Quais porções são servidas, para quem e em que ordem? O que se fala e quando se fala? Quando o evento acontece e onde ele é realizado? Quais implementos e recipientes os participantes utilizam no processo?” (GREER, 2021, p. 298)<sup>8</sup>. As ações repetidas criam uma espécie de roteiro a ser seguido que visa criar memórias do evento a partir da experiência sensorial (estética, ornamentação, sons, aromas, paladar etc.) (GREER, 2021, p. 298).

Além disso, o banquete é caracterizado por ser uma ocasião de celebração na qual se busca alegria e regozijo, configurando, dessa forma, um dos principais objetivos do ajuntamento festivo. Outras ocorrências do substantivo *mišteh* na Bíblia Hebraica apontam para outras características do banquete.

Gamberoni, por exemplo, destaca que, além da bebedeira, os banquetes aparecem acompanhados por música (Is 5:12; 22:13; 24:9; 56:12; Sl 69:13) e se estendem por vários dias (tanto em Jz 14:12 quanto em Et 1:5-8, o banquete dura sete dias). O mesmo autor aponta que, pelo exemplo, do texto de Ester, por vezes os participantes do banquete celebram em um espaço especial dedicado às festividades (*bêt-mišteh* [Et 7:8]). O que é celebrado pode variar de acordo com a ocasião, sendo as principais:

<sup>7</sup> Sobre como o banquete era servido, ele comenta o seguinte: “Reclining at table was not the custom of the ancient Hebrews, but in the time of Amos it began to come in from the East (Am. 6:4). In later days it was the universal practice of the Jews” (PATON, 1908, p. 140).

<sup>8</sup> “Who serves whom and when? Which portions are served and to whom and in what order? What is spoken and when is it spoken? When does the event take place and where is the event held? What implements and vessels do participants utilize in the process?”

[...] desmame (Gn 21:8), casamento (Gn 29:22-25; Jz 14:10, 12, 17), um aniversário (Gn 40:20), uma celebração doméstica (Jó 1:4-5), um memorial dos mortos (o contexto sugerido para *marzēah*: Am 6:6; Jr. 15:5), uma visita (Gn 19:3; Jz 19:6), uma forma de nutrir laços sociais (Gn 26:30; 2 Sm 3:20), culto e representação (por exemplo, 1 Rs 3:15; cf. Jz 9:27; Et 1 e 5, passim), vaidoso auto-engrandecimento (*kemištēh hammelek*, 1 Sm 25:36), ou lembrança de libertação passada (Et 9:17-18, 22) (GAMBERONI, 2006, p. 520)<sup>9</sup>.

Diane Sharon (2002, p. 108) também comenta sobre alguns desses exemplos e os coloca numa categoria que ela chama de “ciclos da vida”, em que a autora analisa a maneira como o banquete ou contexto festivo se relaciona com os ciclos da vida indicados. O ponto principal de sua análise pode ser identificado na seguinte declaração:

[...] mesmo em circunstâncias em que se pode presumir que o comer e o beber ocorreram, eles não são mencionados no texto, a menos que tenham um significado literário específico. Na grande maioria das descrições de ocasiões do ciclo de vida, como nascimento, circuncisão, desmame, casamento e outras, as referências a comer e beber estão totalmente ausentes da narrativa bíblica. Essa ausência geral aumenta a importância de comer e beber quando ocorrem em ocasiões do ciclo de vida (SHARON, 2002, p. 108)<sup>10</sup>.

Para ilustrar seu ponto, ela analisa algumas narrativas em particular, das quais vamos destacar a do desmame de Isaque (Gn 21) e a do casamento de Jacó (Gn 29). Sharon afirma que, embora o desmame seja um rito de passagem que pudesse ser naturalmente associado com uma ocasião festiva – celebração simbolizando o novo relacionamento que a criança agora terá com o mundo adulto –, apenas uma vez no texto da Bíblia Hebraica encontramos, de modo claro e direto, a menção a um desmame (גָּמַל [gāmal]) acompanhado por uma celebração festiva<sup>11</sup> (um “grande banquete” [*mištēh gādōwl*], Gn 21:8) (SHARON, 2002, p. 110).

Seguindo por uma linha parecida com a de Sharon, Carey Walsh também se debruça sobre esse texto para investigar o propósito literário da menção ao banquete no desmame de Isaque e quais nuances textuais poderiam ser analisadas a partir dessa descrição. Em sua visão,

<sup>9</sup> “weaning (Gen. 21:8), marriage (Gen. 29:22–25; Jgs. 14:10, 12, 17), a birthday (Gen. 40:20), a domestic celebration (Job 1:4–5), a memorial of the dead (the context suggested for *marzēah*: Am. 6:6; Jer. 15:5), a visit (Gen. 19:3; Jgs. 19:6), a way to nurture social ties (Gen. 26:30; 2 S. 3:20), cult and representation (e.g., 1 K. 3:15; cf. Jgs. 9:27; Est. 1 and 5, passim), vain self-aggrandizement (*kemištēh hammelek*, 1 S. 25:36), or recollection of past deliverance” (Est. 9:17–18, 22).

<sup>10</sup> “[...] even in circumstances where eating and drinking can be presumed to have occurred, they are not mentioned in the text unless they have specific literary significance. In the vast majority of descriptions of life-cycle occasions such as birth, circumcision, weaning, marriage, and others, references to eating and drinking are entirely absent from biblical narrative. This general absence heightens the significance of eating and drinking when they do occur on life-cycle occasions”.

<sup>11</sup> Exemplos de como o narrador menciona o desmame (גָּמַל), porém sem associar com o tema da comida e bebida: A filha de Gômer em Os 1:8 e Genubate, filho de Hadade em 1 Rs 11:19-20.

o “grande banquete”<sup>12</sup> (מְשֻׁבֵּה גָדוֹל) dado por Abraão no seio de sua família sugere que nesse banquete também haveria muita bebida e a consequência natural da inebriação. Para Walsh, isso fica perceptível na reação exagerada de Sara diante do comportamento do pequeno Ismael – ela pede que Abraão rejeite Agar e seu filho para que este não ser uma ameaça à herança de Isaque (Gn 21:9-10).

De acordo com Walsh, a menção ao “grande banquete” fornece o contexto para que o leitor entenda melhor a reação de Sara. Ela comenta que “a intoxicação funciona para expor suas emoções, uma mistura provavelmente de animosidade, ganância e ressentimento. Ela [Sara] havia expressado isso antes (Gn 16:5-6), mas, desta vez, a intoxicação permite uma catarse forte o suficiente para trazer a resolução” (WALSH, 2000, p. 23, grifos acrescidos)<sup>13</sup>.

Nesse caso, a celebração por um importante ciclo da vida, o desmame, acaba se tornando uma ocasião em que os laços entre Abraão, Sara e Isaque são reafirmados em detrimento de Agar e Ismael, que são expulsos do círculo familiar do núcleo patriarcal, e isso teria ligação com os efeitos da bebida inebriante no banquete. Nesse sentido, a inebriação de Sara no banquete “não é uma fuga de sua realidade social. Em vez disso, permite que ela reconstitua quem contará como família e quem será expulso. [...] Sara redefine a linha de inclusão familiar”<sup>14</sup>.

Os eventos que envolvem o casamento de Jacó também ilustram como a imprevisibilidade pode compor as ocasiões festivas (Gn 29:21-30). Após sete anos de trabalho por Raquel, mulher que Jacó amava, o patriarca pede a Labão para que ele possa se casar com Raquel (v. 21). Na sequência, Labão dá uma festa (מְשֻׁבֵּה) e chama vários convidados (v. 22). O banquete é oferecido como celebração pelo casamento de Jacó e pela ligação forte entre as famílias, algo simbolizado na união matrimonial. No entanto, Labão leva para Jacó sua filha mais velha, Lia, e eles coabitam. Apenas na manhã seguinte Jacó percebeu que havia se deitado com a mulher errada.

Sharon conecta o tema do comer e beber (banquete) com a cena do encontro entre o mensageiro de Abraão e Rebeca, em Gênesis 24. Já Carey Walsh mais uma vez chama a atenção

<sup>12</sup> Todas as referências ao texto bíblico em português foram obtidas da tradução Almeida Revista e Atualizada (1993). Caso, em algum momento específico, outra versão seja utilizada, será indicada com menção no rodapé. As citações de autores diversos em língua estrangeira aparecerão sempre em português com a tradução realizada pelo autor deste trabalho. Ademais, os textos serão apresentados em sua língua de origem em notas de rodapé.

<sup>13</sup> “Intoxication functions to lay bare her emotions, a mixture most likely of animosity, greed and resentment. She had expressed these before (Gen. 16.5-6), but this time intoxication enables a catharsis of them strong enough to bring on resolution”.

<sup>14</sup> “[...] is not an escape from her social reality at all. Rather it enables her to reconstitute who will count as family and who will be expelled. [...] Sarah redraws the line of family inclusion”.

para a relação entre o banquete, a inebriação e as nuances que isso traz para a narrativa. Em sua leitura, Walsh destaca que Labão usa o poder simbólico do banquete, a implícita confiança no ato de beber em conjunto, para enganar Jacó. Segundo a autora, “a intoxicação funcionou aqui para diminuir as inibições de Jacó e diminuir consideravelmente sua consciência mental” (WALSH, 2000, p. 27)<sup>15</sup>, tornando, portanto, possível que ele não tenha discernido entre qual das filhas de Labão ele estava recebendo.

Esses exemplos nos ajudam a inserir no conceito de *mišteh* a ideia de que, fundamentalmente, a função do banquete é a de unir as pessoas dentro da ampla rubrica da comensalidade (ALTMANN, 2014, p. 12). Porém, essa não é sua única função, pois essa função esperada muitas vezes é direcionada a um evento inesperado, transformando a mesa do banquete, um lugar de pretensa confiança, em um lugar de manipulação e disputa de poder. É isso que Carey Walsh descreve quando afirma:

Beber em comemoração fortalece uma fronteira marcada de inclusão e exclusão em uma órbita social. O benefício social potencial era uma maior intimidade ou o estabelecimento de intimidade por meio de um vínculo ou acordo. Com o consumo excessivo de álcool, aumenta a confiança, bem como o conseqüente aumento do risco de traição (WALSH, 2000, p. 17)<sup>16</sup>.

Nessa mesma direção, Peter Altmann complementa sobre o potencial de mudanças na dinâmica de poder, inclusão ou exclusão associados aos banquetes. Ele afirma: “As festas, como eventos sociais centrais, contêm, portanto, inerentemente a possibilidade de serem canais de manutenção e mudança da hierarquia social” (ALTMANN, 2014, p. 21)<sup>17</sup>. E isso pode ser identificado, talvez com maior facilidade, nos banquetes da realeza, na dinâmica da corte real (POLASKI, 2001, p. 170-179).

## 1.2 BANQUETES REAIS NA BÍBLIA HEBRAICA

Trisha M. Wheelock dedica um capítulo de sua tese doutoral, *Drunk and Disorderly: A Bakhtinian Reading of the Banquet Scenes in the Book of Esther* (2008), para analisar cenas de banquetes reais no contexto do antigo oriente Próximo em que inclui os banquetes da Bíblia

<sup>15</sup> “Intoxication has functioned here to lower Jacob’s inhibitions and diminish his mental awareness considerably”.

<sup>16</sup> “Celebrative drinking fortifies a marked boundary of inclusion and exclusion in a social orbit. The potential social benefit was an increased intimacy or the establishment of intimacy through a bond or agreement. With heavy drinking comes heightened trust as well as a consequent increased risk of its betrayal”.

<sup>17</sup> “Feasts, as central social events, therefore inherently contain the possibility of being channels for maintaining and changing social hierarchy”.

Hebraica. Em sua análise do texto bíblico, ela agrupa algumas cenas que melhor parecem refletir o contexto de banquetes reais. Como características principais, ela destaca: “[...] status social e posição, comportamentos ultrajantes e o potencial de avanço ou fracasso político são características constitutivas dos banquetes reais” (WHEELOCK, 2008, p. 74)<sup>18</sup>. Os textos da Bíblia Hebraica em que ela notou essas características de modo latente são estes: 1 Samuel 25, 2 Samuel 11, 2 Samuel 13, 1 Reis 16, 1 Reis 20 e Daniel 5. Para Wheelock (2008, p. 75), “essas cenas descrevem códigos sociais semelhantes, incluindo posição e hierarquia e ocasiões para devassidão, comportamento imprudente e agitação social. [...] Cenas de banquetes revelam complexas relações sociais e ideológicas”<sup>19</sup>.

Reconhecendo os limites desta pesquisa, iremos ponderar apenas sobre três dos banquetes indicados (2 Sm 11, 2 Sm 13 e Dn 5), além de inserirmos a cena paradigmática entre Davi e Mefibosete (2 Sm 9). Dessa maneira, será possível perceber as dinâmicas de poder, disputa, favor, julgamento e traição ao redor da mesa real.

Em 2 Samuel 11, Davi se deita com Bate-Seba, mulher de Urias, e ela fica grávida. Na tentativa de ocultar suas ações, Davi manda trazer Urias do campo de batalha e, como um aparente sinal de favor, pede que ele vá a sua casa (v. 8). Sabendo que Urias havia rejeitado o favor, Davi, então, o convoca para uma celebração particular, privada: “Davi o convidou, e comeu e bebeu diante dele, e o embebedou; à tarde, saiu Urias a deitar-se na sua cama, com os servos de seu senhor; porém não desceu a sua casa” (2 Sm 11:13). Porém, mesmo embriagado (שָׁכַר), Urias se recusa a ir para sua casa considerando que a arca do Senhor, Joabe, o seu senhor, e os demais servos estavam em tendas no campo de batalha (v. 11). E, uma vez que o banquete oferecido por Davi não provocou o resultado esperado, Urias é condenado à morte na sequência da narrativa (2 Sm 11:14-25).

Nesse trecho, Davi tenta, por meio da inebriação de Urias, fazê-lo passar a noite com sua mulher e assim afastar qualquer evidência do pecado que ele (Davi) cometeu. Talvez ele Davi reconhecesse o poder afrodisíaco do vinho e estivesse apostando na inebriação de seu servo para que seu plano se concretizasse. Contudo, a ironia dessa situação, sugerida pelo narrador, é que o servo embriagado parece ter mais firmeza ética do que o rei de Israel, escancarando, assim, a devassidão e imprudência do rei Davi. Urias pensa na arca do Senhor e

<sup>18</sup> “*Social status and rank, outrageous behaviors, and the potential for political advancement or failure are constitutive features of royal banquets*”.

<sup>19</sup> “*These scenes depict similar social codes including rank and hierarchy and occasions for debauchery, foolhardy behavior, and social upheaval. [...] Banquet scenes reveal complex social and ideological relationships*”.

em seus companheiros de guerra, enquanto Davi rejeita estar na guerra com seus súditos e peca contra o Senhor.

Outra cena de banquete real interessante é a que envolve Absalão e Amnom, em 2 Sm 13. Após saber que Amnom estuprou sua irmã Tamar, Absalão, seu meio-irmão, decide vingá-la. A fim de preparar o cenário para sua vingança, Absalão recorre ao banquete. Ele convida seu pai, Davi, os servos do rei e todos os filhos do rei Davi, seus irmãos, para uma celebração agrícola, representada na menção aos tosquiadores (v. 23-24) (WHEELLOCK, 2009, p. 77-78). Nesses versos, também identificamos o alto custo que envolveria ser um anfitrião de uma festa como essa, pois Davi rejeita o convite por achar que sua ida seria um enorme peso financeiro para o seu filho (v. 25).

Durante a festa, Absalão ordenou aos seus servos que Amnom fosse morto assim que ele estivesse com o “coração alegre do vinho” (לִבְאַמְנוֹן בְּיַיִן) [kaṭōwb lēb-’amnōwn bayyayin]) (v. 28). Ele se utiliza do efeito do álcool sobre Amnom, que tem sua capacidade de discernimento diminuída, para, dessa forma, dar o comando de morte. O plano de Absalão funciona e Amnom é morto enquanto estava alegre pelo vinho (WHEELLOCK, 2008, p. 77).

No capítulo 5 do livro de Daniel, encontramos um exemplo da extravagância dos banquetes reais<sup>20</sup>. No início do capítulo, o narrador descreve: “O rei Belsazar deu um grande banquete a mil dos seus grandes e bebeu vinho na presença dos mil” (Dn 5:1). Enquanto eles bebiam vinho, o rei Belsazar ordena que sejam trazidos os copos de ouro e prata que Nabucodonosor trouxera do templo de Jerusalém para que ele bebesse neles (v. 3-4).

Enquanto Belsazar e seus convidados brindavam aos seus ídolos, algo semelhante à mão de um homem aparece escrevendo na parede uma sentença para o soberbo rei. John Goldingay (1989, p. 108) comenta que esse banquete é um caso de “folia e excessos que levam ao sacrilégio e à idolatria”<sup>21</sup>. Já Trisha Wheelock é mais enfática em identificar a extravagância do império e como o banquete reflete a dinâmica de poder. Para ela, “essa cena de banquete revela o excesso do império e da realeza, o luxo desfrutado pela elite, a falta de respeito pelos súditos estrangeiros e seus deuses, e a oportunidade de vantagem ou derrota política” (WHEELLOCK, 2008, p. 81)<sup>22</sup>.

<sup>20</sup> Trisha Wheelock afirma que o banquete de Dn 5 é o mais análogo aos banquetes de Assuero no capítulo 1 do livro de Ester.

<sup>21</sup> “[...] revelry and excess that lead to sacrilege and idolatry”.

<sup>22</sup> “This banquet scene reveals the excess of empire and royalty, the luxury enjoyed by the elite, the lack of respect for foreign subjects and their gods, and the opportunity of political advantage or defeat”.

Outra característica da mesa real é que ela pode ser um lugar de honra e desonra (MACDONALD, 2008, p. 134-165). A ideia da desonra pode ser identificada nos exemplos acima, porém o que melhor reflete a ideia de honra e favor, no contexto da mesa real, está na relação entre Davi e Mefibosete em 2 Samuel 9. Logo após se estabelecer no trono de Israel, Davi decide demonstrar “bondade” (חֶסֶד [hesed], v. 7) (BDB, 1977, p. 338) aos descendentes de Saul. Nesse contexto, Mefibosete, o filho aleijado de Jônatas, acaba sendo o recipiente da bondade de Davi, que concede a ele um lugar permanente na mesa real: “[...] Mefibosete, filho de teu senhor, comerá pão sempre à minha mesa [...]” (v. 10).

Essa ação de Davi é inesperada, especialmente porque destoa do tipo de tratamento que os descendentes da família real anterior poderiam imaginar. Nathan MacDonald destaca, por exemplo, as ações de Abimeleque, em Juízes 9, e de Jeú, em 2 Reis 9, que deságuam em conflitos sangrentos envolvendo a dinastia. Essa atitude de Davi também contrasta com o comportamento de Saul à mesa, que em 1 Samuel 20, ao notar a ausência de Davi, em uma atitude de ira, quase mata o próprio filho, Jônatas. Além do mais, é surpreendente que Davi tenha oferecido um lugar de honra para Mefibosete, pois ele era desprovido de qualquer poder político (MACDONALD, 2008, p. 178-179).

### 1.3 VINHO: ELEMENTO CRUCIAL DO BANQUETE.

O termo mais comum para se referir ao vinho na Bíblia Hebraica é o substantivo masculino יַיִן ([yayin], “vinho”) (BDB, 1977, p. 406), que aparece 141 vezes, isso sem contar as ocorrências de termos sinônimos (cf. Gn 9:21; 27:25; Lv 10:9; Jz 13:7; Pv 21:17; Ec 9:7; Et 1:7) (SASSON, 1994, p. 416-419). Como já indicado no conceito de חַבְדָּוּת, a ênfase dessa atividade convivial está sobre o beber. E, no que diz respeito à Bíblia Hebraica, o vinho é a bebida alcoólica de destaque. Nathan MacDonald chega a afirmar que o vinho não apenas figura de modo proeminente entre as bebidas alcoólicas, mas como a principal bebida de modo geral (MACDONALD, 2008, p. 22-23).

Se os banquetes são ocasiões especiais, de celebração, em que se come e bebe em maior quantidade, diferenciando-se, portanto, das refeições comuns, o vinho, sem dúvida, figura como a principal bebida nos banquetes. Walsh chega a sugerir que o banquete seja reconhecido como uma espécie de “festival do vinho”, dado que o vinho é elemento constitutivo do ajuntamento. Além do mais, uma vez que um dos objetivos do banquete é alegrar-se, o vinho exerceria um papel óbvio (SASSON, 1994, p. 399; WALSH, 2021, p. 134).

Carey Walsh menciona que o consumo do vinho exerce também um poder simbólico substancial nesses ajuntamentos sociais de celebração. A autora argumenta que “beber é um ato social na Bíblia Hebraica. Significa a estima com que uma interação é mantida por seus participantes. Indica a disposição dos participantes em assumir um risco social. Quem se dedica em beber nestas ocasiões festivas, o faz, em suma, com quem confia ou quer confiar” (WALSH, 2021, p. 133)<sup>23</sup>. O risco se dá pelas consequências imprevisíveis que acompanham a inebriação causada pelo excesso da bebida. Alguns dos exemplos são: ficar atordoado (Is 29:9); exposição vergonhosa (Gn 9:21); náusea e vômito (Pv 23:34; Jr 25:27); e sonolência e letargia (1 Sm 25:37; Jr 51:39; Gn 19:30-35) (cf. WELTON, 2020, p. 181-222; WALSH, 2021, p. 133).

A presença do vinho nos banquetes tanto pode exercer um papel de solidificação das relações sociais, ao se compartilhar o estado de alegria e inebriação, quanto pode ameaçar as relações. Muitas vezes, na tradição bíblica, o banquete, momento de alegria pelo vinho, se transforma em um lugar de trapaças, traição e julgamento. Isso será mais precisamente indicado nos tópicos a seguir.

Contudo, antes de abordarmos os efeitos do vinho em situações diversas, faz-se necessário identificar qual era a participação do vinho na vida diária dos antigos israelitas.

### 1.3.1 Parte da dieta

As várias menções ao vinho e à viticultura, no texto bíblico, podem indicar que esse era um item não incomum na vida diária dos israelitas. Contudo, para Carey Walsh este registro por parte dos autores bíblicos não é meramente um detalhe histórico. Sua inclusão e ênfase na literatura bíblica indicam que esse era um elemento culturalmente importante (WALSH, 2021, p. 125).

É comum encontrarmos, entre estudiosos da alimentação dos antigos israelitas, a chamada “tríade do Mediterrâneo”, expressão que se refere aos três tipos de alimento mais comuns: grãos, vinho e azeite. Isso se dá, em parte, por causa das várias referências desses itens no texto bíblico e por meio dos estudos arqueológicos (Dt 7:13; 11:14; Os 2:8) (PACE, 2014, p. 187-191; MACDONALD, 2008, p. 19). Peter Altmann também destaca o uso desses três itens nas refeições festivas mencionando o exemplo de Deuteronômio 14, que inclui o uso da carne (ALTMANN, 2011, p. 211). Porém, por não encontrarmos descrições detalhadas sobre a

---

<sup>23</sup> “[...] drinking is a social act in the Hebrew Bible. It signifies the esteem with which an interaction is held by its participants. It indicates the willingness of the participants to take a social risk. The vintner drinks, in short, with those he trusts or wants to trust”.

dieta dos antigos israelitas no texto da Bíblia Hebraica, é difícil afirmar que o vinho era presença certa na casa de qualquer família israelita.

Rebekah Welton contra-argumenta a ideia da presença difundida do vinho na vida comum dos israelitas em parte do seu livro *'He Is a Glutton and a Drunkard': Deviant Consumption in the Hebrew Bible* (2020). Em uma análise que agrupa a noção de comida e bebida como agentes sociais, em diálogo com estudos antropológicos e arqueológicos do antigo oriente, a autora argumenta que “o vinho provavelmente não era um elemento central da dieta da maioria dos israelitas e judaítas, sendo caro para produzir e armazenar e, em última análise, controlado pelas elites” (WELTON, 2020, p. 131)<sup>24</sup>. Para Rebekah Welton, seria mais provável de se encontrar cerveja do que vinho entre as famílias, e as menções ao vinho no texto bíblico seriam mais ideológicas do que um reflexo da dieta.

Por outro lado, Carey Walsh reforça a intencionalidade dos autores bíblicos em mencionar o vinho em detrimento da cerveja. Walsh reconhece que os povos vizinhos, na Mesopotâmia e no Egito, utilizavam mais a cerveja, mas é simbólico o fato de a Bíblia Hebraica não a destacar em seu corpo literário – outra razão possível se dá pela necessidade de água na produção da cerveja, algo não muito abundante na geografia do antigo Israel, favorecendo, dessa forma, a produção de vinho (WALSH, 2021, p. 125).

Em outras palavras, considerando o material bíblico, a abundante recorrência do vinho nas narrativas, nas imagens e metáforas presentes nos discursos proféticos (Is 16:10; 24:7-11; 65:8; Jr 48:33; Jl 3:17-18; Am 9:13-14) e noutros diversos usos, faz com que o vinho desempenhe um papel importante na literatura bíblica. É isso que sugere Jack Sasson em sua análise do vinho e seu subproduto, a intoxicação ou inebriação, nas narrativas da Bíblia Hebraica (SASSON, 1994, p. 406-407). O autor descreve, por exemplo, como os episódios de embriaguez envolvendo Noé (Gn 9:20-29) e Ló (Gn 19:30-38) parecem reformular o retrato anterior desses personagens importantes, envolvendo-os em circunstâncias inesperadas.

Apesar de Sasson apresentar outros exemplos, esses dois representam um estado de inebriação grotesco marcado pelo excesso do consumo de vinho. Por isso, maior atenção será destinada a essas duas ocasiões.

### 1.3.2 Excesso e perigo

---

<sup>24</sup> “[...] wine was likely not a core element of the diet of most Israelites and Judahites, being costly to produce and store, and ultimately controlled by the elites”.

Noé é o primeiro personagem associado ao vinho. Ele é o primeiro a plantar uma “vinha” (כַּרְם [kārem]) (BDB, 1977, p. 501) e a beber dela (Gn 9:20-21). É também o primeiro a ficar “embriagado” (שָׁכַר [šakār]) (BDB, 1977, p. 1.016) e a sentir os efeitos da intoxicação causada pelo álcool. O verbo para embriaguez (שָׁכַר) aparece 19 vezes na Bíblia Hebraica indicando que os efeitos do vinho eram bem conhecidos entre os antigos israelitas (1 Sm 1:14; 2 Sm 11:13; Jr 25:27; Ct 5:1) (WALSH, 2021, p. 125).

No caso de Noé, o vinho acaba sendo um agente de inebriação, levando-o a se deitar nu em sua tenda (Gn 9:21). Mas não apenas isso. O que o texto parece indicar é que Noé se torna incapaz de qualquer ação, inclusive de impedir a desonra por intermédio de Cam (v. 22). Sob a influência do excesso de bebida, Noé só consegue se levantar após seu efeito terminar: “Despertando Noé do seu vinho, soube o que lhe fizera o filho mais moço [...]” (Gn 9:24). A ideia de “despertar” (יָקַץ [yaqas]) (BDB, 1977, p. 429) associa a condição de Noé a um estado de inconsciência semelhante ao de um profundo sono (WALSH, 2000, p. 28). Sua condição ultrapassa os limites do alegramento pela bebida e reflete um estado catatônico que o coloca no lugar de uma vítima, totalmente suscetível à desonra de Cam.

Algo semelhante acontece com Ló, que se torna vítima dos planos de suas filhas a partir do consumo excessivo de vinho (Gn 19:30-38). Ao escapar da destruição de Sodoma e Gomorra, Ló perdeu sua esposa e procurou abrigo com suas duas filhas em uma caverna. Planejando a sequência da linhagem da família, as filhas utilizam o vinho como ferramenta para embriagá-lo e prepará-lo para a relação sexual. Para Rebekah Welton, o álcool exerce um papel duplo nessa cena: primeiro, assegura que Ló esteja suficientemente embriagado para ter relações sexuais (dadas as qualidades afrodisíacas do vinho); segundo, o vinho faz com que ele não esteja consciente, e por isso ele estaria sendo retratado como inocente (vítima) (WELTON, 2020, p. 200).

No verso 33, encontramos a descrição da primeira filha indo se deitar com o pai após o abundante consumo de vinho. Se para Noé o efeito do vinho sobre ele foi comparado com um sono profundo, Ló recebe uma descrição semelhante. Não há indicação direta de sonolência, mas está presente o estado de inconsciência e a incapacidade de evitar o coito com as filhas. A linguagem utilizada é esta: “[...] entrando a primogênita, se deitou com ele, sem que ele o notasse, nem quando ela se deitou, nem quando se levantou” (Gn 19:33).

Robert Alter destaca como o uso do verbo “conhecer” (יָדָע [yāda]) é trabalhado nessa cena (v. 33, 35), isso porque Alter nos lembra que, muitas vezes, esse verbo designa relação sexual (Gn 4:1), mas aqui ele é utilizado, ironicamente, para descrever o estado de não

consciência (עַל־אָדָּמָה [wəʔalō-yādaʔ]), enquanto ele se torna pai de seus próprios netos. Além do mais, a expressão “deitemo-nos com ele” (וְנִשְׁכַּחְבְּהוּ עִמּוֹ [wəniškəḥbāh ‘im-mōw], v. 32) aparece em outros dois textos da Bíblia Hebraica em que aquele que deseja a relação tenta submeter o outro ao seu desejo (essa é a ação da esposa de Potifar em Gn 39 e de Amnom em 2 Sm 13) (ALTER, 2019, p. 64).

Portanto, Ló e Noé partilham de um estado catatônico em suas diferentes experiências com o vinho. Completamente vulneráveis em seu estado de inconsciência, ambos se tornam vítimas nas mãos de outrem. Porém, é importante destacar, esses textos não definem a relação entre humanidade e vinho na Bíblia Hebraica como sendo sempre negativa<sup>25</sup>. No próprio livro de Gênesis, por exemplo, encontramos o estado de embriaguez como parte de uma experiência alegradora em família, no banquete que José oferece aos seus irmãos no Egito (Gn 43:34)<sup>26</sup>.

Em vista disso, e considerando outros usos positivos da influência do vinho, inclusive como sinal da graça divina (Gn 27:28; Dt 7:13; Is 16:10; 24:7-11; 65:8; Jr 48:33; Jl 3:17-18; cf. Am 9:13-14; Sl 104:14-15), deve-se ter o cuidado de não resumir o papel do vinho a uma consequência negativa. Os incidentes envolvendo Noé e Ló não deveriam servir como princípios universais sobre a relação com o vinho, pois, conforme apontou Claus Westermann, a embriaguez em si não era algo considerado repreensível na antiguidade (WESTERMAN, 1994, p. 487). Para Westermann, não é de menos que o narrador deixe de lado qualquer julgamento sobre a embriaguez de Noé. Esta pretensa “omissão” (seja por ser esta sua primeira experiência com o vinho) ajusta a leitura para o verdadeiro problema na narrativa que é a desonra que ele sofre por intermédio do próprio filho. Walter Brueggemann (1982, p. 89) complementa que no exemplo de Gênesis 9, “a embriaguez de Noé é apresentada apenas como um contexto para o que se segue”<sup>27</sup>. Nessa mesma linha, Carey Walsh (2021, p. 133) comenta: “A embriaguez de Noé e Ló, certamente é extrema, mas não pode servir de base para conclusões sobre as atitudes dos israelitas em relação ao vinho, especialmente quando dissociado do contexto agrícola”<sup>28</sup>.

<sup>25</sup> Adele Berlin menciona que os exemplos de Noé e Ló se tornam uma associação de referência entre embriaguez e consequências negativas. Em suas palavras: “The Bible has its own shameful associations with drunkenness, for example, Noah (Gen. 9:21–25) and Lot (Gen. 19:30–38)”. (BERLIN, 2001, p. 13).

<sup>26</sup> Neste verso, a mesma raiz utilizada para retratar a embriaguez de Noé (שָׁכַח) é utilizado com um efeito bem diferente do estado catatônico anterior: “Então, Ihes apresentou as porções que estavam diante dele; a porção de Benjamim era cinco vezes mais do que a de qualquer deles. E eles beberam e se regalaram (שָׁכַח) com ele (Gn 43:34)”.

<sup>27</sup> “The drunkenness of Noah is only presented as a context for what follows”.

<sup>28</sup> “The drunkenness of Noah and Lot, certainly, is extreme, but it cannot be the basis for conclusions about Israelite attitudes toward wine, especially when divorced from agricultural context”.

Na verdade, o que as descrições bíblicas trazem sobre beber parece indicar é que existe uma familiaridade com o poder e possíveis efeitos do vinho, podendo alegrar o coração do homem (Sl 104:15), mas também enganá-lo e subjugar-lo (Pv 20:1; 23:31-35). Porém, as descrições mais frequentes sobre os efeitos do vinho, de acordo com Carey Walsh, estão conectadas com tornar o coração alegre (WALSH, 2021, p. 133).

### 1.3.3 “Coração alegre”

A expressão que melhor parece refletir este estado de alegamento provocado pelo vinho é לֵב טוֹב (*tōwb lēb*), traduzido, geralmente, por “coração alegre” (LEVENSON, 1997, p. 47; BDB, 1977, p. 525). De acordo com a antropologia bíblica, o coração é a sede do pensamento e da vontade (cf. WOLFF, 1974, p. 40-58), e, como bem observa Fredric Bush (1996, p. 349), a expressão *tōwb lēb*, por si só, reflete um estado de alegria (Pv 15:15; 1 Rs 8:66), condição que, não necessariamente, é resultado do consumo de bebida alcoólica. Porém, ela também aparece inserida em contextos de banquete, ou associada ao vinho (Jz 16:25; 1 Sm 25:36).

Um exemplo que ilustra bem essa relação é o de Nabal, em 1 Samuel 25:36-37. Após negar aos tosquiadores de Davi o seu favor, e de negar a Davi o reconhecimento de seu reinado, o verso 36 descreve que Nabal “fazia em casa um banquete, como banquete de rei; o seu coração estava alegre, e ele, já mui embriagado [...]”. Além de se referir ao banquete (מִשְׁתֵּה) e ao coração alegre (לֵב טוֹב), o texto descreve que Nabal estava muito embriagado (שָׁכַר עַד-מְאֹדָה).

O verso seguinte menciona qual bebida ele havia consumido e que inebriou seu espírito festivo: “Pela manhã, estando Nabal já livre do vinho, sua mulher lhe deu a entender aquelas coisas [...] (1 Sm 25:37)”. Abigail, reconhecendo o estado de embriaguez de seu marido e sua falta de discernimento, espera até o dia seguinte, quando Nabal estivesse “livre do vinho”, para lhe dirigir a palavra. Nessa mesma cena, Nabal acaba tendo o coração transformado em pedra e é morto por YHWH (v. 37-38). O banquete, o vinho e a embriaguez formam o estado de espírito de Nabal (“coração alegre”), que, sem imaginar, se transformaria em ruína.

Outro uso interessante da expressão “coração alegre” está no livro de Rute. Seguindo o conselho de sua sogra, Noemi, Rute, a moabita, busca o favor de Boaz após um banquete festivo, que celebrava a colheita (Rt 3:1-5). O uso de bebida alcoólica está implícito nesse trecho, pois, “dada a configuração da eira durante a colheita, ‘comer e beber’ implica

festividades, com ‘beber’ como referência a alguma bebida inebriante” (ESKENAZI; FRYMER-KENSKY, 2011, p. 52)<sup>29</sup>.

Nesse caso, a bebida pode ter sido um agente de inebriação, pois, após comer e beber, Boaz estava com o “coração um tanto alegre” (וַיֵּטֵב לְבוֹ) (Rt 3:7) antes de se deitar. Logo na sequência, Rute se aproxima e se deita aos pés de Boaz. O verbo utilizado para designar o deitar-se de Rute, no final do verso 7, é שָׁכַבְתִּי (*šakab*), o mesmo que aparece no episódio entre Ló e suas duas filhas (Gn 19:32-35). Eskenazi e Frymer-Kensky indicam a ligação entre os dois episódios por meio da grande recorrência desse verbo nas duas narrativas (o verbo aparece oito vezes em Rt 3 e sete vezes em Gn 19:32-35), e apontam a conotação sexual desse verbo quando mulheres estão envolvidas (ESKENAZI; FRYMER-KENSKY, 2011, p. 53)<sup>30</sup>.

O que esse encontro no meio da noite parece indicar é que a espera de Rute é recompensada, pois os efeitos do álcool sobre Boaz parecem torná-lo mais solícito à relação sexual e ao pedido de Rute. Boaz dialoga com Rute, demonstrando estar consciente. Sua condição de inebriação destoa completamente do estado catatônico de Ló, Noé, ou mesmo de Nabal. Boaz apenas parece ter entrado em um espírito mais receptivo.

A partir desses exemplos, pode-se notar que a identificação da relação entre diferentes personagens com a bebida varia. Em vista disso, Carey Walsh tece um comentário importante sobre como os leitores devem ler as cenas de embriaguez na Bíblia Hebraica. Ela afirma:

Essas imagens de embriaguez como punição e as tradições de advertência contra a intemperança não podem simplesmente ser usadas para argumentar que a Bíblia tem uma postura geralmente negativa sobre a bebida, pois isso não é apoiado pelo estudo de todos os materiais bíblicos, além do corpus profético, nem pela análise do mundo social do antigo Israel (WALSH, 2021, p. 136)<sup>31</sup>.

<sup>29</sup> “Given the setting at the threshing floor during the harvest, “eating and drinking” implies festivities, with “drinking” as reference to some intoxicating beverage”.

<sup>30</sup> Rebekah Welton faz um comentário bem interessante sobre como Rute se assemelha a mulher de cântico dos cânticos, pois ambas se utilizam do efeito do álcool sobre o amado a fim de incitar a relação sexual. Ela afirma: “Da mesma forma, Rute (Rute 3:3) e a mulher de Cântico 8:2 usam bebidas alcoólicas para intoxicar e seduzir. Nesses textos, o álcool é um agente social e sexual, tem um impacto sócio-sexual em seus consumidores” (WELTON, 2020, p. 195).

<sup>31</sup> “These images of drunkenness as punishment and the cautionary traditions against intemperance cannot simply be used to argue that the Bible has a generally negative stance on drinking, as this is supported by neither study of all biblical materials beyond the prophetic corpus nor analysis of the social world of ancient Israel”.

## 2 CARACTERÍSTICAS LITERÁRIAS DOS BANQUETES DE ESTER

O rolo de Ester é reconhecido como uma obra riquíssima do ponto de vista literário. Ele ocupa um papel de destaque na literatura bíblica por sua rica quantidade de dispositivos literários. Seu enredo é constituído de hipérbole, ironia, sátira, ambiguidade, repetição de palavras, elementos retóricos, temas e motivos (RUIZ-ORTIZ, 2017, p. 33). Nesta seção, iremos ressaltar alguns desses elementos que se destacam quando associados aos banquetes.

### 2.1 GÊNERO LITERÁRIO DO ROLO DE ESTER

Nas últimas décadas, as características literárias do livro de Ester têm sido discutidas vastamente. Um ponto desse debate está associado ao gênero literário<sup>32</sup>. Algumas possibilidades se destacam, como: “literatura sapiencial”, “novela”, “história da Diáspora”, “etiologia do festival”, “comédia” e “literatura carnavalesca” (cf. RUIZ-ORTIZ, 2017, p. 22-27; FOX, 2001, p. 141-152; BERLIN, 2001, p. xix).

Embora seja uma tarefa difícil decidir o gênero literário deste livro, Edward Greenstein enfatiza a influência dessa escolha sobre o intérprete. Para o autor, “Muitos fatores influenciam nossas respostas a uma história, o que entendemos ser o gênero literário de uma obra particular irá colorir a nossa leitura [...]” (GREENSTEIN, 1987, p. 225)<sup>33</sup>.

Nesta pesquisa, seguimos a identificação que muitos estudiosos têm utilizado em sua análise do rolo de Ester, lendo a obra como comédia. Dentre eles, a análise de Adele Berlin se destaca como fundamental. A autora identifica, em seu comentário, várias características da comédia na narrativa de Ester: exagero, coincidências, improbabilidades, humor por meio de jogo de palavras, descrição caricaturada, situações grotescas e as constantes reversões e inversões (BERLIN, 2001, p. xix-xxi).

Além das características mencionadas, Berlin analisa o enredo de Ester a partir da estrutura clássica da comédia, que se inicia com um “pronunciamento inicial ou situação ultrajante”, se encaminha para uma “sucessão de eventos improváveis” e deságua em um “final feliz” (BERLIN, 2001, p. xx-xxi). No entanto, para a autora a comédia não é uma definição

<sup>32</sup> Exploro trechos deste capítulo em um trabalho anterior dedicado a relação entre humor e violência no livro de Ester. Componentes da comédia são identificados nas cenas de violência que permeiam o livro e abordadas por um panorama geral nesta pesquisa (cf. SILVA, 2020).

<sup>33</sup> “Many factors influence our responses to a story, what we understand to be the literary genre of a particular work will color our reading by setting up the initial and perhaps even the ensuing expectations against which we will measure our reactions”.

absoluta do gênero literário. Em sua análise, ela vai acrescentar duas subcategorias da comédia: a farsa e o burlesco (BERLIN, 2001, p. xix).

Uma implicação imediata desse acréscimo de Berlin é a maneira com a qual ela irá enxergar a função do humor no livro. Apesar de reconhecer uma certa satirização da vida na corte Persa, ela afirma que os casos em que isto acontece são “acidentais”. Assim, para ela as descrições da corte persa devem ser vistas “mais como burlescas do que sátira; seu propósito é comédia, não crítica” (BERLIN, 2001, p. xix)<sup>34</sup>.

Muitos estudiosos vão seguir um caminho similar ao de Adele Berlin, contudo, até certo ponto. Nem todos vão enxergar a comédia de Ester apenas como um entretenimento cômico. Embora concordemos com a caracterização do texto como comédia, este trabalho, assim como outros, reconhece a natureza e objetivo crítico do humor de Ester (cf. STERN, 2010, p. 31-33; O’CONNOR, 2003, p. 52-53; WHEDBEE, 2002, p. 171).

Seguido do trabalho fundamental de Berlin, outra obra que se destaca neste assunto é o livro *The Bible and the Comic Vision*, de William Whedbee. Em seu texto, o autor identifica quatro aspectos essenciais da comédia: (1) enredo em forma de “U”; (2) caracterização de tipos básicos; (3) estratégias linguísticas e estilísticas; e (4) funções e intenções. Desses, iremos destacar apenas dois, isso porque alguns correspondem à visão de Berlin já indicada.

O primeiro é o enredo em forma de “U”. Essa é uma concepção que o autor empresta do crítico canadense Northrop Frye, em que Whedbee afirma que a comédia segue um “enredo em forma de U, com ação descendo em complicações profundas e muitas vezes potencialmente trágicas, e inesperadamente subindo e se transformando em um final feliz” (WHEDBEE, 2002, p. 7)<sup>35</sup>.

Para que haja maior acentuação da comédia, Whedbee estabelece que um elemento fundamental é a tragédia. Ele afirma: “[...] a comédia não pode ser sentida em sua força completa à parte da tragédia [...]”, isso porque, no movimento do enredo “U”, a tragédia é a responsável por conduzir o enredo para seu ponto mais baixo e crítico (WHEDBEE, 2002, p. 7). Quanto maior for o declive da complicação, mais acentuado será o aclave da “libertação”,

---

<sup>34</sup> Citação na íntegra: *The line between farce and satire is hard to draw, and there are certainly elements of satire in the book, especially those directed at Persian court life. However, these elements are incidental. The book is not primarily aimed to criticizing the Persian empire or its lifestyle. After all, Ahasuerus emerges stronger at the end of the story than was at the beginning, and Mordecai and Esther benefit handsomely from all that the Persian court has to offer and become two of its most elite members. It is better to understand the description of the Persian court as burlesque rather than as satire; its purpose is comedy, not critique.*

<sup>35</sup> “[...] U-shaped plot, with action sinking into deep and often potentially tragic complications, and then suddenly turning upward into a happy ending”.

celebração e alegria (WHEDBEE, 2002, p. 7). É nesses termos que o autor irá analisar o livro de Ester.

Um outro aspecto importante é entender qual a função da comédia no texto sob análise. Whedbee (2002, p. 9) nota que,

paradoxalmente, a comédia ao longo das eras tem oscilado entre tendências conservadoras e subversivas, sendo utilizada para as duas coisas, manter o status quo e para minar as ideologias predominantes em nome de um objetivo revolucionário e utópico<sup>36</sup>.

Em se tratando do livro de Ester, o autor adota a segunda tendência e vê nas descrições do mundo persa tons de sátira<sup>37</sup>, tendo o rei Assuero como alvo principal. O autor em comento declara que “esta sátira dá um tom não apenas para o início, mas continua através da história: ela é sátira designada para expor o presunçoso rei ao ridículo e ao riso” (WHEDBEE, 2002, p. 174; cf. BUSH, 1996, p. 314-315)<sup>38</sup>.

Um dos momentos do capítulo 1 em que fica nítido a satirização de Assuero é na atitude de consertar sua imagem depois da desobediência pública de Vasti (Et 1:12). Ele aceita o conselho de Memucã e acaba publicando em todo o império uma ordem que nem ele mesmo consegue cumprir: “[...] que cada um fosse senhor em sua casa [...]” (Et 1:22). Karen Jobes também pontua que “temeroso de que todas as mulheres do império ouvirão sobre Vasti, ele acaba assegurando o que ele teme ao enviar uma expedição para todas as províncias do império!” (JOBES, 1999, p. 80)<sup>39</sup>.

Além disso, a forma com que Assuero pune a desobediente rainha é decretando que ela “não entre jamais na presença do rei Assuero [...]” (Et. 1: 19). Para Sharp, a ironia<sup>40</sup> da punição de Vasti é que ela recebe a ordem para fazer precisamente o que ela já queria fazer (SHARP, 2009, p. 73).

---

<sup>36</sup> *Paradoxically comedy throughout the ages has oscillated between conservative and subversive tendencies, being used both to maintain the status quo and to undercut prevailing ideologies in the name of revolutionary and utopian goals.*

<sup>37</sup> Para uma visão diferente: *“The story, like its accompanying festival, does what comedy and carnival are supposed to do: it confirms the belief that the power at work in the universe favors life and favors the success of the Jews. The Book of Esther affirms that all is right with the world and with the place of the Jews in it”* (BERLIN, 2001, p. xxii).

<sup>38</sup> *“This satire gives a tone not only to the beginning, but continues through the story: it is satire designed to expose the overweening king to ridicule and laughter”.*

<sup>39</sup> *“Afraid that all the women of the empire will hear about Vashti, he ends up assuring what he fears by sending a dispatch to every province of the empire!”*

<sup>40</sup> De fato, o primeiro capítulo de Ester prepara o leitor para considerar a ironia não apenas como mais um componente literário, mas como um princípio hermenêutico essencial (CLINES, 1984, p. 33; GOLDMAN, 1990, p. 17).

Para mencionar mais uma ironia, o conselho de Memucã ainda abrange substituir Vasti por outra “melhor do que ela” (Et 1:19). A donzela que o rei escolhe é Ester, uma rainha que irá desobedecê-lo duas vezes, será recompensada por isso (5:1-2; 8:3-4), e ainda irá orientar as ações de Assuero no final da narrativa (contrariando o decreto no final do capítulo 1). Nas palavras de Stan Goldman (1990, p. 17), “o rei se livra de uma esposa desobediente apenas para tomar uma nova, ainda mais dominadora”<sup>41</sup>.

É interessante notar que nessas situações irônicas em que Assuero está inserido ele aparece acompanhado de seus conselheiros. Este grupo corrobora para a imagem patética do rei, pois em todo livro Assuero nunca diz não para as sugestões que recebe e seu império segue a direção do primeiro conselho que ele ouve. Curiosamente, “embora Xerxes seja obcecado com a manifestação de autoridade, ele é surpreendentemente indiferente com seu exercício atual” (FOX, 2001, p.173).

Nas cenas de abertura do livro, vemos um mundo ordenado, legislado por leis irrevogáveis, e que aparentemente criam estabilidade. Contudo, vale destacar que a primeira lei apresentada como irrevogável nasce em um contexto de bebedeira (Et 1:7 – “e havia muito vinho real”) e está totalmente relacionada com a vontade do rei, cujo coração estava alegre pelo vinho (Et 1:19, 10). Um tipo de ordem baseada em um rei assim, não pode garantir justiça ou segurança, pois ao que parece, a ordem depende do humor instável do rei (cf. BUSH, 1996, p. 314-315; FOX, 2001, p. 249).

Desse modo, o humor também direciona seus dardos à corte persa, sua burocracia e a maneira como ele funciona. Algo que não é entendido de maneira leviana para O’Connor. Ela afirma que direcionado desta maneira, o humor funciona como:

uma arma política, um ato de sobrevivência, uma crítica contundente ao império Persa, seu rei, seus oficiais, suas leis e seu relacionamento com os governados. No coração do império Persa, há um vácuo onde deveria haver um rei. Apesar da riqueza e do controle do império em todo o mundo, há um grande buraco em seu centro [...] e os conselheiros ao redor do trono são tolos e perigosos. O sistema jurídico é uma farsa, eficiente e impiedoso, tão fora de contato com a realidade quanto o próprio rei (O’CONNOR, 2003, p. 62)<sup>42</sup>.

<sup>41</sup> “The king gets rid of one disobedient wife only to get a new, even more dominating, one”.

<sup>42</sup> “It is a political weapon, an act of survival, a scathing critique of the Persian Empire, its king, its officials, its laws and their relationship to the governed. At the heart of the Persian empire there is a vacuum where there should be a king. Despite the empire's wealth and control of the whole world, there is a big hole at its center. No one is home on the throne, and the advisors around the throne are dangerous fools. The legal system is a sham, efficient and merciless, as out of touch with reality as is the king himself”.

Weisman (1998, p. 160) ainda acrescenta que a crítica satírica a este império se dá na ênfase das contradições internas que caracterizam seu *modus operandi*. Tudo é “bom” aos olhos do rei e seus conselheiros, mesmo que sejam coisas tão antagônicas quanto os decretos de Hamã e Mordecai, para mencionar um exemplo.

Em vista disso, o riso final, esperado pela comédia de libertação, é uma reação natural, mas acontece com resquícios de desconfiança, isto porque, não há segurança de estabilidade num mundo governado por Assuero. Para Michael Fox (2001, p. 249), “um mundo assim não é inerentemente pernicioso [...], mas é solo fértil para males terríveis”. Os dois primeiros capítulos já são suficientes para demonstrar isso, pois ele se revela abundante em instabilidade, conspiração e conflito (FOX, 2001, p. 25).

## 2.2 OS BANQUETES COMO MOTIVO LITERÁRIO

É Sandra Berg quem primeiro se dedicou a analisar os temas e motivos literários do livro de Ester, especificamente por meio de sua obra *The Book of Esther: Motifs, Themes and Structure*. Berg dividiu em dois a definição de motivo em sua leitura, indicando os motivos dominantes e os auxiliares<sup>43</sup>. Dentre esses, são três os motivos se destacam: banquetes, realeza, obediência e desobediência (BERG, 1979, p. 17). A autora ainda descreve o motivo como sendo “situações, elementos ou ideias que implicam contextos ou cenas-tipo” (BERG, 1979, p. 17)<sup>44</sup>.

Anos depois, Robert Alter iria elaborar um pouco mais o conceito de motivo literário, expandindo sua definição. Em suas palavras, “o motivo é a repetição de uma imagem concreta, de uma qualidade sensorial, de uma ação ou objeto ao longo de uma determinada narrativa [...]” que é usado “[...] para dar coerência formal a uma narrativa” (ALTER, 2007, p. 147). Dada a riqueza da narrativa do rolo de Ester, variados motivos têm sido encontrados entre os comentaristas. Alguns deles são: identidade escondida (GROSSMAN, 2011, p. 9), realeza, obediência/desobediência (BERG, 1979, p. 17), vontade, ir ao rei (FOX, 2001, p. 17, 22) e o mais importante: o banquete (JOBES, 1999, p. 40; FOX, 2001, p. 156-158; CLINES, 1984, p. 36-37; BERG, 1979, p. 31-35).

Michael Fox afirma que o motivo do banquete molda a maneira como o leitor interage com a narrativa de Ester, isso porque o livro começa e termina com banquetes, e várias reviravoltas acontecem no contexto das festividades (FOX, 2001, p. 156). Nesse sentido, os

<sup>43</sup> Um exemplo de motivo auxiliar seria o jejum, o não comer e beber do capítulo 4 (BERG, 1979)

<sup>44</sup> “[...] *situations, elements or ideas which imply specific contexts or type-scenes*”.

banquetes funcionam como uma “chave que estrutura o conto” (SASSON, 1997, p. 364) e que, muitas vezes, se conectam de maneira inesperada ou irônica (CLINES, 1984, p. 36-37). Um exemplo notável está na comparação entre o banquete de Hamã (Et 3:15) – que celebra por antecipação a destruição final dos judeus do império – e o banquete celebrado pelos judeus no capítulo 8 (Et 8:17), em que se festeja (também por antecipação) a reversão da sentença de morte. Nesse caso, Hamã não pôde festejar, pois estava pendurado na estaca, morto, de acordo com a sentença do rei Assuero (Et 7).

A festa de Purim encerra o livro de Ester e a sequência de banquetes descrita na narrativa. A conexão entre Purim e os demais banquetes (ou festas) é ratificada no comentário de Sandra Berg, que argumenta: “[...] o lugar de Purim na história torna-se particularmente aparente quando notamos o uso do narrador de um motivo de festas. Através deste motivo, ele estabelece uma ligação vital entre os eventos que levam à instituição do Purim e sua observância anual” (BERG, 1979, p. 47)<sup>45</sup>.

## 2.3 TEMAS ASSOCIADOS AO BANQUETE

Para Berg (1979, p. 17), o tema é “a mensagem ou ideia que o autor transmitiu ao usar os motivos da história [...], os ‘temas’ do Livro de Ester referem-se às ideias centrais e dominantes que fundamentam o uso de motivos pelo narrador e para as quais esses motivos apontam”<sup>46</sup>. Em Ester, são identificados vários temas, como poder, lealdade à comunidade judaica, reversões (BERG, 1979; FOX, 2001), honra e vergonha, e ausência de Deus (RUIZ-ORTIZ, 2017, p. 37-42). Desses, iremos destacar os dois principais: poder e reversão.

### 2.3.1 Poder e afirmação da realeza

É praticamente inviável falar do tema do poder sem mencionar sua ligação próxima com o motivo da realeza, pois o ambiente real forma o contexto dos banquetes no livro de Ester. Os dois primeiros banquetes do livro, que dão o tom da narrativa, são descrições de demonstrações públicas de poder e riqueza do rei Assuero (Et 1:1-9).

<sup>45</sup> “*Purim’s place in the story becomes particularly apparent when we note the narrator’s use of a motif of feasts. Through this motif, he establishes a vital link between the events which lead to the institution of Purim and its annual observance.*”

<sup>46</sup> “*the message or idea which the author conveyed by his use of the story’s motifs [...] the ‘themes’ of the Book of Esther refer to the central, dominant ideas which underlie the narrator’s use of motifs, and to which those motifs point.*”

A raiz hebraica מָלַךְ ([*mālak*] “reinar”) (BDB, 1977, p. 573) figura mais de 250 vezes no rolo de Ester associado ao rei, a rainha e ao império, formando assim o contexto real da narrativa. O tema do poder, portanto, deve ser analisado como inerente à dinâmica da corte. Algo interessante de ser notado é que, apesar de Assuero, o rei, estar no centro da configuração do poder, ele é representado pelo narrador como um personagem fraco, incapaz de tomar decisões por si mesmo, sempre recorrendo aos seus auxiliares em busca de conselho, sejam eles sábios (Et 1), sejam eles meros servos (Et 2) (RUIZ-ORTIZ, 2017, p. 35; BERG, 1979, p. 59). Conforme bem notou Michael Fox (2001, p. 173), embora Assuero “seja obcecado pela manifestação da autoridade, é surpreendentemente indiferente ao seu exercício real”<sup>47</sup>.

O exercício do poder não é emprestado apenas aos conselheiros do rei, mas também por meio do anel real, símbolo do poder e consentimento real. Em dois momentos, o rei entrega o anel a outrem; primeiro, para Hamã, concedendo a ele o poder de baixar o decreto para matar, destruir e aniquilar todos os judeus do império (Et 3:9-11). Mordecai também recebe o anel do rei e o poder de fazer um contradecreto para permitir que os judeus se defendam de seus adversários. Uma vez que o rei nunca diz “não”, especialmente para os judeus, “o livro de Ester tem sido descrito como um manual de como manipular o poder pelo bem do povo” (RUIZ-ORTIZ, 2017, p. 37)<sup>48</sup>.

### 2.3.2 Inversão de papéis e destinos

O tema mais importante no livro de Ester é o da reversão, especialmente a da sorte do povo judeu espalhado pelo império persa. Michael Fox e Ze’ev Weisman chegam a destacar que esse tema é um elemento estruturador da narrativa. Para eles, o enredo é costurado pela ideia de que o mal planejado contra os judeus recai sobre quem o planejou e sobre seus colaboradores, e o que acontece no final é o oposto do que se poderia esperar (FOX, 2001, p. 158; WEISMAN, 1998, p. 142).

No capítulo 9, dois versos resumem essa reviravolta no enredo:

No dia treze do duodécimo mês, que é o mês de Adar, quando chegou a palavra do rei e a sua ordem para se executar, no dia em que os inimigos dos judeus contavam assenhorear-se deles, sucedeu o contrário, pois os judeus é que se assenhorearam dos que os odiavam [...] (Et 9:1).

<sup>47</sup> “[...] is obsessed with the manifestation of authority, he is surprisingly indifferent to its actual exercise”.

<sup>48</sup> “The book of Esther has been described as a textbook of how to manipulate power for the good of the people”.

[...] os judeus tiveram sossego dos seus inimigos, e o mês que se lhes mudou de tristeza em alegria, e de luto em dia de festa; para que os fizessem dias de banquetes e de alegria, e de mandarem porções dos banquetes uns aos outros, e dádivas aos pobres (Et 9:22).

Essa mudança tão acentuada no enredo é reconhecida por Karen Jobes como um elemento da peripeteia, palavra esta definida por Aristóteles como quando resultados ou situações esperadas acabam, surpreendentemente, culminando no oposto do que se esperava (CUDDON, 2013, p. 528; FOX, 2001, p. 251).

Os usos deste termo por Aristóteles estavam ligados essencialmente com a tragédia, mas ele não se restringe a este gênero, podendo ser também aliada da comédia. Pois, “se a reversão é na direção da felicidade, a peripeteia é cômica” (FOX, 2001, p. 251)<sup>49</sup>. A peripeteia do livro de Ester termina com uma grande celebração: a festa de Purim.

Além disso, Fox (2001, p. 251) afirma que “em todos os casos, a peripeteia é irônica”. Isto porque, um dos elementos básicos da ironia é o jogo de oposição que o leitor observa. A oposição pode ser medida através da relação expectativa-ação, quando o que acontece, é o contrário do que se esperava (cf. KLEIN, 1989, p. 196).

O que vai mudar no reconhecimento da ironia na peripeteia é se a ironia vai ser cômica ou trágica. Como já mencionado, quando a reversão conduz a um desfecho positivo, a ironia é cômica, porém, quando não, então ela é trágica. No caso de Ester a ironia é cômica porque quem planeja o mal contra Mordecai e os judeus recebe o mal sobre si (Hamã e os demais inimigos dos judeus) (cf. FOX, 2001, p. 251).

A peripeteia, no entanto, como afirma Karen Jobes, não é apenas um recurso literário para o livro de Ester com uma função estética de tornar a história mais agradável. Para a autora, o livro de Ester é um exemplo de como forma e conteúdo interagem entre si em um texto (JOBES, 1999, p. 41). Através da estrutura de peripeteia, “as reversões trabalham juntas para governar a forma que lemos o livro e para transmitir uma visão de mundo particular” (FOX, 2001, p. 158)<sup>50</sup>.

Algo que chama atenção em Ester desde o primeiro capítulo até o último é como o mundo persa é ironizado pelo narrador, que transmite uma mensagem clara de que as reversões criam instabilidade no mundo da narrativa. As configuração das coisas pode mudar a qualquer momento.

<sup>49</sup> “If the reversal is in the direction of happiness, peripety is comic”.

<sup>50</sup> “reversals work together to govern the way we read the book and to convey a particular worldview”.

Ze'ev Weisman acrescenta que a ausência de controle sobre os eventos “está entremeada de ironia e uma grande dose de dúvida sobre a estabilidade da ordem das coisas [...]” (WEISMAN, 1998, p. 160)<sup>51</sup>. Essa instabilidade está diretamente relacionada com o rei e a corte Persa, e direcionando a responsabilidade para eles tal condição passa a ser motivo de humor.

Para Karen Jobes, é na mesa do banquete que muitas reversões irão acontecer, e ela destaca os banquetes de Purim, que encerram o contexto festivo do livro de Ester. Para a autora, essa festividade é a celebração não de uma libertação específica, mas da reversão de um destino aparentemente imutável. Em suas palavras, ela declara: “Purim não comemora nenhum dos eventos encontrados na história, mas [comemora] o tema incorporado pela história como um todo, que é a reversão do destino” (JOBES, 1999, p. 40, grifos acrescentados)<sup>52</sup>.

Ruiz-Ortiz também chama a atenção para como a reviravolta no destino dos personagens está intimamente ligada à reversão do enredo. Isso talvez fique mais evidente no conflito entre Hamã e Mordecai, especialmente quando os capítulos 3 e 8 são lidos lado a lado (cf. FOX, 2001, p. 159-162; JOBES, 1999, p. 156). As repetições de palavras acentuam a transformação de quem assume a posição de poder. Porém, é no capítulo 6 que a reversão da sorte dos dois é ironicamente apontada. Enquanto Mordecai recebe o favor do rei e é honrado publicamente, Hamã é humilhado, humilhação que cresce até o momento de sua morte, no capítulo 7 (RUIZ-ORTIZ, 2017, p. 38).

Outra mudança surpreendente, na narrativa, se dá no protagonismo de Ester. Embora ela comece sendo descrita em associação de verbos passivos no capítulo 2, ela se desenvolve a ponto de se tornar anfitriã de dois banquetes e conselheira do rei (Et 5, 7 e 9). Essas ações de Ester se tornam ainda mais interessantes quando lemos a cena de abertura do livro e identificamos o papel das mulheres no império persa e na corte do rei. Ester inverte as expectativas e se transforma numa rainha estrategista e protagonista. Expandiremos isso nos próximos capítulos.

---

<sup>51</sup> *It is laced with irony and a large measure of doubt about the stability of the order of things [...]*

<sup>52</sup> *“Purim does not commemorate any one of the events found within the story, but the theme embodied by the story as a whole, which is the reversal of destiny”.*

### 3 A MESA DO REI

#### 3.1 PRIMEIRO BANQUETE: EXPOSIÇÃO DA DINÂMICA DE PODER E HONRA-RIQUEZA (Et 1:1-4)

Nos dias de Assuero, o Assuero que reinou, desde a Índia até à Etiópia, sobre cento e vinte e sete províncias, naqueles dias, assentando-se o rei Assuero no trono do seu reino, que está na cidadela de Susã, no terceiro ano de seu reinado, deu um banquete a todos os seus príncipes e seus servos, no qual se representou o escol da Pérsia e Média, e os nobres e príncipes das províncias estavam perante ele. Então, mostrou as riquezas da glória do seu reino e o esplendor da sua excelente grandeza, por muitos dias, por cento e oitenta dias (Et 1:1-4).

É na abertura do livro de Ester que encontramos a primeira menção ao substantivo מִשְׁתֶּה (*mištêh*), e sua primeira aparição é também a mais extravagante de todas. O banquete oferecido pelo rei Assuero dura 180 dias, em contraste com o segundo banquete, em tempo de duração, com cerca de sete dias. Além de a festa se estender por tanto tempo, ela é uma ocasião para o rei demonstrar sua riqueza e excelente grandeza.

A duração da festa tem chamado a atenção de vários comentaristas que apontam para a inviabilidade histórica<sup>53</sup> e logística<sup>54</sup> de uma festa que durasse metade de um ano solar e que abrangesse tantos convidados, por isso alguns têm sugerido que esses números são hiperbólicos, um exagero dentre outros, característica da narrativa de Ester (FOX, 2001 p. 16; LEVENSON, 1997, p. 45). Há ainda outros desafios históricos, como o número de províncias e a subdivisão administrativa do império persa. Em vista dessa discussão, Fredric Bush (1996, p. 345) bem pontuou que, ao se dedicarem na tarefa de lidar com as questões históricas, muitos intérpretes acabam perdendo de vista o propósito narrativo da tal descrição. Para o autor, “pela escolha do maior número, a glória e a pompa do império é ampliada, contribuindo para o retrato sardônico presente em todo o capítulo” (BUSH, 1996, p. 345)<sup>55</sup>.

Em complemento ao comentário de Bush, David Clines vê essa descrição como importante para o restante da narrativa acrescentando que o narrador nos insere também nos valores do mundo persa. Clines (1984, p. 31) argumenta que esses exageros da cena inicial “servem ao propósito de estabelecer um tom de voz para a narrativa como um todo e para

<sup>53</sup> Para uma tentativa de justificação de plausibilidade histórica, ver Karen Jobes (1999, p. 60-62).

<sup>54</sup> Carol M. Bechtel (2002, p. 22) aponta esse problema ao comentar: “*Are we really to believe that the author of the book of Esther did not see any logistical problems with a banquet of this size and scope?*”

<sup>55</sup> “*By the choice of the larger number, the pomp and glory of the empire is magnified, contributing to the sardonic picture presented in this whole chapter.*”

mostrar ao leitor certos fatos significativos sobre os costumes e valores persas”<sup>56</sup>. Essa sugestão de Clines é interessante porque abre outras possibilidades de leitura sobre o valor simbólico-político do banquete oferecido por Assuero (BEAL, 1999, p. 1-2; BERLIN, 2001, p. 4).

Porém, qual era o objetivo de Assuero ao promover um banquete tão extravagante? Apesar de o narrador não explicitar a motivação de Assuero, o verso 4 parece sugerir que o rei buscava honra e engrandecimento pessoal<sup>57</sup>, exaltando a si mesmo na presença de seus convidados. Todavia, pela sua posição real, a exaltação própria se dá por meio da exaltação do império sob seu domínio.

De fato, nos primeiros versos o narrador apresenta Assuero nos termos de seu reinado (BERG, 1979, p. 33). Isso fica mais visível quando analisamos as ocorrências da raiz מלך nessa cena:

- ... o Assuero que *reinou* (הַמֶּלֶךְ)... (v. 1)
- ... assentando-se o *rei* Assuero no trono do seu *reino* (הַמְּלָכָה; מְלָכוּתוֹ)... (v. 2)
- ... no terceiro ano de seu *reinado* (לְמַלְכוּתוֹ)... (v. 3)
- ... mostrou as riquezas da glória do seu *reino* (מְלָכוּתוֹ)... (v. 4)

Essa recorrência de descrições sobre a posição real de Assuero e seu domínio no início do livro nos mostra que esse não é um tema leviano para a narrativa. Assim como os banquetes na cena de abertura preparam o leitor para o recorrente cenário festivo (cf. Wheelock, 2008, p. 126)<sup>58</sup>, de acordo com Timothy Laniak (1998, p. 38-39), as várias menções ao aparato real (posição, objetos [trono, riqueza], honra e poder) revelam que o “*status* real” é um ponto focal do livro. É nesse contexto real que o banquete é oferecido pelo rei. Por meio da demonstração pública de poder e honra (Et 1:4), seu *status* real é reafirmado. Diante disso, vale a pena um olhar mais detalhado sobre como honra e poder são emulados na descrição de Assuero e seu reino (STERN, 2010, p. 37).

A identificação de Assuero é acompanhada de sua posição real e da descrição de seu domínio, a começar pelo significado de seu nome אֲחַשְׁוֵרֹשׁ (’*ahashwêrōwōš*), que, relacionado à origem persa, poderia significar algo como “chefe dos governantes” (MOORE, 2008, p. 3)<sup>59</sup>.

<sup>56</sup> “[...] they serve the purpose of establishing a tone of voice for the narrative as a whole and for displaying to the reader certain significant facts about Persian mores and values.”

<sup>57</sup> Levenson aponta uma possibilidade para a motivação dos banquetes reais. Embora a maioria entenda como uma forma de demonstração de poder e riqueza, há também a possibilidade de ser uma celebração de casamento (como em Et 2:18). Assim, o pedido do rei para que Vasti aparecesse com sua coroa real não seria algo tão abrupto (LEVENSON, 1997 p. 46).

<sup>58</sup> Para Trisha Wheelock, “Banquets are important in the text because banqueting is important to Ahasuerus. By opening the narrative with an ostentatious banquet, the text emphasizes the banquet setting and suggests readers should expect recurring feasts” (WHEELLOCK, 2008, p. 126).

<sup>59</sup> “the chief of rulers”.

Porém, Adele Berlin aponta para um importante detalhe nessa descrição inicial: o narrador não se preocupa com identificar que rei é esse – é provável que houvera outros reis com o mesmo nome. Para a autora, o ponto aqui não é a identidade de Assuero em si, mas sim “delinear a extensão de sua soberania. Este era um Assuero que reinou sobre um enorme império” (BERLIN, 2001, p. 5)<sup>60 61</sup>.

A dimensão desse império é marcada pela expressão “desde a Índia até à Etiópia” e pelas suas 127 “províncias” (מַדְיָנָהּ [mādīnāh]) (Et 1:1), que, de acordo com Laniak (1998, p. 38), “afirma a extensão praticamente universal dessa soberania”<sup>62</sup>. O livro de Daniel faz menção a um número aproximado de 120 províncias (Dn 6:1), mas a diferença entre eles nos faz questionar por que o narrador de Ester teria optado por 127.

Apesar de parecer um problema sem solução, alguns comentaristas sugeriram respostas. Além das tentativas de procurar validação histórica, dois argumentos figuram entre os principais. O primeiro advém de uma leitura simbólica do número, sendo uma combinação de três números significativos na Bíblia Hebraica – 12, 10 e 7 –, representando perfeição, completude, totalidade, descanso, e que, associados a Assuero, simbolizavam a totalidade de sua soberania. Em outras palavras, todas as nações lhe eram sujeitas (PATON, 1908, p. 124; cf. BEAL, 1999, p. 4). O segundo tem a ver com a única outra vez em que o número 127 aparece na Bíblia Hebraica: no enterro de Sara, em Gênesis 23:1, em referência aos 127 anos que a matriarca viveu.

Essa observação feita por Adele Berlin e Jon Levenson é melhor desenvolvida por Jonathan Grossman, que analisa a ideia de separação entre marido e esposa nos dois capítulos ainda que por motivos diferentes – em Gênesis, Abraão e Sara são separados pela morte da matriarca, enquanto em Ester, Vasti será separada de Assuero, seu marido, por não o obedecer. Para Grossman (2011, p. 39), por meio dessa relação intertextual uma dualidade sobre o reino de Assuero é sutilmente apresentada: “[...] o narrador parece posicionar a caverna funerária ao lado do magnífico castelo; um marido chorando por sua esposa perdida é colocado ao lado de um rei bêbado distribuindo vinho a todos que o desejam”<sup>63</sup>. Ao mesmo tempo em que seu poder

<sup>60</sup> Citação na íntegra: “*It is not a question of identifying which Ahasuerus this is (as if there were other kings by the same name), but rather of delineating the extent of his sovereignty*”.

<sup>61</sup> Timothy Laniak (1998, p. 38) cita afirmações do historiador Heródoto (485 a.e.c.-425 a.e.c.), de que os persas atribuíam honra nacional por meio da extensão geográfica do domínio imperial.

<sup>62</sup> “*asserts the virtually universal extent of that sovereignty*”.

<sup>63</sup> “[...] *the narrator seems to position the burial cave alongside the magnificent castle; a husband weeping over his lost wife is placed beside a drunken king distributing wine to all who desire it*”.

é enaltecido, há um teor frívolo que acompanha sua apresentação. Essa característica do narrador será reforçada em outros versos mais à frente.

Em Ester 1:2, há uma diferente ênfase na descrição do espaço dominado por Assuero. Diferentemente da apresentação geral no primeiro verso, o foco agora está no domínio exercido a partir da “cidadela de Susã”, no palácio do rei, quando Assuero se assenta no “trono do seu reino”. Todos esses espaços estão associados ao seu poder real. Ao identificar isso, Timothy Beal mapeou o espaço desse mundo narrativo em termos de poder e honra. Para ele, há três “círculos concêntricos de poder” (BEAL, 1997, p. 18). O círculo central é ocupado por Assuero em seu trono (centro do círculo) e por seus oficiais. No segundo círculo de poder, está a cidadela de Susã, e o terceiro círculo abrange todas as províncias do reino persa (BEAL, 1997, p. 18).

A partir desse mapeamento, torna-se notável que poder e honra estão associados com a proximidade do rei. Assim, os lugares de maior honra são os que mais se aproximam do trono do rei, que é, por excelência, o “assento de honra” (HALOT, 2001, p. 487). Isso é percebido no verso 14, quando o narrador descreve quem ocupa os principais lugares do reino:

וְהַקָּרְבָּ אֵלָיו פְּרָשָׁנָא שְׁתָּר אֲדַמְתָּא תְּרִישִׁישׁ מְרָס מְרִסְנָא מְמוּכָן שְׁבַעַת שְׁרִיו פָּרַס וּמְדֵי רֵאִי פְּנֵי הַמְּלָךְ  
הַיְשָׁבִים רֵאשָׁנָה בַּמְּלָכוֹת:

“E os mais chegados a ele eram: Carsena, Setar, Admata, Társis, Meres, Marsena, e Memucã, os sete príncipes dos persas e dos medos, que viam a face do rei, e se assentavam como principais no reino [...]” (Et 1:14, ACF)

Os mais próximos (וְהַקָּרְבָּ [wəhaqqārōb]) do rei são aqueles que viam sua face (פְּנֵי [pənē]) e se assentavam (הַיְשָׁבִים [hayyōšəbīm]); mesma raiz do verso 2 [יָשָׁב], quando o rei se assenta no trono do seu reino) nos principais lugares do reino (בַּמְּלָכוֹת [bammalkūt]). A conexão com o verso 2 revela como a posição do rei comunica honra para aqueles que estão mais próximos a ele. Por outro lado, quando Hamã quer depreciar os judeus, no capítulo 3, ele afirma que esse grupo está “espalhado” (מְפֻזָּר [məpūzzār]) e “disperso” (וּמְפֻרָד [ūməpōrād]) entre os povos de todas as províncias (Et 3:8). Dessa maneira, os judeus são posicionados no nível mais baixo no *ranking* do império, entre os menos honrados (LANIAK, 1998, p. 39).

Quanto ao poder, no centro está um rei que parece ter tudo sob controle e que emana segurança para seus oficiais e para todo o império. Afinal, qual cenário, a não ser o de segurança, poderia tornar possível um banquete que contaria com a presença de seus oficiais e duraria 180 dias?

Outro aspecto importante dessa relação entre poder, honra e proximidade pode ser percebida por meio do uso do substantivo לְפָנָיו [ləpānāw], em Ester 1:3, que pode ser traduzido por “perante ele/diante da face dele”. Essa é a última palavra do verso 3, que encerra a lista dos convidados para o banquete oferecido pelo rei. Ao utilizar esse substantivo, o narrador condiciona o banquete a um espaço de honra: estar na presença do rei. No capítulo 1, o mesmo substantivo aparece nove vezes (de formas variadas)<sup>64</sup>, todas conectadas ao rei e carregando uma conotação de controle. É isto que sugere Beal (1997, p. 19): “[...] estar na presença do rei é – pelo menos aparentemente – estar sob seu controle”<sup>65</sup>. Isso fica ainda mais evidente quando Vasti se recusa a entrar na “presença do rei” (Et 1:11). Não estar na presença do rei tem sérias implicações nessa corte real. Conforme bem notou Laniak (1998, p. 49), no primeiro capítulo de Ester “presença implica visibilidade, exposição e responsabilidade”<sup>66</sup>.

Vale também considerar quem ocupa esse espaço de honra. Somente quem é convidado pode se aproximar da presença do rei. O primeiro banquete oferecido por Assuero é restrito à nobreza. A lista de convidados deixa claro que na Pérsia havia distinções de classe (GORDIS, 1976, p. 46), e o *status* social não era restrito apenas à posição do rei (topo da hierarquia social), mas também à posição dos convidados. De acordo com Laniak (1997, p. 39), “prioridade espacial sugere status. [...] A inclusão de títulos individuais e a identificação de grupos por sua proximidade com o rei fornecem pistas para o sistema de status”<sup>67</sup>.

Diante disso, Adele Berlin chama a atenção para o aspecto político que envolve o banquete oferecido por Assuero. A autora argumenta que a mesa do rei estava entre os elementos centrais da ideologia política da Pérsia. Ela afirma que “era uma indicação de alto status estar sentado à mesa do rei. De fato, os grupos de convidados mencionados neste versículo constituem a elite da sociedade persa” (BERLIN, 2001, p. 8)<sup>68</sup>.

No que diz respeito à descrição do domínio de Assuero nesses primeiros versos, a impressão é de que o narrador está orientando o leitor quanto ao aparato social que rege o mundo persa. A posição do rei é enaltecida, pois ele é o centro da configuração do poder e da honra. Ele está no topo da hierarquia social, agraciado com um domínio completo e seguro (LANIAK, 1998, p. 39).

<sup>64</sup> Ester 1:3, 10, 11, 13, 14, 16, 17 e 19 [2x].

<sup>65</sup> “[...] *to be in the king’s presence is – at least ostensibly – to be under his control.*”

<sup>66</sup> “*Presence implies visibility, exposure, and accountability.*”

<sup>67</sup> “*spatial priority suggest status. [...] The inclusion of individual titles and the identification of groups by their proximity to the king provide clues to the status system.*”

<sup>68</sup> “*It was a mark of high status to be seated at the king’s table. Indeed, the groups of guests mentioned in this verse constitute the elite of Persian society.*”

Assuero aproveita a ocasião do banquete para demonstrar a todos os seus convidados suas riquezas e sua grandeza (Et 1:4). Seu domínio e poder devem ser visualizados por todos. Assim, por 180 dias, tempo de duração do banquete, os convidados não apenas satisfazem o paladar com a generosidade do rei, mas são também sua plateia enquanto ele exhibe sua ostensiva riqueza.

O banquete e a ação do rei de mostrar (Et 1:4; בְּהַרְאֹתוֹ) [*bəhar'ōtōw*] as riquezas estão conectados pela dinâmica das ações do rei até aqui. Do primeiro verso ao quarto, cinco formas verbais marcam as ações do rei: “reinou” (v. 1); “assentando-se o rei” (v. 2); “seu reinado”; “deu um banquete” (v. 3) e “mostrou as riquezas” (v. 4). No entanto, o verbo הִרְאָה, que aparece no verso 4, está no tronco *hifil*, no modo infinitivo construto, o que enfatiza a ação do rei (é ele quem faz com que todos vejam as qualidades do seu reino) e a coloca em complemento à ação anterior (“deu um banquete” [Et 1:3]), sendo traduzida por alguns comentaristas como “mostrando” (cf. LEVENSON, 1997, p. 42; FOX, 2001, p. 14)<sup>69</sup>.

Logo na sequência, o texto descreve o que é exibido pelo rei. Em um “paralelismo balanceado” (BUSH, 1996, p. 342)<sup>70</sup>, o verso parece destacar, por meio do sinal do objeto direto (תָּא [’*eṭ*]), os atributos exaltados pelo rei.

בְּהַרְאֹתוֹ אֶת־עֵשֶׂר כְּבוֹד מַלְכוּתוֹ  
וְאֶת־יָקָר תְּפָאֲרַת גְּדוּלָּתוֹ  
יָמִים רַבִּים  
שְׁמוֹנִים וּמָאתַיִם יוֹם:

“exibindo a riqueza abundante de seu reino  
e a esplêndida honra de sua grandeza,  
por muitos dias  
– 180 ao todo” (FOX, 2001, p. 14)<sup>71</sup>.

As duas linhas em paralelo mostram objetos diferentes. A primeira se refere à riqueza, e a segunda enfatiza o esplendor da honra do rei. Enquanto há muitas alternativas de tradução

<sup>69</sup> Outros autores seguem nessa mesma direção, embora com diferenças: “*putting on display [...]*” (BUSH, 1996, p. 339); “*and displayed [...]*” (MOORE, 2008, p. 1); “*[...] he displayed*” (JOBES, 1999, p. 57).

<sup>70</sup> Citação na íntegra: “*The circumstantial clause that follows (v. 4) exhibits perfectly balanced parallelism*”. A organização do verso adotada na sequência é sugerida pelo mesmo autor.

<sup>71</sup> “*displaying the opulent wealth of his kingdom and the splendid honor of his greatness, for many days – 180 in all*”. As linhas foram adaptadas da tradução para dialogar com a estrutura do verso que adotamos.

para esse verso, citamos a tradução de Michael Fox porque ela marca bem essas duas ênfases presentes no texto hebraico (FOX, 2001, p. 14; cf. LANIAK, 1998, p. 44-45).

Embora a sugestão acima pareça criar uma dicotomia entre substância material (riqueza) e outra não material (honra), o paralelismo entre os substantivos  $\text{רִשְׁוֹן}$  ([*'ōšer*]; “riqueza”) e  $\text{קָרָן}$  ([*yəqār*]; “honra/preciosidade”) forma uma associação significativa para a noção de honra real. A honra é apresentada aqui como substância, como aquilo que tem valor, nesse caso, riqueza abundante. Portanto, não seria exagero afirmar que, ao demonstrar sua riqueza, Assuero estava procurando glorificar a si mesmo ou reforçar sua honra diante de seus subordinados.

O termo  $\text{קָרָן}$  [*yəqār*] merece consideração especial. Ele aparece dez vezes no livro de Ester (1:4, 20; 6:3, 6[2x], 7, 9[2x], 11; 8:16), mais do que em qualquer outro livro da Bíblia Hebraica (BEAL, 1999, p. 6). Usado comumente em referência a objetos preciosos (Jr 20:5; Ez 22:25; Sl 49:13, 21), é somente no livro de Ester que *yəqār* será utilizado para designar honra (BDB,<sup>72</sup> 1977, p. 430; HALOT,<sup>73</sup> 2001, p. 432), a qual pode ser entendida também como “exibição pública e consolidação do poder em contraste com a humilhação e/ou subordinação do outro [...]” (BEAL, 1999, p. 6)<sup>74</sup>.

Timothy Laniak, por sua vez, segue pelo mesmo caminho ao argumentar que o uso de *yəqār* no sentido de honra, em Ester, não desconsidera a ideia de algo precioso ou de valor associado à palavra. Para ele, o termo apresenta essa relação de valor. O autor afirma:

*Yəqār*, o termo comum para honra em Ester é principalmente um termo de valor que pode ser traduzido como “precioso” ou “caro”. O que é valorizado é o que é honrado e o que é honrado é o que é valorizado. Colocado na forma verbal, honrar é valorizar e valorizar é honrar. Materiais preciosos são “símbolos de status” apropriados para o rei. Isso é verdade, não apenas por causa de uma homologia percebida entre as esferas correspondentes da realidade, mas também porque o valor ou a honra são atribuídos ao rei como resultado de sua posse desses objetos valiosos (LANIAK, 1998, p. 40)<sup>75</sup>.

<sup>72</sup> Sigla do dicionário hebraico bíblico de Brown, Driver e Briggs (1977): *Hebrew and English Lexicon of the Old Testament*.

<sup>73</sup> Sigla de *The Hebrew and Aramaic Lexicon of the Old Testament* (KOEHLER; BAUMGARTNER, 2001).

<sup>74</sup> “*public display and consolidation of power over against another’s humiliation and/or subordination [...]*”.

O autor dá três exemplos diretos para descrever essa dinâmica de consolidação ou exaltação atrelado à honra por via de subordinação de outrem. O primeiro é em Ester 1:20, verso que descreve o decreto do rei de que as mulheres deveriam honrar o marido por meio da subordinação. Outro exemplo é do capítulo 6 no contexto de exaltação pública de Mordecai. A honra que Mordecai recebe está em contraste com a humilhação que Hamã experimenta. O terceiro exemplo é o texto de Ester 8:16-17, em que o termo aparece na descrição da alegria dos judeus diante de sua exaltação coletiva (novo decreto), enquanto o povo da Pérsia experimenta medo (BEAL, 1999, p. 6).

<sup>75</sup> “*Yəqār, the common term for honor in Esther, is primarily a value term which might be translated ‘precious’ or ‘costly’. What is valued is what is honored and what is honored is what is valued. Put in*

É certo que no segundo banquete (Et 1:5-8) encontramos uma descrição mais detalhada dos objetos dispendiosos que compunham a mesa do rei e o cenário exuberante de sua festa, porém as descrições de riqueza do verso 4, apesar de não mencionar detalhes, estão conectadas com *status* e honra quando comparadas a outras ocorrências na Bíblia Hebraica.

O par de substantivos, no construto na primeira linha do verso, עֲשֶׂר כְּבוֹד (‘*ōšer kabōwd*); “riqueza” e “glória”), serve como um primeiro exemplo. Ao todo, são 14 ocorrências na Bíblia Hebraica, e, na maioria dos casos, esses substantivos aparecem como uma dádiva divina (1 Rs 3:13; Ec 6:2; 1 Cr 29:12, 28; 2 Cr 1:12), seguidos de recompensa por se dedicarem à sabedoria (Pv 3:16; 8:18; 22:4<sup>76</sup>) e no contexto de afirmação de um reinado ou de uma posição (Et 1:4; 5:11), demonstrando que, no tempo de reinado de determinado rei, ele foi bem-sucedido – exemplos de Josafá e Ezequias (2 Cr 18:1; 32:27)<sup>77</sup>.

A partir desses usos, todos em um contexto positivo, a impressão é de que a escolha desses substantivos pelo narrador de Ester forma traços positivos na caracterização de Assuero. O rei persa poderia estar sendo, ainda que de modo indireto, associado com a bênção divina, com uma pessoa sábia, a exemplo de Salomão, ou com um rei bem-sucedido tal qual Josafá ou Ezequias.

Em seu comentário sobre esse verso, Jonathan Grossman (2011, p. 42) chega a explorar outras relações entre as narrativas dos reis Assuero e Salomão, em Ester e 1 Reis, pontuando semelhanças entre os banquetes oferecidos por eles e o tema da realeza, como, por exemplo, um banquete oferecido pelos dois aos seus cortesãos, ambos no terceiro ano de seu respectivo reinado (Et 1:3-4; 1 Rs 3:15)<sup>78</sup>.

O mesmo autor destaca que, em ambas as histórias, o par de palavras עֲשֶׂר וּכְבוֹד (riqueza e glória) é usado como um “motivo central” (GROSSMAN, 2011, p. 42), embora com implicações diferentes para a caracterização de cada rei. Ele argumenta que, enquanto Assuero

---

*verbal form, to honor is to value and to value is to honor. Precious materials are appropriate ‘status symbols’ for the king. This is true, not only because of a perceived homology among corresponding spheres of reality, but also because worth or honor is ascribed to the king as a result of his possession of these valued objects.”*

<sup>76</sup> Aqui, a recompensa vem pela atitude de humildade e temor ao Senhor: “O galardão da humildade e o temor do Senhor são riquezas (עֲשֶׂר), e honra (כְּבוֹד), e vida” (Pv 22:4).

<sup>77</sup> Os textos de 2 Crônicas 1:11 (Deus, em sonho, propõe um pedido para Salomão incluindo riqueza e honra) e 17:5 (Deus confirmando o reino de Josafá, fazendo-o receber riqueza e honra) completam o número total de 14 ocorrências.

<sup>78</sup> O autor considera, em sua análise, temas em comum entre as narrativas. A descrição temporal, referindo-se ao terceiro ano do reinado de Salomão (1 Rs 2:39; 3:15) não aparece na mesma cena do banquete, mas a sequência dos eventos nos dois capítulos em questão (1 Rs 2 e 3) torna o leitor ciente de que o banquete acontece no terceiro ano do reinado de Salomão (cf. GROSSMAN, 2011, p. 42-43).

promove um banquete para mostrar sua riqueza e glória (Et 1:4), Salomão abdica de pedir isso quando Deus lhe oferece a chance de escolher o que ele quisesse (1 Rs 3:5). No lugar de honras e glória, Salomão prefere pedir por um “coração compreensivo” (1 Rs 3:9). Diante disso, Deus se agrada da escolha de Salomão e decide conceder-lhe um “coração sábio”, além de presenteá-lo com riquezas e honra: “Também até o que me não pediste eu te dou, tanto riquezas como glória; que não haja teu igual entre os reis, por todos os teus dias” (1 Rs 3:13).

Edward Greenstein também observou conexões entre as duas narrativas<sup>79</sup> e destaca o contraste entre os dois reis. Para o autor, Assuero se vangloria de sua riqueza exuberante enquanto lhe falta um coração sábio como o de Salomão (GREENSTEIN, 1987, p. 230). Jonathan Grossman amplia a leitura de Greenstein ao comentar que, de certa maneira:

Assuero tenta “imitar” o reinado de Salomão, enfatizando as riquezas e glória que ele alcançou, como Salomão. No entanto, ele consegue imitar apenas o aspecto mais superficial do reino de Salomão, permanecendo desprovido de seu valor interior, o “coração compreensivo” (GROSSMAN, 2011, p. 43)<sup>80</sup>.

Ao mesmo tempo em que a figura de Assuero parece ser enaltecida quando comparada à de Salomão, especialmente no contexto de reis bem-sucedidos, conforme sugerido pelos substantivos riqueza e honra, a conexão com a narrativa de Salomão, em 1 Reis, parece insinuar certa depreciação da atitude do rei persa, destacando-se o contraste na relação entre riqueza, honra e sabedoria. Essa é uma característica do narrador de Ester, conforme mencionado, mas que talvez não se limite à unidade do livro de Ester, sendo possível perceber o mesmo recurso num nível intertextual de leitura.

Outro exemplo de como as palavras do verso 4 remetem a outras passagens, em que o tema da honra, do poder e da realeza estão presentes, pode ser encontrado na análise da expressão מְלִכּוּתָא קְבוֹד ([*kəbōwd malkūtōw*]; “glória de seu reino” ou “sua glória real”). Esses dois substantivos aparecem juntos apenas três vezes em duas passagens da Bíblia Hebraica: Ester 1:4 e duas vezes em Salmos 145:11-12.

O Salmo 145 é um hino acróstico de louvor a YHWH, a quem o salmista se refere como “Deus meu” e “Rei” (Sl 145:1). Ele exalta o nome de Deus, sua grandeza (גִּדְלוֹ; v. 3), o “glorioso

<sup>79</sup> Greenstein (1987, p. 230) ainda compara o extenso domínio que os dois reis compartilham (Et 1:1; 1 Rs 5:1, 4). Porém, para o autor essa aproximação entre Assuero e Salomão se dá como um meio de caracterizar Assuero como uma antítese do sábio rei de Israel.

<sup>80</sup> “*Ahasuerus tries to ‘imitate’ the kingship of Solomon by emphasizing the riches and glory that he has attained, like Solomon. However, he succeeds in imitating only the most superficial aspect of Solomon’s kingdom, while remaining devoid of its inner value, the ‘understanding heart’.*”

esplendor da sua majestade” (פְּבוֹד הַיְהוָה v. 5) e o domínio de Seu reino, que é para sempre (v. 13). Essa linguagem real é tão presente no salmo, que Walter Brueggemann e Bellinger Jr. (2014, p. 605) chegam a afirmar que “a realeza ou domínio de YHWH é um tema central no Salmo 145. A raiz da palavra para rei, *mālāk*, é usada quatro vezes nos versículos 11-13 para enfatizar o reinado de YHWH. O salmo é um retrato poético de YHWH como rei [...]”<sup>81</sup>. Assim, o salmo estaria remetendo à qualidade divina de realeza, retratando Deus como parâmetro de majestade e honra.

É nesse contexto que פְּבוֹד e מְלָכוּת aparecem nos versos 11 e 12:

פְּבוֹד מְלָכוּתְךָ יִאֲמְרוּ  
וּגְבוּרָתְךָ יִדְבְּרוּ:  
לְהוֹדִיעַ לְבְנֵי הָאָדָם גְּבוּרָתְךָ  
וּכְבוֹד הַדָּר מְלָכוּתְךָ:

“Falarão da glória do teu reino  
e confessarão o teu poder,  
para que aos filhos dos homens se façam notórios os teus poderosos feitos  
e a glória da majestade do teu reino” (Sl 145:11-12)<sup>82</sup>

No salmo, a glória (פְּבוֹד) do reino de YHWH será transmitida para sempre, de geração em geração, por meio do testemunho de seus súditos fiéis (v. 10). YHWH não precisa enaltecer e “glorificar” a si mesmo porque Suas obras e Seus súditos se encarregam disso (v. 11-12). E uma das ações características do reinado de YHWH é que Ele é um rei provedor. Ele mantém e dá o alimento (אֶכְלָם [’āḱālām]) a todos sob o seu cuidado (v. 14-15).

Essa mesma característica pode ser percebida no banquete oferecido pelo rei Assuero. Ele é o anfitrião generoso que oferece provisão para 180 dias de festa aos seus convidados. Um detalhe importante na descrição do banquete é que tudo que está sendo oferecido ou ostentado (riqueza, poder, honra) é propriedade do rei. O uso de *malkūt* marca o capítulo 1, seja na descrição do verso 4, seja no segundo banquete (Et 1:5-9), em que “todas as coisas *malkut* são capital material para a honra do rei” (LANIAK, 1998, p. 46). Assim, ao ser um provedor generoso, Assuero demonstra sua própria honra e a assegura diante de todos os convidados que participam de sua provisão (LANIAK, 1998, p. 44).

<sup>81</sup> “the kingship or dominion of YHWH is a central theme in Psalm 145. The root word *mālāk* for king is used four times in verses 11-13 to emphasize YHWH’s reign. The psalm is a poetic portrayal of YHWH as king with a strong tie to creation language.”

<sup>82</sup> Versificação extraída de Brueggemann e Bellinger Jr. (2014, p. 602).

A demonstração das posses do rei, na ocasião do primeiro banquete, também é acompanhada de uma preocupação estética. Pelo menos é o que sugere o uso das palavras יָקָר ([*yəqār*] “honra, preciosidade”) e תִּפְאָרָה ([*tip’eret*] “glória, esplendor, brilho”)<sup>83</sup>, em Ester 1:4. O substantivo תִּפְאָרָה (*tip’eret*), em especial, aparece na Bíblia Hebraica cerca de 51 vezes, em diferentes contextos, como para descrever as vestes sagradas dos sacerdotes (Êx 28:2, 40), o trono (1 Sm 2:8; Is 22:23; Jr 14:21), o templo (Ag 2:9; Sl 29:9; Ed 7:27) e, sobretudo, coroas (Pv 4:9; 20:29) (HAUSMANN, 2001, p. 464-465)<sup>84</sup>.

Essas duas palavras aparecem juntas apenas em outro texto da Bíblia Hebraica (2 Cr 3:6), na edificação do templo de Salomão, num sentido notavelmente estético.

וַיִּצַף אֶת־הַבַּיִת אֲבָן יְקָרָה לְתִפְאָרָתוֹ וְהַזָּהָב זָהָב פְּרָוַיִּם:

“E ele revestiu a casa com esplêndidas pedras preciosas, e o ouro era ouro de Parvaim” (ALTER, 2019, p. 928).<sup>85</sup>

Embora no texto de 2 Crônicas 3:6 יְקָרָה ([*yəqārāh*]; “preciosas”) apareça como adjetivo, e não na forma substantiva, como em Ester 1:4, isso não parece afetar a dimensão estética que é reforçada na combinação entre as duas palavras tanto em 2 Crônicas quanto em Ester.

Nos dois últimos “objetos” mostrados pelo rei Assuero, a conexão entre a apresentação do rei persa, seu reino e o templo ganha mais um elemento. É somente nesses dois textos (Et 1:4 e 1 Cr 29:11) que תִּפְאָרָה (*tip’eret*) e גְּדוּלָּה ([*gədullāh*]; “majestade, grandeza”) aparecem juntos. No texto de 1 Crônicas 29, Davi convoca o povo a trazer doações para a construção do templo, e ele exalta a glória (*tip’eret*) e a grandeza (*gədullāh*) de YHWH na presença de todos (v. 11). Davi reconhece a generosidade do Deus de Israel, que era o grande responsável por toda a provisão que estava sendo doada para o templo (v. 16). E, a fim de encerrar a celebração desse momento, todos compartilham uma mesa festiva: “Comeram e beberam, naquele dia, perante o SENHOR, com grande regozijo” (1 Cr 29:22).

Algo que parece estar presente nos exemplos mencionados é que *tip’eret* não apenas descreve aspectos visuais, mas também provoca admiração (LANIAK, 1998, p. 47). No exemplo acima, Davi exalta o nome de YHWH, Sua glória, por tudo que Ele proporcionou ao

<sup>83</sup> “*glory, splendour, radiance*” (HALOT, 2001, p. 1.772).

<sup>84</sup> Outros exemplos: Isaías 13:19; 28:1, 4; 60:19; Jeremias 13:20; Ezequiel 16:12; 23:42; Salmos 96:6.

<sup>85</sup> “*And he overlaid the house with splendid precious stones, and the gold was gold from Parvaim.*”

Seu povo. Mas ele não apenas contempla as ações de YHWH. Sua admiração o conduz a bendizer o Deus de Israel (1 Cr 29:10-20).

Além do primeiro banquete de Assuero (Et 1:3-4), há outros casos em que *tip'eret* é usado na Bíblia Hebraica para retratar um rei estrangeiro orgulhoso. Hausmann (2001, p. 465), em sua análise da palavra ao longo da Bíblia Hebraica, menciona que alguns textos associam *tip'eret* com glória, orgulho ou arrogância de um rei, ou povo. Em Isaías 10:12, por exemplo, o profeta anuncia o confronto de YHWH com o altivo rei da Assíria: “[...] castigará a arrogância do coração do rei da Assíria e a desmedida altivez dos seus olhos”<sup>86</sup>. Outro exemplo é o de Isaías 28:1, 4, em que a “soberba coroa dos bêbados de Efraim” é comparada com a “gloriosa formosura” (תִּפְאַרְתּוֹ צָבָי) da flor que murcha.

Em contraste, no verso 5 YHWH é descrito como o “formoso diadema” (לְצִפְיֶיהָ תִּפְאַרְתּוֹ) para os remanescentes. Os arrogantes possuem uma beleza efêmera. Sua glória é temporária quando comparada com a glória de Deus (LANIAK, 1998, p. 47). Eles projetam sobre si uma visão que é minada pela glória e honra de alguém superior, o Deus de Israel. Estaria o narrador do livro de Ester, por meio das palavras escolhidas, formando uma espécie de “sombra” divina sob a exibição pública da honra-riqueza de Assuero?

Com base no que foi analisado até aqui, assim como a dinâmica espacial que revolvía em torno do rei Assuero e a proximidade do monarca, que resultava em visibilidade e submissão, demandas parecem acompanhar as descrições de sua honra-riqueza. Isso é corroborado, de acordo com Timothy Laniak, por meio da repetição do verbo הָרָא no capítulo 1. No verso 4, o verbo está no tronco *hifil*, no modo infinitivo (בְּהַרְאוֹתוֹ [*bəhar'ōtōw*]; “exibindo, mostrando”), e espelha, de certa maneira, a ordem do rei no verso 11, em que o mesmo verbo ocorre, no mesmo tronco e modo verbal, mudando apenas a preposição (v. 4, preposição ב; v. 11, preposição ל), no contexto da ordem do rei para que Vasti fosse trazida ao banquete de Assuero a fim de que ele a exibisse (לְהַרְאוֹתוֹ [*ləhar'ōwtō*]; “para mostrar, exibir”) aos seus convidados (LANIAK, 1998, p. 40)<sup>87</sup>.

<sup>86</sup> Há também menções a povos, como em Is 20:5, em que o Egito, proibido aliado de Israel, é chamado, ironicamente, de “sua glória”. Outro exemplo é o de Isaías 13:19: “Babilônia, a joia dos reinos, glória [*tip'eret*] e orgulho dos caldeus, será como Sodoma e Gomorra, quando Deus as transtornou” (Is 13:19; grifos acrescentados).

<sup>87</sup> A terceira e última ocorrência do verbo הָרָא se encontra no verso 14, mencionado para enfatizar a dinâmica espacial, em que a honra da maior proximidade com o rei é descrita relacionada àqueles que viam a face do rei (רְאִי פָנַי הַקְּלֶדָּה).

O autor em comento acrescenta, ainda, que com *yəqār* não é diferente. O *yəqār* que o rei exhibe para todos, no verso 4, é o mesmo que deve ser desfrutado individualmente pelos homens, em sua respectiva casa, no verso 20. Cabe às mulheres cumprir a exigência de dar (יִטְנֶנּוּ [yittānū]) *yəqār* ao marido (LANIAK, 1998, p. 40-41). Nesse sentido, honra projetada ou exibida implica demandas; parece exigir obediência e submissão, ainda mais considerando a diferença de *status* social presente na relação entre o rei e seus convidados.

Timothy Beal (1999, p. 7) resume a questão da seguinte maneira: “Ter honra, então, é ter status e poder publicamente reconhecidos em contraposição à subordinação pública de outro. O objetivo do rei com as festas no capítulo 1 é ‘exibir’ sua honra e grandeza ‘na presença’ daqueles inferiores a ele”<sup>88</sup>.

### 3.2 SEGUNDO BANQUETE: PODER, CONTROLE E JULGAMENTO (Et 1:5-8).

Passados esses dias, deu o rei um banquete a todo o povo que se achava na cidadela de Susã, tanto para os maiores como para os menores, por sete dias, no pátio do jardim do palácio real. Havia tecido branco, linho fino e estofas de púrpura atados com cordões de linho e de púrpura a argolas de prata e a colunas de alabastro. A armação dos leitos era de ouro e de prata, sobre um pavimento de pórfiro, de mármore, de alabastro e de pedras preciosas. Dava-se-lhes de beber em vasos de ouro, vasos de várias espécies, e havia muito vinho real, graças à generosidade do rei. Bebiam sem constrangimento, como estava prescrito, pois o rei havia ordenado a todos os oficiais da sua casa que fizessem segundo a vontade de cada um (Et 1:5-8).

Após ter oferecido um banquete exclusivo aos seus oficiais, o alto escalão do império persa, o rei Assuero decide fazer um segundo banquete, que seria apreciado por todos na cidadela de Susã. Embora com menor tempo de duração, apenas sete dias (Et 1:5), o banquete do rei novamente parece ser o cenário favorável para uma exibição de honra-riqueza e poder. Ao que parece, não satisfeito com sua exaltação própria diante das figuras mais importantes do império, numa esfera restrita, privada, o rei volta sua atenção para uma exibição pública e mais abrangente (BEAL, 1999, p. 7).

A descrição do banquete começa mencionando a cidadela de Susã (v. 5), que forma o segundo círculo de poder proposto por Timothy Beal (1997, p. 18), já indicado na seção anterior. Logo em seguida, encerrando o verso, a descrição começa a ficar mais específica. O banquete será celebrado no “pátio do jardim do palácio do rei”<sup>89</sup> (בְּהֵיטָר גִּבְתַּת בְּיַתְּנֵן הַמֶּלֶךְ). Ao mesmo tempo em que o ambiente do palácio parece indicar proximidade com o rei (perto do

<sup>88</sup> “To have honor, then, is to have publicly recognized status and power over against another’s public subordination. The king’s aim for the parties in chapter 1 is to ‘display’ his honor and greatness ‘in the presence of those under him”.

<sup>89</sup> Tradução própria.

trono real), a comparação com o banquete anterior sugere certo distanciamento entre os convidados e o rei. Enquanto no verso 5 o palácio parece o símbolo da proximidade, os convidados, no verso 3, desfrutam o banquete na presença do rei e assistem à sua exibição “diante dele” (לְפָנָיו). Soma-se a isso a indicação de que a festa foi preparada no jardim do palácio, o que sugere um ambiente externo (FOX, 2001, p. 16).

Para Adele Berlin e Fredric Bush, isso fica ainda mais notável ao analisarmos o substantivo בֵּיתָן ([*bîtan*]), uma palavra aramaica que deriva do acadiano *bitānu* e que se refere à prática (associada aos assírios) de ter um jardim e um pavilhão aberto no terreno do palácio. Em toda a Bíblia Hebraica, ela só aparece no livro de Ester, e parece apontar para um espaço de banquete externo, o que seria um ambiente mais apropriado para receber um número maior de convidados (BERLIN, 2001, p. 8; BUSH, 1996, p. 347)<sup>90</sup>.

Tanto o pavilhão quanto o jardim compõem a cena do segundo banquete de Ester, no capítulo 7. Nessa ocasião, a rainha recebe o rei Assuero e Hamã para um banquete privado, e diante da revelação feita por Ester, Assuero, furioso, se levanta e vai até o “jardim do palácio” (וְגַן הַבַּיְתָן; v. 7), ao que parece, uma área anexa ao lugar do banquete (Et 7:8) (BUSH, 1996, 347; FOX, 2001, p. 16).

Outro aspecto importante a ser considerado é quem pode acessar esse espaço. O narrador aponta que banquete é abrangente, é “para todo o povo” (לְכָל־הָעָם; [*lakāl hā‘ām*] v. 5) que estava em Susã, “do maior ao menor” (לְמִגְדוֹל וְעַד־קְטָן; [*lamiggādōwl wə ‘adqātān*] v. 5). Essa descrição contrasta o acesso restrito do primeiro banquete, limitado à elite persa. Porém, ao estender o acesso do segundo banquete a todos, do maior ao menor, estaria o narrador sugerindo um apagamento do *ranking* de *status* real?

Para Adele Berlin, a maior amplitude da festa não anula as diferenças de *status*. Ela comenta que a expressão “do maior ao menor” “não é incomum e significa a totalidade das pessoas, mas neste contexto pode também sugerir a consciência da hierarquia social [...]” (BERLIN, 2001, p. 9)<sup>91</sup>. De modo semelhante, Carey Moore (2008, p. 7) argumenta que a frase “provavelmente se refere aqui à classe”, retratando, portanto, níveis de importância (cf. 2 Cr 15:13; 1 Sm 30:19). Assim, o banquete envolveria todas as classes da ordem social, com exceção das mulheres, que participam de um banquete separado (Et 1:9).

<sup>90</sup> Michael Fox (2001, p. 16) sugere que esse pavilhão aberto no jardim do palácio serviria como uma “recepção pública”, uma vez que não caberiam todos os habitantes de Susã no jardim de uma só vez.

<sup>91</sup> “is not unusual and signifies the totality of people, but in this context, it may also hint at the consciousness of social hierarchy [...]”.

A exclusão das mulheres é contrabalançada com a abrangência característica do segundo banquete. A definição de “todo o povo” não inclui mulheres. Tanto o primeiro quanto o segundo banquetes do rei indicam um espaço compartilhado apenas por homens. Ao observar essa dinâmica espacial, Timothy Beal (1999, p. 1) argumenta o seguinte: “[...] o que se torna especialmente claro à medida que o espaço político toma forma no capítulo 1 é que o arranjo político da nação do rei, e da identidade nacional, implica e são implicadas pelo arranjo político dos sexos<sup>92</sup> e da identidade sexual”<sup>93</sup>.

Embora o primeiro capítulo estabeleça que as mulheres não tomam parte na mesa do rei, a regulamentação da proximidade com o monarca não se resume à diferença entre os sexos<sup>94</sup>. Isso fica evidente no capítulo 4 de Ester, em que é demonstrado ser conhecido por todos os servos do rei que nenhum homem ou nenhuma mulher poderia entrar no “pátio interior” (תְּהִיָּה הַפְּנִימִית [hehāšêr happəṇîmîṭ]) para falar com rei, a não ser que fosse chamado(a) (Et 4:11). No entanto, reconhecer essa espécie de política dos sexos ao redor da mesa do rei, no capítulo 1, é importante para o contexto dos capítulos 5 e 7, nos banquetes da rainha Ester.

Os versos 6 e 7 descrevem detalhadamente os dispendiosos ornamentos que compunham a cena do banquete. Para Timothy Beal, a preocupação do narrador com os detalhes da ornamentação marca uma diferença entre o modo de narrar nos dois primeiros banquetes de Assuero. Para o autor, “a primeira festa foi descrita como se fosse de um ponto de vista externo: apenas aqueles que estavam presentes e a duração são dados. A segunda festa, em contraste, é descrita de um ponto de vista interno”<sup>95</sup> (BEAL, 1999, p. 7). Timothy Laniak acrescenta, ainda, que essa mudança provoca um efeito no leitor, inserindo-o na cena a partir da experiência

<sup>92</sup> Para outros exemplos de como esta abordagem é desenvolvida e aplicada à Bíblia Hebraica, conferir FUCHS, Esther. *Sexual politics in the biblical narrative: reading the Hebrew Bible as a woman*. **Journal for the Study of the Old Testament Supplement Series**. London; New York: Sheffield Academic Press, v. 310, 2003.

<sup>93</sup> “[...] what becomes especially clear as the political space takes shape in chapter 1 is that political ordering of the king's nation and of national identity implicate and are implicated by the political ordering of the sexes and sexual identity”.

<sup>94</sup> O capítulo 1 forma a ideia de distanciamento e proximidade e descreve que o acesso aos espaços de honra é regulado e restrito. Essa dinâmica no capítulo de abertura toma como exemplo a não participação das mulheres no maior espaço de honra – partilhar da mesa festiva do rei Assuero. No entanto, essa dinâmica será desenvolvida no enredo principalmente em relação aos judeus. Pelo decreto de morte promovido por Hamã (Et 3), eles seriam privados de ocupar o espaço de Susã e das províncias do império. Esse é o principal conflito da história, que encontra sua origem no texto de Ester a partir do que é apresentado no primeiro capítulo.

<sup>95</sup> “the first party was described as though by an outsider: only those present, and the duration are given. The second party, by contrast, is described from an insider point of view”.

sensorial. Ele argumenta que “nós, leitores, somos posicionados em plena vista das regalias e esperamos sentir a intensidade da sensação visual”<sup>96</sup> (LANIAK, 1998, p. 47).

A descrição minuciosa do ambiente do banquete também chama a atenção por ser incomum nas narrativas bíblicas<sup>97</sup>. Conforme bem notou Robert Alter (2019, p. 718), “este extenso catálogo de itens suntuosos é um dos marcos do estilo distinto de Ester. Não há nada parecido na qualidade esparsa da narrativa bíblica anterior”<sup>98</sup>. Soma-se a isso o uso de termos raros<sup>99</sup>, adicionando um “efeito exótico” (BERLIN, 2001, p. 9)<sup>100</sup> e a sintaxe incomum no arranjo dos componentes decorativos (PATON, 1908, p. 138).

O primeiro item da descrição, “linho branco” (קָרְפָּס; [hūr karpas]) (Et 1:6), por exemplo, aparece abruptamente, sem introdução nem ligação gramatical com o verso anterior. A baixa recorrência da conjunção ׀ [waw] entre os itens listados gera estranhamento (PATON, 1908, p. 138; BUSH, 1996, p. 343). Diante disso, Jonathan Grossman pontua que o leitor entende que se trata de uma descrição luxuosa que causa deslumbramento no leitor, mas isso se dá mais pelo contexto do que pela apresentação sintática (GROSSMAN, 2011, p. 43). Embora não seja possível precisar o significado de cada uma das palavras hebraicas que se referem aos itens da esplêndida ornamentação<sup>101</sup>, a impressão de uma abundância espetacular é predominante (BEAL, 1999, p. 7).

Essa linguagem luxuosa da ornamentação do banquete se repete parcialmente no capítulo 8, em que o narrador descreve as vestes e os adornos que Mordecai recebe do rei Assuero. O contexto é de honra real sendo conferida ao judeu Mordecai, seguido por “alegria e regozijo, banquetes e festas” (Et 8:17).

וּמְרֹדֶכָי יֵצְאוּ מִלְּפָנָי הַמֶּלֶךְ בְּלְבוּשׁ מַלְכוּת תְּכֵלֶת וְחֹר וְעֻטָּרֵת זָהָב גְּדוּלָה וְתַכְרִיף בּוּיָם וְאַרְגָּמָן וְהַעִיר  
שׁוֹשֵׁן צְהָלָה וְשִׁמְחָה:

<sup>96</sup> “we are readers, are positioned in full view of the regalia and expected to feel the intensity of the visual sensation.”

<sup>97</sup> Para uma análise do papel econômico do narrador na descrição física de ambientes e personagens, conferir David Gunn e Danna Fewell (1993, p. 57-59), Bar-efrat (1989, p. 23-47), Robert Alter (2007, p. 36) e Fokkelman (1999, p. 71-72).

<sup>98</sup> “this lengthy catalogue of sumptuous item is one of the markers of Esther’s distinctive style. There is nothing like it in the sparseness of earlier biblical narrative”.

Alter não deixa de perceber a semelhança com a descrição da mobília do templo de Salomão em 1 Reis, mas ele a desconsidera no comentário acima por entender aquela lista como um inventário, e não como parte integral da narrativa.

<sup>99</sup> A palavra קָרְפָּס [hūr] serve como um bom exemplo, pois em toda a Bíblia Hebraica ela só aparece no livro de Ester (Et 1:6; 8:15). Bush (1996, p. 347) sugere que ela deriva de uma raiz semítica que significa “branco” (cf. Is 29:22).

<sup>100</sup> “[...] exotic effect”.

<sup>101</sup> Para uma análise completa das palavras hebraicas sobre as mobílias e decorações mencionadas, conferir os comentários de Lewis Paton (1908, p. 138-139) e Fredric Bush (1996, p. 347).

“Então, Mordecai saiu da presença do rei com veste real azul-celeste e branco, como também com grande coroa de ouro e manto de linho fino e púrpura; e a cidade de Susã exultou e se alegrou” (Ester 8:15).

Outro detalhe interessante é o modo como se tomava parte na mesa do banquete: deitado. É isso que sugere o substantivo feminino מִיטָה (*mittāh*), traduzido como “divã, cama” (BDB, 1977, p. 641) (Et 1:6), usado na Bíblia Hebraica para descrever o lugar em que se dorme (Êx 7:28; 2 Rs 4:10; Sl 6:7), onde alguém poderia descansar (1 Sm 28:23; Pv 26:14), colocar um doente ou morto (Gn 49:33; 1 Rs 17:19), ou mesmo banquetear e festejar – nesse contexto, é comum encontrar itens luxuosos, como o marfim (Ez 23:41; Am 6:4) (HALOT, 2001, p. 573). Esse substantivo aparece outra vez no capítulo 7, no segundo banquete proposto pela rainha<sup>102</sup>. É sobre o divã em que Ester estava que Hamã cai enquanto roga pela própria vida (Et 7:8). Ao ver essa cena, Assuero interpreta mal a situação, como se Hamã estivesse forçando relações com a rainha, e, diante disso, decide matar Hamã.

Além disso, alguns comentaristas têm sugerido que as descrições do segundo banquete se relacionam com a descrição visual do Templo e do Tabernáculo. Joshua Berman menciona que a decoração do palácio real incluía תְּכֵלֶת [*təkēlet*] “tecido de lã azul” e אַרְגָּמָן [*argāmān*] “tecido de lã púrpura”, ouro e prata, materiais que, com proeminência, aparecem na construção do Tabernáculo em Êxodo 25:3-4 (BERMAN, 1995, p. 168). Lewis Paton também notou semelhanças, o que, inclusive, o levou a considerar que o autor de Ester tinha em mente a estrutura do tabernáculo do livro de Êxodo. Ele observa isso com as seguintes palavras:

A palavra *pilares* é a mesma que é usada em Êx 26:32, 27, 27:10, 11, 17, 36:36, 38 al. para os suportes do Tabernáculo; em 1 Rs 7:2, 3, 6, para as colunas do palácio de Salomão; e 1 Rs 7:15, para as duas colunas de bronze que estavam diante do Templo. A palavra para *mármore* é a mesma que é usada na descrição do Templo de Salomão (1 Cr 29:2) (PATON, 1908, p. 138).<sup>103</sup>

Outra possível referência é o texto de Daniel 5, que descreve uma profusão de utensílios de ouro que pertenciam ao Templo, em Jerusalém, com os quais os convidados do rei Belsazar bebiam vinho. Ali é descrito que, pela ordem do rei, foram trazidos “os utensílios de ouro, que

<sup>102</sup> Voltaremos a falar sobre esta mobília no capítulo 7 do livro de Ester, e discorreremos sobre a função narrativa que o divã exerce na cena do segundo banquete da rainha.

<sup>103</sup> “The word *pillars* is the same that is used in Ex. 26:32, 27, 27:10, 11, 17, 36:36, 38 al. for the supports of the Tabernacle; in 1 K. 7:2, 3, 6, for the columns in Solomon’s palace; and 1 K. 7:15, for the two bronze columns that stood before the Temple. The word for *marble* is the same that is used in the description of Solomon’s Temple (1 Ch. 29:2).”

foram tirados do templo da Casa de Deus que estava em Jerusalém, e beberam neles o rei, os seus grandes e as suas mulheres e concubinas” (Dn 5:3).

Adele Berlin chega a comparar o texto de Daniel 5 com Ester 1, mas ela propõe uma leitura diferente dos autores supracitados. Em sua percepção, o livro de Ester “não faz referência ao Templo ou a qualquer impropriedade religiosa; Assuero está apenas agindo como monarcas estrangeiros ricos” (BERLIN, 2001, p. 9)<sup>104</sup>. Em outro texto, no importante artigo intitulado *The Book of Esther and Ancient Storytelling*, a mesma autora sugere que as descrições acerca da decoração do banquete estão relacionadas com uma convenção literária comum entre as descrições históricas sobre o império Persa:

Em comparação com os gregos e com outros lugares do império persa, a corte persa era luxuosa, hierárquica e amante do vinho. Mas a questão, mais uma vez, não é que o retrato de Ester da Pérsia seja realista, mas que seja convencional. O autor de Ester usou motivos literários convencionais para retratar a Pérsia – os mesmos motivos que os historiógrafos, dramaturgos e filósofos gregos usaram (BERLIN, 2001, 10-11)<sup>105</sup>.

De qualquer maneira, essa visão estereotipada ou exagerada do império persa é notável nos excessos que o livro de Ester, por si só, descreve. O rei Assuero promove os banquetes para impressionar seus convidados. E, no segundo banquete, isso é intensificado pelo narrador. Trisha Wheelock (2008, p. 129), por exemplo, argumenta: “O status é visivelmente evidente nas descrições do reino, palácio e convidados. Se os leitores não ficaram impressionados com os 180 dias iniciais de banquetes, então, a descrição da corte real persa em Susã nos versos seis e sete conclui a tarefa”<sup>106</sup> (cf. BEAL, 1998, p. 7-8; GROSSMAN, 2011, p. 43).

A diversidade de utensílios disponíveis para beber o vinho do rei (v. 7) também chama a atenção: “Dava-se-lhes de beber em vasos de ouro, vasos de várias espécies [...]” (Et 1:7). A profusão de vinho acompanha a variedade de opções de copos, incluindo copos de ouro, acentuando o cenário de luxo, “pois sugere o trabalho de muitos artesãos de diferentes lugares com diferentes técnicas” (BERLIN, 2001, p. 9)<sup>107</sup>. De acordo com alguns *midrashim*, a ideia

<sup>104</sup> “*makes no reference to the Temple or any religious impropriety; Ahasuerus is merely acting in the way of wealthy foreign monarchs*”.

<sup>105</sup> “*In comparison to the Greeks, and to other places throughout the Persian empire, the Persian court was luxurious, hierarchical, and fond of wine. But the point, once again, is not that Esther’s portrait of Persia is realistic, but that it is conventional. The author of Esther used conventional literary motifs to portray Persia – the same motifs that the Greek historiographers, dramatists, and philosophers used.*”

<sup>106</sup> “*Status is visibly evident in the descriptions of the kingdom, palace, and guests. If readers were not impressed with the initial 180 days of banqueting, then the description of the regal Persian court in Susa in verses six and seven finishes the task.*”

<sup>107</sup> “*since it suggests the work of many artisans from different places with different techniques.*”

presente no texto hebraico é de que nenhum copo era igual ao outro; ninguém bebia no mesmo copo duas vezes, uma incrível demonstração da riqueza do rei (PATON, 1908, p. 141; BERLIN, 2001, p. 9; BUSH, 1996, p. 348)<sup>108</sup>.

Para Michael Fox, essa descrição minuciosa da ornamentação cria uma massa de imagens que sobrecarregam a imaginação sensorial e sugere uma consciência do excesso por parte do leitor (FOX, 2001, p. 17). O leitor é inserido no banquete e, assim como os convidados, é de esperar que fiquem “de boca aberta maravilhados com a exibição de riqueza; [...] Não há necessidade de mais explicações. Este é o exibicionismo de Assuero no seu melhor” (GROSSMAN, 2011, p. 43-44)<sup>109</sup>.

Conforme temos mostrado, essa demonstração pública da riqueza, honra e poder real provoca no leitor uma resposta de maravilhamento e perplexidade. Laniak (1998, p. 48) comenta que “a pompa do rei é uma realidade afetiva inspiradora”<sup>110</sup>. No entanto, algo mais é exigido daqueles que participam da honra-riqueza do rei Assuero. Eles devem ajudar a mantê-la, e isso se dá por meio da submissão e obediência ao rei. Segundo veremos no próximo tópico, participar dos banquetes reais e de suas demonstrações de poder demanda estar sob o controle real.

### 3.2.1 Demonstração de poder: controle dos desejos

A análise até aqui demonstrou o poder de Assuero por meio de sua honra-riqueza e de seu vasto domínio. No entanto, o verso 8 do primeiro capítulo acrescenta outro aspecto do poder real: sua jurisdição sobre as vontades. No segundo banquete, o rei estabelece que cada um deveria beber de acordo com seu desejo (כִּרְשׁוֹנָא [kiršōwn]), sem obrigatoriedade (עַל־פִּנְיָא [’ên ’ônês]), no entanto o início do verso aponta que a bebida era de acordo com a(o) דָּאָר [dār] “lei, decreto, costume” do rei (Et 1:8) (BDB, 1977, p. 206). O verso é confuso porque parece conferir uma liberdade individual, mas que, na verdade, é “legislada” pelo rei. Ao que tudo indica, “a

<sup>108</sup> Bush menciona o historiador ateniense Xenophon (Cyropaedia 8.8.18), que descreve o grande orgulho dos persas em possuir variados copos para beber quanto lhes era possível (BUSH, 1996, p. 348).

<sup>109</sup> Citação na íntegra: “The guests stand open-mouthed in wonder at the display of wealth; the author needs to do nothing more than list, in great detail, the materials that adorned the pillars and from which the couches were fashioned. There is no need for any further explanation. This is Ahasuerus’s exhibitionism at its best”.

<sup>110</sup> “the pomp of the king is an affective awe-inspiring reality”.

lei' (*dāt*) era que não deveria haver lei: cada um podia beber o quanto quisesse” (LEVENSON, 1997, p. 49)<sup>111</sup>.

Um elemento-chave para entender melhor essa dinâmica é a palavra *dāt*, um empréstimo linguístico da palavra persa *dāta*, “lei”. Ela aparece 20 vezes no livro de Ester<sup>112</sup> e, em todos os casos, refere-se a decisões e decretos reais, podendo refletir também costumes ou práticas persas – desde orientações simples, como no verso 8, punição para quem quebrar um costume (Et 4:11), a decretos permitindo genocídio (Et 3:14) (FOX, 2001, p. 17; BERLIN, 2001, p. 10; BDB, 1977, p. 206). Ao analisar a recorrência da palavra no livro de Ester, Fox (2001, p. 17) conclui: “[...] o império vive em um domínio da ‘lei’ em cada detalhe da vida”. Em outras palavras, o domínio do rei abrange não apenas a extensão geográfica (Índia à Etiópia), mas envolve também as vontades individuais.

Contudo, o que parece um controle absoluto é minado pela permissividade que acompanha a caracterização de Assuero, no verso 8 bem como no restante do livro. Ele obedece ao primeiro conselho que ouve, agindo de acordo com a vontade de Memucã (Et 1:21), Hamã (3:12) e de Ester e Mordecai (Et 8:9), mesmo que sejam pedidos opostos, como os dois últimos mencionados. É surpreendente e irônico notar que, apesar de Assuero ser obcecado pela manifestação de controle e autoridade, na prática ele abdica e deixa o poder efetivo na mão de outros (FOX, 2001, p. 173).

De qualquer maneira, os banquetes formam um cenário propício para o jogo de poder. Por sua recorrência no livro e por sua associação com o *dāt* do rei (e do império persa), os banquetes parecem evidenciar um costume do império que, assim como sua lei (*dāt*), estabelecem a subserviência à vontade do rei como uma necessidade (cf. Et 3:8-9; 4:11). Não é de menos que as primeiras descrições sobre Assuero aconteçam em torno da mesa de banquete. Segundo Wheelock pontuou, esta é uma forma de o narrador afirmar o poder real associado aos banquetes: “[...] os banquetes são importantes no texto porque os banquetes são importantes para Assuero” (WHEELLOCK, 2008, p. 126)<sup>113</sup>.

De acordo com algo já mencionado, a primeira regulamentação do rei, no livro, aparece nos versos 7 e 8 referindo-se ao vinho. Após impressionar seus convidados com a dispendiosa ornamentação do banquete, o rei Assuero impressiona os convidados com abundância (כָּבֹד [*rāb*]) de utensílios de ouro e de vinho real (מַלְכּוּת [wəyên *malḵūt*]). No entanto, até o beber livremente é legislado pelo rei.

<sup>111</sup> “the law’ (*dāt*) was that there should be no law: everyone could drink as much as he wanted”.

<sup>112</sup> Ester 1:8, 13, 15, 19; 2:8, 12; 3:8 [2x], 14, 15; 4:3, 8, 11, 16; 8:13-14, 17; 9:1, 13-14.

<sup>113</sup> “[...] banquets are important in the text because banqueting is important to Ahasuerus”.

Esse controle por meio do “beber” se dá pelo fato de que o vinho oferecido era *malkūt*, propriedade do rei, e, segundo já notado por Timothy Laniak (1998, p. 46), “todas as coisas *malkut* são capital material para a honra do rei”. Nesse contexto, o vinho é utilizado pelo rei como um instrumento de controle. Em outras palavras, desfrutar das benesses do rei, de “seu” vinho abundante, é honrá-lo e aceitar a posição de dependência, pois, conforme Laniak argumenta, “a honra é uma preocupação central tanto no dar quanto no receber de bens materiais” (LANIAK, 1998, p. 45)<sup>114</sup>. Além de *malkūt*, a expressão “pela generosidade do rei” (הַמֶּלֶךְ הַיָּדָד [kəyad hammelek]) fortalece a concepção do vinho como instrumento de poder real, isso porque uma tradução mais literal da palavra יָד [yad], “pela mão” do rei, pode carregar a noção de poder e controle<sup>115</sup> (ACKROYD, 1986, p. 419-426).

É possível notar uma mudança na descrição física do rei entre os dois banquetes. No primeiro, estar diante da “face” do rei era estar no círculo de maior *status*, poder e honra (Et 1:3, 14). A presença do rei é um lugar de honra limitado, acessível apenas a seus convidados. Já no segundo banquete, a imagem da “mão” do rei (Et 1:7) aparece em um contexto de um espaço público, compartilhado por todos da cidadela de Susã. Todavia, ela também carrega consigo a ideia de poder, controle e honra, pois o rei generoso, o anfitrião da festa e provedor do vinho<sup>116</sup> é também o rei que deve ter sua vontade satisfeita e autoridade respeitada. Ao prover vinho com liberalidade, Assuero tenta assegurar sua honra e a ordem social.

Ao comentar sobre essa dinâmica, Adele Berlin argumenta:

Os banquetes persas são mais do que apenas jantares sofisticados. Em virtude de suas grandes listas de convidados, menus e móveis, eles representam a diversidade do império, sua riqueza e o controle do rei sobre ele (BERLIN, 2001, p. 4)<sup>117</sup>.

### 3.2.2 Banquete e julgamento: juízo sobre Vasti (Et 1:10-22).

<sup>114</sup> “*honor is a pivotal concern in both the giving and receiving of material goods*”.

<sup>115</sup> Especialmente quando conectada à figura divina. Uma vez que várias imagens divinas estão em diálogo com Assuero (provedor no salmo e seu palácio como o tabernáculo), talvez não seria exagero interpretar essa expressão como um sinal de poder real. Todavia, é importante lembrar que há uma vasta discussão sobre os usos da palavra *yad* na Bíblia Hebraica (cf. ACKROYD, 1986, p. 393-417).

<sup>116</sup> Para Adele Berlin (2001, p. 10), a abundância de vinho faz parte da demonstração de riqueza e ostentação do rei.

<sup>117</sup> “*Persian banquets are more than just fancy dinner parties. By virtue of their large guest lists, menus, and furnishings, they represent the diversity of the empire, its wealth, and the king’s control over it.*”

No sétimo dia de banquete, o último dia de festa, Assuero exige que a rainha Vasti fosse trazida “à presença do rei” (אֶת־פָּנָיו הַמֶּלֶךְ [’*et-lipnê hammelek*] v. 11) para a “exibir” (לְהַרְאוֹת [’*lahar’ōwt*]) diante de todos. Beal observa muito bem a proximidade textual entre essas palavras e o desejo do rei de “demonstrar” (בְּהַרְאוֹתוֹ) honra e riqueza para todos “diante dele” (לְפָנָיו) em seu primeiro banquete (Et 1:3-4). Para o autor, esse paralelo sugere que Assuero, por meio “deste novo pedido, visa igualmente assegurar a sua própria honra e grandeza. Ele a considera [Vasti] um excelente material de exibição que, certamente refletirá bem em seu próprio status subjetivo” (BEAL, 1999, p. 9, grifos acrescentados)<sup>118</sup>.

Timothy Laniak também nota esse mesmo paralelo, mas afirma que, dessa vez, a exibição representa algo mais, pois a exposição de Vasti compõe, na sequência narrativa, o *grand finale* das duas festividades. Para o autor, “ela deveria estar em exibição como seu maior símbolo de status”, isso porque, ao obedecer ao rei, Vasti estaria confirmando sua submissão, permanecendo sob o controle do monarca como um dos objetos deste (LANIAK, 1998, p. 41). Nesse mesmo sentido, Berlin acrescenta: “Assim como o vinho real não é reservado exclusivamente para o rei, a esposa do rei não é reservada apenas para seus olhos” (BERLIN, 2001, p. 14)<sup>119</sup>.

Um detalhe importante, no contexto do coercitivo pedido do rei, é a presença do vinho. A ordem (אָמַר [’*amar*]) dada aos servos é antecedida pela descrição da influência do vinho sobre o rei: “[...] estando já o coração do rei alegre do vinho [...]” (כְּטוֹב לֵב־הַמֶּלֶךְ בַּיַּיִן) [*kaṭōwḇ lēb-hammelek bayyāyin*]; v. 10). No contexto de Ester 1, o sentido da expressão parece apontar para a intoxicação provocada pelo excesso de bebida.

Para Berlin, o contexto festivo e a profusão de vinho são determinantes para o entendimento da expressão “coração alegre” como um estado de embriaguez. O estranho pedido do rei seria uma consequência do excesso de bebida (BERLIN, 2001, p. 13)<sup>120</sup>. Há, ainda, outros exemplos que revelam a perda da capacidade de discernimento associada ao consumo excessivo de álcool (cf. Jz 16:25; 1 Sm 25:36), que, de modo geral, resultam em algo negativo para o ébrio.

<sup>118</sup> “*this new request is likewise aimed at securing his own honor and greatness. He considers her to be excellent display material, sure to reflect well on his own subjective status*”.

<sup>119</sup> “*Just as the royal wine is not reserved exclusively for the king, so the king’s wife is not kept for his eyes alone*”.

<sup>120</sup> A autora ainda aponta a conexão entre vinho e situações vergonhosas em outros exemplos, como o de Noé (Gn 9:21-25) e o de Ló (Gn 19:30-38).

Ao analisar essa expressão de Ester 1:10, Jon Levenson encontra algumas analogias verbais com outros textos da Bíblia Hebraica, sugerindo que existe uma conexão entre intoxicação causada pelo vinho e o destino dos personagens – que ele chama de “destruição iminente”<sup>121</sup>. Para corroborar sua proposição, ele menciona dois exemplos: 1) Nabal, em 1 Samuel 25: após banquetear, “estava Nabal com o coração alegre” (וְלֵב נָבָל טוֹב); [*wələlēb nābāl tōwb*] 1 Sm 25:36) e “muito embriagado” (שֵׁכָר עַד־מְאֹד; [*šikkōr ‘ad-mə ‘ōd*]) pouco antes de Abigail, sua esposa, lhe falar sobre sua solicitude para com Davi. Em seguida, Deus feriu Nabal de morte (v. 38) e Davi se casou com sua esposa (v. 39-44); 2). Outro exemplo é o da morte de Amnom, em 2 Samuel 13. Absalão ordenou aos seus oficiais que observassem Amnom, e então, “quando o coração de Amnom estiver alegre de vinho” (כִּטְּוֹב לֵב־אַמְנוֹן בַּיַּיִן); [*kəṭṭōwb lēb-’amnōwn bayyayin*] 1 Sm 13:28) que fosse morto, e assim se sucedeu (LEVENSON, 1997, p. 47).

Esse paradigma proposto por Jon Levenson não é suficiente para caracterizar todos os exemplos e todas as complexidades das cenas de banquete na Bíblia Hebraica, mas ajuda a localizar algumas semelhanças entre parte das ocorrências. É Nathan MacDonald quem irá se dedicar de modo mais extensivo sobre como o destino de personagens é decidido ao redor da mesa ou associado ao tema da comida e bebida. No capítulo *Taste and Discernment: the Literary Motif of Judgement at the Table* de seu livro, o autor argumenta que o julgamento à mesa funciona como um motivo literário, e que “no Antigo Testamento, a mesa é o locus para julgamento e vindicação. [...] a mesa também era um lugar de lutas competitivas e podia ser o lugar onde acontecia a vergonha ou a desonra” (MACDONALD, 2008, p. 194-195)<sup>122</sup>.

Essa ideia de julgamento à mesa é reconhecida no livro de Ester especialmente nos banquetes da rainha (Et 5 e 7), contexto em que ela irá superar Hamã, o inimigo dos judeus (cf. CHO, 2021, p. 677-678; MACDONALD, 2008, p. 216; SHARON, 2002, p. 162-163). No entanto, a relação entre o rei Assuero, seus conselheiros e Vasti parece indicar que a ideia de julgamento está presente no capítulo 1, ainda que com suas particularidades.

Talvez a principal variação do paradigma “destruição iminente”, em Ester 1, é que Assuero, que fica com o coração alegre, não recebe uma sentença (cf. Dn 5) sobre si mesmo; ele dá uma sentença sobre outra personagem: Vasti.

<sup>121</sup> *impending doom.*

<sup>122</sup> *“in the Old Testament the table is the locus for judgment and vindication. [...] the table was also a place for competitive struggles and could also be the place at which shaming or dishonour took place”.*

Após a recusa pública da rainha, Assuero consulta seus conselheiros para saber como proceder, e a descrição parece sugerir a ideia de julgamento, pois a consulta envolve seguir o protocolo exigido pela lei (*dat*) e a justiça (דָּיָן; [*wādīn*] v. 13) (cf. HALOT, 2001, p. 220; BDB, 1977, p. 192) do reino persa. A sugestão do conselho foi de punir Vasti tirando dela a posição de rainha e impedindo-a de entrar na presença do rei, e que tudo isso fosse registrado nas leis persas (Et 1:19). Na descrição do verso 20, a palavra que designa o decreto do rei, que será espalhado por todo o império, é דִּקְדָּוָה (*pitgām*), “sentença/edito”, termo que, de acordo com Berlin (2001, p. 18), reforça a ideia de julgamento (cf. Ec 8:11).

O jogo entre honra e desonra também está presente no discurso de Memucã, porta-voz dos conselheiros, ao mencionar que todas as mulheres do império “desprezarão” (לְהַבְזֹוֹת; [*lahabzōwt*]) o marido motivadas pelo que fez Vasti (Et 1:17-18). Esse termo vem da raiz בָּזָה “desprezo”, que melhor representa a ideia de desonra ou vergonha na Bíblia Hebraica, por vezes sendo caracterizada pela desobediência<sup>123</sup> (LANIAK, 1998, p. 55; BERLIN, 2001, p. 17).

Dessa maneira, o segundo banquete de Assuero culmina no julgamento de Vasti. O local da festa promovida por Assuero não é apenas o lugar apropriado para se beber vinho, mas é também onde o destino de Vasti é selado: ela perde sua posição real e não pode mais adentrar a presença do rei. Essa descrição dos banquetes persas como um lugar de disputa, logo na apresentação do livro de Ester, talvez seja uma forma de o narrador chamar a atenção do leitor para os próximos julgamentos e as sentenças ao redor da mesa.

### 3.3 BANQUETE PARA ESTER (Et 2:18)

“Então, o rei deu um grande banquete a todos os seus príncipes e aos seus servos; era o banquete de Ester; concedeu alívio às províncias e fez presentes segundo a generosidade real” (Et 2:18).

O banquete que o rei ofereceu para Ester é o quarto (e último dele) na sequência do livro. Ele é novamente marcado pela ação e iniciativa do rei ao promover a festividade. Embora a descrição dessa festa seja mais econômica, o uso do adjetivo masculino “grande” (גָּדוֹל; [*gādōwl*]), usado pela primeira vez para retratar os banquetes do rei, e a lista de convidados remete o leitor aos banquetes extravagantes que o rei ofereceu no capítulo 1.

<sup>123</sup> Laniak destaca que, especialmente no livro de Provérbios, desobedecer a Deus é o mesmo que desprezá-Lo (בִּזְיוֹן) (Pv 14:2). De igual modo, a desobediência aos pais é o mesmo que desprezá-los (בִּזְיוֹן) (Pv 15:20). Além disso, outros usos importantes aparecem em 1 Samuel 2:30 e Malaquias 1 e 2, quando o termo é posto em justaposição com termo de “honra” por excelência, כְּבוֹד (LANIAK, 1998, p. 55).

Esse banquete é motivado pela escolha da nova substituta de Vasti e é entendido como um banquete de coroação ou celebração (Et 2:17). Nesse sentido, esse banquete para Ester teria uma função importante no restabelecimento da ordem no império. É assim que Timothy Beal e Alice Bach compreendem. Para eles, Assuero promove a festividade, diante dos representantes do império, para reescrever o segundo banquete, em que Vasti o constrange publicamente. Assim, o banquete da coroação de Ester apaga a desonra do rei e escreve um novo capítulo de honra em seu reinado. A presença de todos os representantes do império é importante, pois, assim como Memucã havia orientado, todo o império havia ficado perturbado pelo que Vasti havia feito (Et 1:16-20). Dessa maneira, apresentar a nova rainha na presença de todos era também afirmar que o império havia sido estabilizado e estava seguro (BEAL, 1999, p. 37; BACH, 1997, p. 195-196).

Alice Bach ainda destaca como a presença feminina é utilizada para refletir o triunfo dos homens do império. Essa celebração por Ester era uma forma de atestar que “a arrogância feminina foi transformada em submissão feminina, restaurando a honra do rei” (BACH, 1997, p. 196). Essa submissão, porém, não é fruto de uma escolha. É isso que sugere o contexto da ascensão de Ester ao trono, no capítulo 2. Trisha Wheelock nos lembra que, enquanto lemos acerca do regime de beleza ostensivo e bizarro a que as mulheres são submetidas, precisamos lembrar que são “os servos do palácio real que reúnem as mulheres. O texto emprega a construção do infinitivo *nifal* נִפְּלָא para descrever a reunião das mulheres, implicando que elas não se reúnem por sua própria vontade ou ação” (WHEELLOCK, 2008, p. 136).

A celebração desse banquete, notadamente falocêntrica, implica também distribuição generosa das benesses do rei. Ele concede presentes e alívio (o que pode ser entendido como descanso do trabalho), o que poderia ser uma forma de o narrador insinuar que, quando as coisas vão bem para os judeus (ou quando eles ocupam posição de poder), outros também são beneficiados (FOX, 2001, p. 38).

### 3.4 ASSUERO E HAMÃ BRINDAM A DESTRUIÇÃO DOS JUDEUS (Et 3:15)

Essa celebração marca o sucesso de Hamã em convencer o rei a aniquilar todo um “povo” (אֲמָ [‘*ām*]) espalhado entre todos os povos do império persa (Et 3:8-11). Cheio de ira pelo judeu Mordecai, o único que não se prostrou diante dele, Hamã decide não apenas destruir o judeu, mas, a exemplo do capítulo 1 (no qual todas as mulheres do império receberam as consequências pelo que fez Vasti), todos os judeus espalhados no império receberiam a punição

por causa de um: “[...] procurou Hamã destruir todos os judeus, povo de Mordecai, que havia em todo o reino de Assuero” (Et 3:6).

Apesar de não aparecer o substantivo מִשְׁתֶּה (*mištēh*), “banquete”, o texto faz menção ao verbo שָׁתָה (*šāṭāh*), raiz comum do substantivo *mištēh* e traduzido, geralmente, por “beber”. Além disso, nesse caso o rei Assuero não celebra acompanhado de uma extensa lista de convidados importantes, como nos banquetes anteriores. Ao invés de uma festa em grande escala, a descrição de Ester 3:15 é de um cenário mais íntimo, em que apenas Assuero e Hamã se assentam para beber. Ainda assim, essa ação conjunta de “beber” é reconhecida como uma cena de banquete.

Kenneth Craig (1995, p. 64-65), por exemplo, insere Ester 3:15 na seção “banquetes intermediários”<sup>124</sup> do livro de Ester, responsáveis por trazer curiosidade e suspense para o enredo, além de lançar luz sobre o caráter interno dos personagens (cf. LANIAK, 1998, p. 72). Nesse sentido, ele marca uma transição entre os banquetes como lugar de demonstração pública de honra e riqueza (Et 1:3-8; 2:18) para festas mais intimistas como as que Ester irá promover (Et 5:1-8 e 7:1-10).

De acordo com Timothy Beal (1999, p. 56), esse banquete também pode ser entendido como um “ponto de descanso”<sup>125</sup> na narrativa. Quando a crise é resolvida, a ira dá espaço à celebração, e o ambiente ameaçado volta a estar seguro. Mordecai, que não se prostrou, e os judeus, que têm leis e costumes diferentes (Et 3:8), já estão sentenciados. A ordem social pode novamente ser celebrada, pois aqueles que tiveram sua posição de honra desafiada agora celebram, por antecipação, sua conservação formal (LANIAK, 1998, p. 72). Wheelock (2008, p. 138) ainda menciona outros textos da Bíblia Hebraica que parecem refletir essa mesma ideia: “A cena lembra aquela em Gênesis 37:25 onde os irmãos de José se sentam para comer depois de jogá-lo na cova em que esperam que ele morra, ou, em 2 Reis 9:34 quando Jeú atropela Jezabel com seus cavalos e se senta para comer e beber”<sup>126</sup>.

Wheelock pontua também que esse banquete delinea a identificação daqueles que estão no poder, reforçando a aliança entre Hamã e o rei, em contraste com os que são colocados às margens – Mordecai, a comunidade judaica e Ester. Assim, apesar das particularidades dessa

---

<sup>124</sup> “*middle banquets*”.

<sup>125</sup> “*resting point*”.

<sup>126</sup> “*The scene recalls the one in Genesis 37:25 where Joseph’s brothers sit down to eat after throwing him into the pit in which they expect him to die or in 2 Kings 9:34 when Jehu tramples Jezebel with his horses and sits down to eat and drink*”.

cena, esse banquete, assim como os anteriores, significa uma celebração da hegemonia e do controle social (WHEELLOCK, 2008, p. 138).

Porém, o que parecia ser uma afirmação de completo controle da situação é mais uma vez minado pelo narrador, que contrasta, com ironia, o ambiente do palácio com a situação fora dos portões: “[...] mas a cidade de Susã estava perplexa” (Et 3:15). A situação da cidade é descrita como *נְבוֹכָה* (*nāḇōwḱāh*), da raiz *בִּיַךְ*, que, no modo *nifal*, significa “estar confuso”, “andar sem direção” (Êx 14:3; Jó 1:18) (BDB, 1977, p. 100). O decreto que parecia trazer estabilidade acabou produzindo confusão. E, segundo bem pontuou Timothy Beal, “Essa janela narrativa para fora do palácio alerta os leitores para o fato de que aqui, como em outros lugares, o que parece estar estabelecido, estabilizado e resolvido, muitas vezes acaba se transformando exatamente no oposto”<sup>127</sup>.

---

<sup>127</sup> “*This narrative window onto outside the palace alerts readers to the fact that here, as elsewhere, what appears to be settled, stabilized, and resolved, often turns out to be quite the opposite*”.

## 4 A MESA DA RAINHA

### 4.1 BANQUETE DE VASTI

“Também a rainha Vasti deu um banquete às mulheres na casa real do rei Assuero” (Et 1:9).

O terceiro e último banquete mencionado no capítulo 1 é o que foi promovido pela rainha Vasti. É dela a iniciativa de “fazer” (הַפְעֵל [‘āśāh]) um “banquete” (מִשְׁתֶּה [mištêh]) – ação exclusiva do rei até aqui<sup>128</sup> – para um público que não fora considerado nos banquetes de Assuero: as mulheres. Apesar de ser outro banquete, e para um público diferente, o texto parece estabelecer uma ligação com os banquetes do rei.

Timothy Beal (1999, p. 8), por exemplo, nota que o verso 9 começa com a partícula גַּם [gam], traduzida como “também”, que marca uma mudança na descrição dos eventos, mas mantendo uma associação com o que estava sendo narrado. Ou seja, ela tanto separa quanto associa esse banquete de Vasti com os outros dois anteriores. Além disso, o local da festa está diretamente relacionado com o rei Assuero. Ele acontece na “casa real” (בֵּית הַמַּלְכוּת [bêt hammalkūt]), que pertencia ao rei.

Lewis Paton e Adele Berlin sugerem que esse local não deve ser confundido com o *bîthān*, ou o palácio, que forma o cenário dos banquetes do rei, pois essas são referências mais abrangentes, indicando um complexo que continha áreas públicas e privadas (PATON, 1908, p. 143; BERLIN, 2001, p. 13). O *bêt hammalkūt* seria, então, uma espécie de “salão real” dentro desse complexo do palácio, sendo um espaço diferente daquele em que os homens estavam, mas inserido no espaço de domínio do rei (BERLIN, 2001, p. 13).

Esses detalhes, no verso 9, chamaram a atenção de David Firth, que observa, na descrição do banquete da rainha, o mesmo propósito dos banquetes anteriores: afirmar o poder e o domínio do rei. De acordo com Firth, ao sublinhar que o lugar pertencia ao rei o narrador sugere que “qualquer que fosse a posição exata de Vasti e por mais impressionante que sua festa pudesse ter sido, essa festa também pretendia apontar para a glória de Assuero, cuja autoridade estava por trás dela” (FIRTH, 2010, p. 40)<sup>129</sup>.

Algo que se destaca no banquete de Vasti é que a descrição da festa se resume a uma sentença, algo bem diferente da apresentação das festas promovidas pelo rei Assuero. Embora

<sup>128</sup> Será que isso poderia se configurar em uma pista da ousadia de Vasti? No primeiro capítulo, apenas ela e o rei oferecem banquetes como anfitriões.

<sup>129</sup> “whatever Vashti’s exact position and however impressive her party might have been, it too was meant to point to the glory of Ahasuerus whose authority stood behind her”.

receba uma descrição curta, esse banquete cumpre algumas funções narrativas importantes dentro do enredo (LEVENSON, 1997, p. 46). Kenneth Craig, por exemplo, comenta que o banquete da rainha, em 1:9, introduz dois “motivos” literários: a segregação e os banquetes da rainha. A segregação demarca a diferença entre os sexos, isolando as mulheres da festividade do rei, marginalização que, depois, se nota no trato de Hamã com os judeus (Et 3:8-15), enquanto os banquetes da rainha seriam reafirmados nos banquetes oferecidos por Ester (CRAIG, 1995, p. 64).

Wheelock (2008, p. 133, grifos acrescidos), por sua vez, faz questão de enfatizar que esse banquete separado para as mulheres “é uma necessidade narrativa e não da sociedade [persa]”<sup>130</sup>, isso porque o banquete subsequente (2:18) não especifica a necessidade de ambientes diferentes para homens e mulheres. Ester, inclusive, irá oferecer dois banquetes para Assuero e Hamã (Et 5 e 7). A separação entre a mesa de Vasti e a de Assuero acentua uma distância que a rainha Ester posteriormente teria de superar a fim de mudar a sorte de seu povo e estabelece um contexto por meio do qual o leitor analisa as ações da rainha Ester (JOBES, 1999, p. 75; BERG, 1979, p. 32)<sup>131</sup>.

Outra função importante que o banquete de Vasti exerce na narrativa<sup>132</sup>, precisamente por ser separado dos banquetes do rei, é que ele “prepara o cenário para o momento crucial em que ela recusa sua ordem [do rei] de aparecer (1:10-12)” (LEVENSON, 1997, p. 46, grifos acrescidos)<sup>133</sup>. É a partir dessa recusa<sup>134</sup> que se abrirá um espaço a ser ocupado por outra rainha que seja “melhor do que ela” (Et 1:19). Fox (2001, p. 170) acrescenta que, para além de fornecer um cenário, as implicações do banquete de Vasti e de sua recusa “fornecem, assim, uma espécie de justificativa para a maleabilidade de Ester em seus primeiros anos e para a obliquidade e manipulação de suas ações posteriores”<sup>135</sup>.

---

<sup>130</sup> “*is a narrative necessity not a society one*”.

<sup>131</sup> Wheelock destaca o fato de que Ester, uma estrangeira exilada, supera uma barreira que Vasti não consegue transpor. Ela afirma: “*The text does not record Vashti, a seeming insider with her status as queen, banqueting with the king. Rather, an outsider from the community of exiles will traverse these boundaries*” (WHEELOCK, 2008, p. 133).

<sup>132</sup> Jon Levenson argumenta que um banquete separado para as mulheres indica a licenciosidade e depravação das festas promovidas por Assuero (cf. BERLIN, 2001, p. 11). Além disso, ele também afirma que esse banquete separado da rainha forma o tema da separação dos mundos da rainha e do rei. Essa separação será mais bem desenvolvida nos capítulos 2 e 4 de Ester, quando, mesmo após ser nomeada rainha, ela continua distante do rei e sem acesso à sua presença (LEVENSON, 1997, p. 46-47).

<sup>133</sup> “*sets the stage for the pivotal moment in which she refuses his command to appear (1:10-12)*”.

<sup>134</sup> Vários autores destacam o uso da ironia na recusa de Vasti satirizando o rei persa, que domina o mundo inteiro, mas não consegue controlar as vontades de sua rainha. Embriagado pelo vinho, ele perde a disputa das vontades (cf. BUSH, 1996, p. 354; BETCHEL, 2002, p. 24; SHARP, 2009, p. 72).

<sup>135</sup> “*thus provides something of a justification for Esther’s pliancy in her early years and for the obliquity and manipulateness of her later actions*”.

Dessa maneira, ainda que contenha uma exposição econômica, o banquete de Vasti figura como um evento importante para o enredo. Além de reafirmar o domínio de Assuero, esse banquete oferece um cenário importante para o desenvolvimento de Ester dentro da narrativa. O tema dos banquetes também aproxima as duas personagens, e não apenas o título de rainha que elas compartilham. Elas são rainhas que fazem banquetes, no entanto o que acontece com as duas personagens após a mesa do banquete é bem diferente. Se, por um lado, o banquete de Vasti precede sua exclusão da posição de rainha e do círculo de poder persa, por outro lado os banquetes de Ester reafirmam sua posição real e sua influência sobre o rei.

#### 4.2 BANQUETES DE ESTER

É nos capítulos 5 e 7 do livro de Ester que encontramos os dois banquetes promovidos pela nova rainha. Esses banquetes são motivados pelo contexto do capítulo 4, em que Ester recebe, pela primeira vez, a notícia sobre o decreto de Hamã contra os judeus. Mordecai se encarrega de levar a notícia até Ester no harém e a convoca para agir em favor de seu povo, inclusive usando sua posição real (Et 4:14). Em resposta, Ester convocou um jejum de três dias entre todos os judeus de Susã e, na sequência, colocou a própria vida em risco ao entrar na presença do rei Assuero sem ser chamada (Et 4:11). Quando perguntada sobre sua intenção, ela convida o rei e Hamã para um banquete e depois para outro (Et 5:4, 8).

Embora os banquetes sejam o passatempo preferido dos persas, vale destacar que os promovidos por Ester (assim como os outros até aqui) não são meramente uma ocasião satisfazer o paladar (CLINES, 1984, p. 36). Conforme Fredric Bush (1996, p. 404) comenta, na Pérsia “Os banquetes eram a ‘vitrine’ e o protocolo socialmente apropriado para petições e negociações sérias”<sup>136</sup>. Seguindo essa linha, seria razoável ler os banquetes de Ester como parte de uma estratégia de intercessão pelo seu povo diante do rei (JOBES, 1999, p. 144).

Ao usar a mesa do banquete, Ester repete o *modus operandi* persa. No entanto, ela não repete apenas o fazer um banquete real (tal qual Vasti). Em seus banquetes, Ester demonstra também habilidade com as palavras (retórica) e conhecimento do poder político e judicial relacionado à mesa. Isso fica mais evidente quando se observam as várias repetições – de palavras, temas, ideias, ações – entre as cenas dos banquetes de Ester e outras partes do livro, em especial os banquetes do rei Assuero.

---

<sup>136</sup> “Banquets were the socially appropriate ‘window-dressing’ and protocol for serious petitions and negotiations”.

É sabido que as repetições exercem um papel importante nas narrativas bíblicas<sup>137</sup>. David Gunn e Danna Fewell (1993, p. 148), por exemplo, argumentam que a repetição de palavras, frases, sentenças, ou mesmo a recorrência de palavras que se enquadram no mesmo campo semântico, pode desempenhar várias funções, como “estruturar a história, criar atmosfera, construir um tema ou personagem, enfatizar um determinado ponto para o leitor, ou para criar suspense”<sup>138</sup>.

Além disso, as repetições podem guiar o leitor na compreensão da retórica do narrador bíblico. Esse aspecto é fundamental no livro de Ester dada a proeminência do papel do narrador. As repetições podem criar significados e são, da mesma forma, um convite para a participação do leitor, especialmente quando este é colocado diante de variações da repetição ou quando há uma quebra desta. Gunn e Fewell afirmam: “Repetição e variação podem igualar e contrastar eventos ou personagens ou até mesmo textos inteiros por associação, convidando o leitor a considerar o significado das semelhanças e diferenças” (GUNN; FEWELL, 1993, p. 148; cf. FOKKELMAN, 1999, p. 112-122; STERNBERG, 1987, p. 390-393)<sup>139</sup>.

Complementando essa descrição, Susan Zeelander destaca que a repetição de termos-chave ou sequência de ações trabalha as expectativas do leitor, fazendo com que ele antecipe eventos da narrativa. Ela comenta:

O processo artístico de repetição engaja o leitor, que está envolvido no ‘presente em desenvolvimento’ da história em evolução. As repetições trazem informações do início da narrativa para o tempo presente e para os leitores, preparando-os para o futuro, que neste caso é a cessação de uma narrativa (ZEELANDER, 2012, p. 79)<sup>140</sup>.

Como isso é percebido na narrativa pode variar de acordo com a abordagem. Mesmo que nosso foco aqui seja de evidenciar algumas repetições entre os banquetes de Ester e Assuero, é importante destacar a contribuição de Diane Sharon que, num comentário em seu livro *Patterns of Destiny: Narrative Structures of Foundation and Doom in the Hebrew Bible* (2002), afirma que esse trecho do livro de Ester (Et 5:1-7:10) reflete o que ela denomina “padrão

<sup>137</sup> Para uma análise mais extensa sobre a repetição nas narrativas bíblicas, confira os capítulos de Robert Alter (2007, p. 137-173) e Meir Sternberg (1987, p. 365-440).

<sup>138</sup> “to structure the story, to create atmosphere, to construct a theme or a character, to emphasize a certain point to the reader, or to build suspense”.

<sup>139</sup> “Repetition and variation can equate and contrast events or characters or even whole other texts through association, inviting the reader to consider the significance of similarities and dissimilarities”.

<sup>140</sup> “The artistic process of repetition engages the reader, who is involved in the ‘developing present’ of the evolving story. The repetitions bring information from earlier in the narrative into the present time and to the readers, preparing them for the future, which in this case is the cessation of a narrative”.

de destruição”<sup>141</sup>. Essa nomenclatura foi dada para identificar diferentes episódios da Bíblia Hebraica que compartilham uma estrutura narrativa semelhante que resulta na destruição ou condenação de um personagem (SHARON, 2002, p. 153)<sup>142</sup>.

Em sua análise dos banquetes de Ester, Sharon argumenta que, quer seja no nível estrutural, quer seja no livro de Ester *per se* (2002, p. 162-163), “a morfologia da Destruição funciona em um ambiente literário para prenunciar, no nível estrutural, a condenação do vilão, que ocorre no nível narrativo. [...] Aqui, o destino de um inimigo de Israel é antecipado na própria estrutura da narrativa”<sup>143</sup>. Isto é, seja repetindo o “padrão de destruição”, seja se atentando para a própria narrativa de Ester (por exemplo, o oráculo de Zeres em Et 6:13), é possível identificar como o narrador trabalha a expectativa do leitor de que algo negativo irá acontecer com Hamã.

Portanto, nas comparações que faremos entre os banquetes de Ester e do rei Assuero, iremos apontar semelhanças por meio das repetições, porém reconhecendo variações e diferenças entre elas. Destacaremos, ainda, a possibilidade de o narrador antecipar (ou insinuar previamente) o julgamento de Hamã por meio do uso de repetições. Além disso, indicaremos como o narrador sugere uma *performance* mimética (e estratégica) de Ester em relação a

---

<sup>141</sup> tradução livre de “*Doom Pattern*”.

<sup>142</sup> A autora identificou, em vários episódios da Bíblia Hebraica, uma estrutura narrativa em cenas que “[...] começaram com um evento de *comer* ou *beber* e seguiram por meio de algum tipo de *encontro* que incluía um *oráculo* e, frequentemente, a uma *afirmação* desse *oráculo*” (SHARON, 2002, p. 118). Um exemplo de sua análise se encontra em Gênesis 18, na cena em que Abraão recebe os três visitantes em sua tenda com uma refeição. Há um encontro verbal em que um oráculo antecipa que Abraão e Sara terão um filho. Depois de os homens partirem, YHWH confirma o oráculo: “Porque eu o escolhi para que ordene a seus filhos e a sua casa depois dele [...]” (Gn 18:14). Ela chama esse padrão de “Fundacional” por formar o início da descendência de Abraão.

Apesar de Gênesis 18 retratar um oráculo positivo, essa estrutura narrativa pode também conter um oráculo negativo, o que ela nomeia de “padrão de destruição ou condenação” (o capítulo 6 de sua obra descreve esse padrão) (cf. SHARON, 2002, p. 153-172). Para ilustrar essa variação, Sharon utiliza o texto de Daniel 5:1-30, que demonstra a condenação divina do rei Belsazar. Primeiramente, Belsazar oferece um “grande banquete” real, regado de muito vinho (Dn 5:1-2 – *Comida e bebida*). Enquanto aprecia o vinho, o rei ordena que os utensílios de ouro e prata, capturados do Templo de Jerusalém, sejam trazidos para sua festa profana. No momento em que eles bebiam e louvavam seus deuses, repentinamente algo que se assemelha aos dedos de mão humana começa a escrever na parede (v. 5 – *encontro*, envolvido por um *oráculo*). Daniel é quem decifra a escritura da parede como um anúncio da desgraça para Belsazar e seu reino (5:18-28). O capítulo termina com uma *confirmação do oráculo*: “[...] naquela mesma noite, foi morto Belsazar, rei dos caldeus” (Dn 5:30). O pomposo e exuberante rei Belsazar é condenado e morto em seu próprio banquete.

A implicação prática da identificação dessa estrutura para a leitura das cenas de banquete da Bíblia Hebraica é que o “comer ou beber pode fornecer pistas para a leitura do nível estrutural contra o nível superficial do texto, operando como um contraponto, prenúncio ou reforço dos eventos narrados” (SHARON, 2002, p. 205).

<sup>143</sup> “*the morphology of Doom functions in a literary environment to foreshadow on the structural level the doom of the villain, which takes place on the narrative level. [...] Here, the doom of an enemy of Israel is anticipated in the very framework of the narrative*”.

Assuero ao replicar o banquete como ocasião para demonstrar honra e como lugar de julgamento.

Apesar de vários comentaristas ressaltarem a estratégia de Ester nos capítulos 5 e 7, parece ser uma tendência comum entre eles perceber essa característica nos diálogos entre Ester e Assuero (FOX, 2001; LANIAK, 1998; CRAIG, 1995; CLINES, 1984; RADDAY, 1990). Por outro lado, pouco se comenta sobre como o motivo do banquete compõe a estratégia da rainha (BUSH, 1996; MACDONALD, 2008). Entre esses autores, destacamos dois, que, inclusive, serão tomados como base para a análise dos tópicos a seguir.

O primeiro é Paul K. Cho, que, em seu artigo intitulado *A House of Her Own: The Tactical Deployment of Strategy in Esther*, empresta os conceitos de estratégia e tática do historiador francês Michel de Certeau para aplicação em sua análise da personagem Ester. Em alguns tópicos do artigo, ele comenta sobre o jogo de poder, honra e julgamento que envolvem a mesa e como Ester se utiliza disso para manipular as relações de poder e fazer com que o rei atenda favoravelmente à sua intercessão.

A segunda autora é Katherine Gwyther, que também, por meio de um artigo, *Feasting and Fasting: Hybridity in the Book of Esther*, destaca as repetições entre os banquetes de Ester e Assuero como uma forma de estratégia. Em sua análise, Katherine faz uso do conceito de “hibridismo”<sup>144</sup> de Homi K. Bhabha, um autor pós-colonial. Ela, porém, acrescenta aproximações entre a retórica de Ester e Hamã, combinando as duas coisas nas cenas de banquete. Ela afirma que “Ester imita deliberadamente a linguagem e o comportamento dos persas para o ganho dos judeus. Ester participa da mímica e não da mera repetição [...]. Esse mimetismo acontece, principalmente, em Ester 5-7 com a imitação de Ester da linguagem de Assuero e Hamã e ela atuando como anfitriã de duas festas” (GWYTHER, 2021, p. 58-59)<sup>145</sup>.

Isso posto, seguiremos a análise das duas cenas de banquete a partir da abordagem indicada.

#### 4.2.1 Primeiro Banquete de Ester: lugar de honra (Et 5:1-8)

“Ester respondeu: Se for do seu agrado, venha hoje com Hamã ao banquete que preparei para o rei” (Et 5:4; NAA).

“Ester respondeu: Meu pedido e o meu desejo são o seguinte: se achei favor diante do rei, e se for do agrado do rei conceder o meu pedido e cumprir o meu desejo, então que o rei venha com Hamã ao

<sup>144</sup> Tradução livre do termo original “Hybridity”.

<sup>145</sup> “*Esther deliberately imitates the language and behaviour of the Persians for the gain of the Jews. Esther participates in mimicry rather than mere repetition [...]. Chiefly, this mimicry happens in Esther 5-7 with Esther’s imitation of Ahasuerus and Haman’s language and her acting as host to two feasts*”.

banquete que vou preparar para eles amanhã. Então farei o pedido que o rei me concede” (Ester 5:8; NAA).

O início do capítulo 5 nos fornece um contexto importante para análise dos banquetes de Ester. Ele começa marcando que “ao terceiro dia”, isto é, o último dia do jejum para o qual Ester havia convocado os judeus de Susã (Et 4:16), a rainha coloca as vestes reais e vai até o “pátio interior da casa do rei” (בַּיִת־הַמֶּלֶךְ בְּחֻצָּרָה [bahăšar bêṭ-hammeleḵ happəṇîmîṭ]) (Et 5:1), um lugar que o rei conseguia ver mesmo sentado em seu trono (Et 5:1-2).

É importante destacar que esse é um espaço de domínio de Assuero, e exatamente o mesmo lugar em que ninguém poderia entrar a menos que fosse chamado pelo rei. Isso é reforçado pela repetição quase *ipsis litteris* do “pátio interior” (הַחֻצָּרָה הַפְּנִימִית [heḥāšêr happəṇîmîṭ]), presente na descrição da proibição no capítulo anterior (4:11). A rainha, porém, alcança duplamente o favor do rei: ela tem a vida preservada e recebe a oportunidade de fazer qualquer pedido com a garantia de que até a metade do reino lhe seria concedida (5:3).

Essa descrição inicial não apenas reforça a ligação com os eventos do capítulo 4 (LANIAK, 1998), mas também se conecta aos eventos do capítulo 1. É somente aqui, em 5:1 e em 1:2, por exemplo, que aparece a descrição do rei assentado em seu trono:

וְהַמֶּלֶךְ יוֹשֵׁב עַל־כִּסֵּא מַלְכוּתוֹ בְּבַיִת הַמַּלְכוּת (5:1)

כְּשֶׁבַת הַמֶּלֶךְ אֶחָשְׁוֶרְוֹשׁ עַל כִּסֵּא מַלְכוּתוֹ (1:2)

“[...] o rei estava assentado no seu trono real [...]” (5:1)

“[...] assentando-se o rei Assuero no trono de seu reino [...]” (1:2)

Em ambas as situações, essa descrição do rei em seu trono é sucedida por uma sequência de dois banquetes imediatos. Nos capítulos 5 e 7, todavia, é a rainha Ester quem figura como anfitriã.

Jonathan Grossman também reconhece o pano de fundo do capítulo 1 no início do capítulo 5, especialmente quando Ester entra nos aposentos do rei. Ele nota o contraste do tratamento que Ester e Vasti recebem ao desobedecerem à palavra do rei. No capítulo 1, Vasti é tirada de sua posição de rainha ao recusar ir até à presença do rei, enquanto no capítulo 5 Ester é recompensada ao infringir a lei, apresentando-se ao rei sem ser chamada (GROSSMAN, 2011, p. 125-126).

Além do mais, a ida de Ester ao pátio interior faz com que ela seja vista (כִּרְאוֹת [kir’ōwṭ]; 5:2) pelo rei: “Quando o rei viu a rainha Ester parada no pátio, alcançou ela favor perante ele [...]” (5:2). Isso contrasta com a atitude da rainha Vasti no capítulo 1, em que se recusa a ir até

à presença do rei para ser vista (לְהַרְאוֹת [ləhar'ōwt]; v. 11) por todos os convidados dele (1:12-21).

Ao receber o favor do rei, Ester formaliza seu convite para o primeiro banquete: “Se bem te parecer, venha o rei e Hamã, hoje, ao banquete que eu preparei ao rei” (Et 5:4). Há pelo menos dois elementos interessantes presentes nesse convite de Ester. O primeiro tem a ver com a linguagem apropriada para a corte real que Ester utiliza, o que Fredric Bush (1996, p. 404) chama de protocolo e etiqueta. A rainha utiliza a terceira pessoa do singular para falar diretamente ao rei e antecede seu pedido com a expressão “se bem te parecer” (אֲנִי-עַל-הַמֶּלֶךְ) (אֲנִי-עַל-הַמֶּלֶךְ [’im-‘al-hammelek tōwb]), da mesma forma que Memucã (1:19) e Hamã (3:8) fizeram antes de obter resposta positiva às suas proposições.

O segundo elemento de destaque é que o banquete já está preparado quando ela faz o convite ao rei. Alice Bach destaca que o dia em que Ester prepara o banquete é o dia em que ela está em jejum. Ela não come enquanto prepara a mesa para os persas. Para a autora, Ester “pode usar o banquete como uma ferramenta, mas ela mesma é aquela que jejua” (BACH, 1997, p. 196)<sup>146</sup>.

Timothy Laniak (1998) comenta que o jejum cria uma antítese entre judeus e persas no tema da comida e bebida. Os judeus são os únicos a jejuar em todo o livro. A razão para esse jejum é evidente no texto e é uma reação diante do decreto de morte a todos os judeus na Pérsia, decreto esse arquitetado por Hamã e aprovado pelo rei Assuero (Et 3:8-11). Ester, por sua vez, parece tentar vivenciar dois “mundos” enquanto leva sua estratégia adiante. Ela jejua (elo com seu povo) enquanto prepara o banquete para os arquitetos da destruição dos judeus<sup>147</sup>. David Clines tece um comentário preciso sobre a ironia que envolve essa ação. Em suas palavras:

A própria Ester, menina judia e rainha persa, move-se diretamente de uma esfera para a outra, de seu jejum judaico para sua festa persa – que, devemos nos lembrar, ela estava ‘preparando’ (5.4) para o rei e Hamã mesmo enquanto ela jejuava! É uma ironia complexa que, enquanto os judeus jejuam por ordem de Ester, por causa do decreto do rei que os colocou no poder de Hamã, sua protetora judia na corte Persa prepara banquetes após banquetes para os engenheiros gêmeos de seu próprio destino e o de seu povo (CLINES, 1984, p. 37)<sup>148</sup>.

<sup>146</sup> “*may use feast as a tool, but she herself is one who fasts*”.

<sup>147</sup> Clines (1984, p. 36) ainda destaca o contraste das vestimentas dos judeus, no capítulo 4 (vestidos de panos de saco e cinzas), e a rainha Ester quando entra na presença do rei (vestes reais), no capítulo 5.

<sup>148</sup> “*Esther herself, both Jewish girl and Persian queen, moves directly from one sphere to the other, from her Jewish fast to her Persian feast – which, we should remind ourselves, she was ‘preparing’ (5.4) for the king and Haman even while she was fasting! It is a complex irony that while the Jews fast at Esther’s bidding because of the king’s decree that has put them in the power of Haman their Jewish protectress at the Persian court prepares banquet after banquet for the twin engineers of her own and her people’s doom.*”

Com a mesa posta e o convite atendido, Ester recebe seus dois convidados, detalhe que para Fox (2001, p. 69) indica um jogo do narrador com a temática de “quem convida quem” no capítulo 1, “um tema introduzido quando Vasti se recusa a ir até o rei [...]. Agora, é o rei quem vem até o banquete da rainha”<sup>149</sup>(cf. BERG, 1979, p. 34; WHEELLOCK, 2008, p. 140).

Esse banquete é chamado, no verso 6, de “banquete do vinho” (מִשְׁתֵּה הַיַּיִן [mištêh hayyayin]), expressão que irá se repetir apenas no segundo banquete da rainha (Et 7: 1, 7-8), sendo algo exclusivo dos banquetes de Ester em todo o livro. Essa ênfase no vinho sugere uma profusão maior da bebida, sendo essa, talvez, a atração principal.

Em sua análise sobre a função do “banquete do vinho” no livro de Ester, Joshua Spoelstra (2014, p. 287) define essas ocasiões como um momento de “bebedeira”<sup>150</sup>. Para ele, o *mištêh*, em si, já considerava o vinho como parte importante do banquete (o autor define o banquete como “festival de bebida”), por isso o construto *mištêh hayyayin* intensificaria a presença do vinho, levando-o a definir esse banquete como uma ocasião de bebedeira e embebedamento (SPOELSTRA, 2014).

Por outro lado, Michael Fox e Andrew Abernethy sugerem que essa não seria a melhor definição, pois os banquetes persas, conforme as fontes clássicas, eram uma ocasião que se dividia em dois momentos: primeiro, a partilha de uma refeição, e, após a terem finalizado, era trazido o vinho. Assim, o “festival de vinho” acontecia ao final da refeição, quando a bebida era servida aos convidados (FOX, 2001, p. 67). Nesse sentido, a proposta de Spoelstra sobre o “banquete do vinho” (מִשְׁתֵּה הַיַּיִן [mištêh hayyayin]) como um “festival de bebida”, ou “bebedeira”, encontraria dificuldades para se afirmar. Para Abernethy (2022, p. 75), “o problema disso é que מִשְׁתֵּה הַיַּיִן muito provavelmente se refere à segunda parte da festa (o simpósio<sup>151</sup>), que ocorre após a refeição (deipnon)”<sup>152</sup>.

O que dificulta qualquer definição é que não há quase nenhuma descrição no livro de Ester sobre como o momento do banquete acontecia ou como a mesa era servida. De qualquer modo, a simples menção ao vinho, na exposição dos banquetes de Ester, poderia destacar que esse item era partilhado com fartura por Hamã e Assuero, não sendo necessário ser objeto de narração detalhada, como em Ester 1:8 (ALTER, 2019, p. 730).

<sup>149</sup> “a theme introduced when Vashti refused to come to the king [...]. Now it is the king who comes to the queen's banquet”.

<sup>150</sup> “Drinking-bout”.

<sup>151</sup> Sobre o simpósio, conferir Ruiz-Ortiz (2017, p. 165-167).

<sup>152</sup> “the problem with this is that מִשְׁתֵּה הַיַּיִן most likely refers to the second part of the feast (the symposion) that takes place after the meal (deipnon)”.

Nesse “banquete do vinho”, Assuero mais uma vez questiona o que ele poderia fazer por Ester, sua rainha, que o havia agraciado com o banquete (Et 5:6). Em sua resposta, Ester estendeu novo convite para Assuero e Hamã virem ao banquete do dia seguinte, o que, mais uma vez, sinaliza sua habilidade retórica. Dessa vez, ela não apenas repete a mesma frase da sua resposta anterior “se bem te parecer” (אִם־עַל־הַמֶּלֶךְ טוֹב) [*'im-'al-hammelek tōwb*]), mas também acrescenta a expressão “se achei favor perante o rei” (אִם־מָצֵאתִי חֵן בְּעֵינָי הַמֶּלֶךְ) [*'im-māšāṭî ḥên bā 'ênê hammelek*] (5:8) antes de fazer o convite. Somente nessa segunda ocasião é que ela revelaria seu pedido e desejo.

Essa expressão adicionada no diálogo com o rei tem uma alteração significativa quando comparada com Ester obtendo o favor do rei no início do capítulo 5. Ao se apresentar diante dele com as vestes reais, o verso 2 diz: “[...] alcançou ela favor perante ele” (נָשְׂאָה חֵן בְּעֵינָיו) [*nāśā 'āh ḥên bā 'ênāw*] (5:2). Paul K. Cho chama a atenção para o fato de que a expressão “alcançar favor” (חֵן בְּעֵינָיו) só aparece, em toda a Bíblia Hebraica, no livro de Ester (2:15, 17; 5:2). Naturalmente, ele questiona o sentido de o narrador utilizar essa expressão incomum. O autor em comento argumenta que o narrador escolhe uma construção ativa para destacar a ação de Ester e sua iniciativa (de vestir-se e ir) no processo de obter o favor do rei: ela “atua para ganhar o favor dos outros e não o recebe passivamente apenas por causa de sua beleza externa” (CHO, 2021, p. 668)<sup>153</sup>.

Para acentuar a ação de Ester, Michael Fox (2001, p. 68) inclusive traduz essa e outras ocorrências dessa expressão no sentido de “conquistar” o favor. Já o verbo “achar” (נָשְׂאָה) o favor do rei (v. 8) indica uma participação menos ativa no processo de obter o favor de Assuero. Em vista disso, o mesmo autor conclui que, em um gesto de submissão, Ester “está minimizando sua influência ao sugerir maior passividade de sua parte e mais iniciativa da parte do rei” (FOX, 2001, p. 68)<sup>154</sup>.

Esse diálogo desenvolve a sensação de que o rei é quem está no controle. Nesse sentido, a estratégia retórica de Ester, no diálogo dos versos 3 a 7, poderia ser entendida como “um delicado jogo de barganha em que Ester consegue atingir seu objetivo sem nunca revelar o objeto do jogo” (CLINES, 1984, p. 37)<sup>155</sup>. Ela demonstra compreender a posição de honra do

<sup>153</sup> “exercises agency to win favor from others and does not passively receive it on account of her outward beauty alone”.

<sup>154</sup> “is downplaying her influence by implying greater passivity on her part and more initiative on the king’s”.

<sup>155</sup> “a delicate play of bargaining in which Esther manages to achieve her goal without ever disclosing the object of the play”.

rei ao utilizar essas formalidades, mas, segundo bem pontua Timothy Laniak (1998, p. 91), “através de um estilo de ‘submissão subversiva’ ela permanecerá no controle a partir deste ponto”<sup>156</sup>.

Além disso, ao Ester postergar a exposição de seu pedido e desejo, é criado um suspense na narrativa<sup>157</sup>. Por que Ester não revela seu pedido na primeira oportunidade? Estaria ela com medo? ou postergar era parte de seu plano? Por que arriscar um segundo convite se o rei já havia sido favorável no primeiro banquete?

Vários comentaristas propuseram explicar os motivos dessa protelação de Ester na narrativa. Entre as explicações principais, figuram: necessidade literária; a necessidade de tempo para Mordecai vencer Hamã (Et 6); criar suspense (FOX, 2001, p. 70-71); adiar para um segundo dia de banquete potencializaria a inebriação do rei (LEVENSON, 1997, p. 90; SPOELSTRA, 2014, p. 292-293); esperar passar o terceiro dia de jejum (BEAL, 1999, p. 72); e fazer Hamã se sentir mais honrado e seguro (RADDAY, 1990, p. 305).

Embora o leitor seja induzido a conjecturar as razões para um segundo banquete, duas coisas interessantes também estão presentes na atitude da rainha. Já foi mencionado que Ester repete parte da estratégia retórica de Memucã (Et 1:16-20) e Hamã (Et 3:5-6), mas, diferentemente desses dois personagens, que têm suas intenções expostas, o narrador nada revela sobre o plano da rainha (BEAL, 1999, p. 72). Outro detalhe é que a ação da rainha de postergar o pedido forma um contraste com o comportamento imediatista do rei, em destaque no próprio capítulo 5. Quando convidado, ele diz: “[...] fazei apressar [מְהֵרָה; *mahărū*] a Hamã, para que atendamos ao que Ester deseja” (5:5). Isso sem contar que o rei sempre atende ao primeiro conselho que ouve, sem pausa para reflexão nem análise<sup>158</sup>.

De acordo com Joshua Spoelstra (2014, p. 293), essa pressa do rei em atender, juntamente com Hamã, ao convite para o banquete poderia não apenas ser uma característica do personagem em si, mas também uma reação curiosa ao convite para um misterioso *mištêh* de Ester, isso porque esse *mištêh* apenas entre Ester, Assuero e Hamã não refletia as grandes listas de convidados e a segregação dos sexos das festas de Assuero.

<sup>156</sup> “*through a style of ‘subversive submission’ she will remain in control from this point onward*”.

<sup>157</sup> O suspense, de acordo com Meir Sternberg (1987, p. 264), “deriva do conhecimento incompleto sobre um conflito (ou alguma outra contingência) iminente no futuro” e surge da diferença entre o que deveria acontecer e o que realmente acontece (cf. RUIZ-ORTIZ, 2017, p. 130-132).

<sup>158</sup> Memucã também pode ser mencionado, pois em seu discurso ele sugere a necessidade de uma reação imediata do rei. Não é possível demorar para agir, pois “*hoje mesmo*, as princesas da Pérsia e da Média, ao ouvirem o que fez a rainha, dirão o mesmo a todos os príncipes do rei; e haverá daí muito desprezo e indignação” (Et 1:18, grifos acrescidos).

Porém, esse primeiro banquete oferecido por Ester não provoca um efeito sobre Assuero (curiosidade) apenas. De modo mais descritivo, o narrador expõe os efeitos do primeiro *mištêh hayyayin* sobre Hamã.

#### 4.2.1.1 Efeito sobre Hamã (Et 5:9-14).

O verso 9 descreve que Hamã voltou do primeiro banquete “alegre” (שָׂמֵחַ [šāmêah])<sup>159</sup> e de “bom ânimo” (טוֹב לֵב [tōwb lēb]). Ele reconhece que a honra que recebera ao ser convidado pela rainha para um banquete apenas com ela e o rei o colocava até mesmo acima da posição de honra que ele já desfrutava (Et 3:1-2). Ao sair do banquete, Hamã parece desfrutar de uma proximidade com o rei que o surpreende: “Disse mais Hamã: A própria rainha Ester a ninguém fez vir com o rei ao banquete que tinha preparado, senão a mim; e para amanhã estou convidado por ela, juntamente com o rei” (Ester 5:12, grifos acrescentados).

Paul Cho chega a sugerir que Hamã, ao tomar lugar na mesa do banquete da rainha Ester, não apenas ocupa um assento de honra e prestígio, mas interpreta a situação como se estivesse em pé de igualdade com o próprio rei. Porém, cego em sua obsessão por honra, ele não consegue considerar que o assento que Ester lhe preparou à mesa é particularmente ambíguo, pois Hamã ocupa uma posição que não é nem a de anfitrião nem a de rei. Cho (2021, p. 678) afirma que “desde que um banquete é igualmente um lugar de honra e um lugar de julgamento [...]”, Hamã “[...] falha em considerar que o assento que Ester preparou para ele à mesa poderia ser igualmente um assento de julgamento, assim como um lugar de honra”<sup>160</sup>.

Embora Hamã tenha uma percepção equivocada, de fato ele aproveita a ocasião e, após o primeiro banquete do vinho, volta para casa alegre e inebriado pelo excesso de bebida. O narrador repete a expressão *tōwb lēb*, que aparece apenas uma outra vez no livro de Ester, quando o rei Assuero, após sete dias de banquete, fica com o “coração alegre” (טוֹב לֵב [tōwb lēb]) por causa do vinho (Et 1:10). Notavelmente, Hamã precisa apenas de um dia para estar tão bêbado quanto o rei no capítulo 1.

Considerando essa conexão intertextual, Timothy Beal e Jon Levenson argumentam que não apenas a honra do rei Assuero e seu estado de embriaguez é lembrado, mas também as consequências que lhe alcançaram. Logo após o narrador mencionar que Assuero desfruta de

<sup>159</sup> Timothy Laniak tece um intrigante comentário sobre o uso de *sameach* para caracterizar o inimigo na Bíblia Hebraica e aplica isso em sua análise do personagem Hamã (1998, p. 97-98).

<sup>160</sup> “since a feast is equally a place of honor and a place of judgment [...] [...] fails to consider that the seat that Esther has prepared for him at the table may be equally a seat of judgment as one of honor”.

um feliz estado de embriaguez, acontece o episódio em que Vasti se recusa a ir ao banquete do rei quando chamada (Et 1:10-12). Rapidamente, sua alegria é transformada em ira.

Nesse caso, ambos os autores concordam que a repetição de *ṭōwb lēb*, no capítulo 5, sugere duas coisas: 1) reforça a semelhança de caráter entre Assuero e Hamã; e 2) aponta que a feliz embriaguez de Hamã está prestes a ser estragada (paradigma da “destruição iminente”, de Levenson). O leitor poderia esperar que a alegria de Hamã, aqui, também seria de curta duração, e, de fato, isso acontece (LEVENSON, 1997, p. 91-92; BEAL, 1999, p. 73-74). Nessa mesma direção, Trisha Wheelock (2008, p. 141-142) comenta que, repetindo a expressão, “o narrador prenuncia uma perigosa reviravolta para Hamã”<sup>161</sup>.

No que diz respeito ao sentimento de Hamã, a transformação é quase imediata, isso porque, no caminho de volta para casa, ele se depara com Mordecai à porta do rei. Mordecai parece não esboçar nenhuma reação diante do honrável Hamã, e, com isso, o estado de espírito de Hamã muda completamente. De alguém que desfrutava de um “coração alegre”, sua condição agora é esta: “[...] se encheu Hamã de ira contra Mordecai”<sup>162</sup> (וַיִּמְלֵא חָמָן עֵל-מַרְדֵּכַי (וַיִּמְלֵא חָמָן עֵל-מַרְדֵּכַי) [wayyimmālê hāmān ‘al-mārədokay hēmāh]) (Et 5:9).

O substantivo וַיִּמְלֵא, traduzido, geralmente, como “furor” e “ira”, ocorre seis vezes no livro de Ester, sendo quatro dessas ocorrências ligadas ao rei Assuero (Et 1:12; 2:1; 7:7, 10), e duas conectadas a Hamã (Et 3:5; 5:9). O sentimento de ira é o motor para o primeiro decreto oficial do rei no capítulo primeiro. E “se inflamou de ira” (וַיִּמְלֵא חָמָן עֵל-מַרְדֵּכַי [wahămātōw bā ‘ārāh bōw]) é o sentimento que o leva a consultar os sábios sobre qual deveria ser sua resposta diante da afronta de Vasti (Et 1:12). Posteriormente, é esse mesmo sentimento que irá conduzir o rei a ordenar a morte de Hamã (Et 7:7-9). De igual modo, Hamã se ira quando Mordecai se recusa a prestar-lhe homenagens logo após ter sido honrado pelo rei: “[...] e encheu-se Hamã de furor” (וַיִּמְלֵא חָמָן עֵל-מַרְדֵּכַי [wayyimmālê hāmān hēmāh]) (Et 3:5).

Contudo, apesar de Assuero e Hamã estarem ligados ao sentimento de ira (ocasionado por Vasti e Mordecai, respectivamente), a maneira como isso se manifesta em cada um é diferente. O rei Assuero é alguém que “queima” (verbo בָּעַר [ba‘ar]; “consumir”, “queimar”) (HALOT, 2001, p. 145) em ira, sentimento que é aplacado logo após resolver os problemas pontuais (2:1 – “apaziguado o furor do rei”; 7:10 – “o furor do rei se aplacou”). Hamã, por sua vez, é alguém que se “enche” (verbo מָלֵא [mālê]; “encher”) (BDB, 1977, p. 570) de ira.

<sup>161</sup> “the narrator foreshadows a dangerous turn of events for Haman”.

<sup>162</sup> Tradução própria.

A mudança na metáfora utilizada para a descrição do sentimento de ira para Assuero e Hamã é interessante. Em vez de algo que queima, a ira de Hamã é como um fluido que enche o recipiente, produzindo uma alta pressão e se tornando incontrolável (RUIZ-ORTIZ, 2017, p. 66). Em toda a narrativa, nem sequer uma vez ele teve sua ira aplacada. Após o encontro com Mordecai, por exemplo, ao voltar para a casa, a única coisa que parece desviar seu foco da ira é a sugestão de sua esposa de que ele mandasse fazer uma estaca para pendurar Mordecai nela (Et 5:14). O grotesco tamanho da estaca (22 metros de altura) parece corresponder ao tamanho da ira de Hamã. Só assim ele poderia ir para o segundo banquete na condição em que ele estava ao final do primeiro: “[...] então, entra alegre (תִּשְׂמֵחַ) com o rei ao banquete. A sugestão foi bem-aceita (וְהָיָה) por Hamã, que mandou levantar a força” (Et 5:14).

No final do verso 14, tanto a raiz תִּשְׂמֵחַ quanto o adjetivo תִּשְׂמֵחַ, que aparecem no verso 9, se repetem, dando, dessa forma, uma sensação de que a proposta de Zeres “reverte” o sentimento de Hamã, fazendo-o recobrar a alegria com a qual ele saíra do primeiro banquete da rainha Ester. Nesse sentido, a ira que Hamã sente ao ver Mordecai representa uma mudança de sentimento e contribui para os eventos pivotais do livro nos capítulos 6 e 7 (SEGAL, 1989, p. 248)<sup>163</sup>. Porém, essa mudança de sentimento não constitui uma reviravolta completa de sua sorte, a perda de sua posição ou sua ruína, no capítulo 5 (esperado pelo prenúncio da expressão *tōwb lēb*). Isso fica reservado para os capítulos 6 (em que ele é humilhado) e 7 (no qual ele é destruído).

Outra relação textual que aproxima Hamã do rei Assuero é a repetição dos dois substantivos “glória” (כְּבוֹד [kəbōwd]) e “riqueza” (עֲשֵׂר [‘ōšer]) no contexto de emulação de honra (BERLIN, 2001, p. 55). Quando Hamã retorna para casa, depois do banquete, ele manda chamar seus filhos e amigos para, então, reforçar sua posição de grandeza diante de seus convidados – uma tentativa de dirimir os efeitos da insubordinação de Mordecai. Nesse contexto, temos a menção aos dois substantivos em questão.

וַיִּסְפֹּר לָהֶם הַמֶּן אֶת-כְּבוֹד עֲשָׂרָו (5:11)  
בְּהִרְאֹתָו אֶת-עֲשָׂרָו כְּבוֹד מַלְכוּתָו (1:4)

<sup>163</sup> Eliezer Segal, em seu artigo sobre a ira humana no livro de Ester, descreve que as grandes transformações no enredo estão associadas com o sentimento da ira. Ele destaca esse ponto com as seguintes palavras: “*Since the villain of the story is driven by fury, it is not inappropriate that his undoing should be achieved largely through the subtle manipulation of anger in several of the book’s characters. As we trace the various allusions to anger and wrath throughout Esther, we note that almost every major turn in the plot is described in relation to the surging or subsiding of anger*” (SEGAL, 1989, p. 248).

“Contou-lhes Hamã a glória das suas riquezas [...]” (Et 5:11)  
 “Então, mostrou as riquezas da glória do seu reino [...]” (Et 1:4)

Hamã conta para seus convidados precisamente aquilo que Assuero mostra em seu primeiro banquete, no capítulo 1. Para Timothy Beal (1999, p. 75), por meio dessa repetição “mais uma vez, a narrativa está identificando o desejo inseguro de Hamã por honra com o do rei”<sup>164</sup>. Dessa forma, ele pretende superar a insegurança causada por sua relação com Mordecai enaltecendo a si mesmo diante de seus convidados. Sua reação imediata é tentar recuperar a satisfação com a qual ele sai do banquete do vinho.

Joshua Spoelstra (2014, p. 295-297) e Timothy Beal (1999, p. 74-76) reconhecem, nessa reação de Hamã, mais uma repetição da moldura narrativa do capítulo 1, especialmente na sequência das ações. Hamã, assim como Assuero, fica alegre pelo vinho (Et 1:10//5:9); ambos, quando embriagados e diante de uma afronta, reagem com ira (1:12//5:9); na sequência, eles recebem conselhos (1:13-20//5:14); e ambos consideram ser “bom” (בטוֹב) o conselho que ouvem (1:21//5:14), o que, na sequência, culmina em um julgamento/uma sentença sobre alguém (Et 1, Vasti; Et 5, Mordecai)<sup>165</sup>. O seguinte esquema tenta ilustrar a sequência destacada:

alegre pelo vinho → ira → conselho → julgamento/sentença

Essa moldura narrativa reforça que Hamã busca redimir sua honra via imitação do rei. Após cada um desfrutar de banquetes que enalteciam sua posição no reino, ambos acabam por ter sua honra abalada, e tentam, por meios desproporcionais – penalização de todas as mulheres do império e a construção de uma estaca de 22 metros de altura para Mordecai –, recuperar sua frágil honra e seu prestígio. No entanto, nesse “jogo de imitação”, Ester leva a melhor.

O que não se pode desconsiderar é que o prestígio que Hamã tenta recuperar está intimamente ligado com o banquete para o qual a rainha Ester o convida. Se no primeiro capítulo o rei se torna refém da grandeza demonstrada em seu próprio banquete, aqui é Ester quem torna Hamã refém da honra que recebe. Afinal, é naquela ocasião que ele experimenta uma honra ímpar: estar no banquete íntimo do casal real.

<sup>164</sup> “once again the narrative is identifying Haman’s insecure desire for honor with that of the king”.

<sup>165</sup> Note, porém, que o julgamento sobre Vasti é concretizado pelo rei, enquanto a força para Mordecai permanece apenas como plano de Hamã. Essa diferença se dá principalmente pelo fato de Hamã não ter o mesmo poder e a mesma autoridade do rei.

Nathan MacDonald reconhece que o primeiro banquete oferecido por Ester acaba sendo determinante para que Hamã cresça em orgulho pessoal, performe engrandecimento próprio e emule honra diante de seus convidados. Ele comenta:

Para Hamã, o primeiro banquete que Ester prepara torna-se uma ocasião de autocongratulação e arrogância. Ele volta para casa, para a esposa e amigos, a fim de se gabar da honra que tem em si. Impulsionado pelo próprio orgulho e pelo incentivo de seus amigos, ele constrói a forca destinada a Mardoqueu (MACDONALD, 2008, p. 216)<sup>166</sup>.

Dessa maneira, o primeiro banquete do vinho se estabelece como uma ocasião apropriada para emular honra e se torna um momento de engrandecimento pessoal. Ao contrário de Assuero, porém, o narrador parece indicar que Ester se utiliza do vinho e do banquete para engrandecer outro: Hamã. Porém, ao honrá-lo com um lugar à mesa, ela apenas o engorda para o abate (LEVENSON, 1997, p. 90).

Essas nuances de como o narrador apresenta as ações de Ester no primeiro banquete do vinho e os efeitos de tal banquete se encontram na descrição de Paul Cho. Ele comenta:

Tendo criado uma oportunidade de se dirigir ao rei com grande risco pessoal, Ester deve encontrar uma maneira de transformar esse pequeno favor pessoal em graça que pode proteger todos os judeus do vasto império da morte. Ela começa a fazer isso primeiro transformando a oportunidade tática em uma vantagem estratégica, a partir da qual ela pode executar seu plano redentor. Ou seja, ela encontra uma maneira de assumir o controle de um espaço em e através do qual ela pode gerenciar suas relações tanto com o rei, a fonte simbólica de toda autoridade, quanto com Hamã, o inimigo dos judeus (CHO, 2021, p. 677)<sup>167</sup>.

#### 4.2.2 Segundo Banquete de Ester: lugar de julgamento (Et 7:1-6)

“Veio, pois, o rei com Hamã, para beber com a rainha Ester” (Et 7:1).

Entre o primeiro e o segundo banquete de Ester, é-nos apresentado, de modo ainda mais acentuado, como a incessante busca de Hamã por honra pessoal o leva à ruína. É no capítulo

<sup>166</sup> “For Haman the first feast that Esther prepares becomes an occasion for self-congratulation and hubris. He returns home to wife and friends to boast of the honour he is held in. Spurred on by his own pride and the encouragement of his friends he constructs the gallows intended for Mordecai”.

<sup>167</sup> “Having created an opportunity to address the king at great personal risk, Esther must find some way to turn this small, personal favor into grace that can protect all the Jews of the vast empire from death. She begins to do this by first transforming the tactical opportunity into a strategic advantage, wherefrom she can execute her redemptive plan. That is, she finds a way to seize control over a space in and through which she can manage her relations with both the king, the symbolic source of all authority, and Haman, the enemy of the Jews”.

seis que ele vai até o rei para lhe propor que se construa uma estaca para Hamã, contudo ele é surpreendido pelo desejo do rei de honrar alguém (Et 6:1-6). Hamã lê mal a situação e pede que o rei conceda a esse escolhido (que Hamã imaginava ser ele mesmo) toda a honra e pompa que pertenciam ao próprio rei – revelando, assim, seu desejo interno (Et 6:7-9). Ele é surpreendido com a revelação do rei: “[...] faz assim para com o judeu Mordecai [...]” (v. 10). Para além da desonra dessa ocasião, sua esposa, Zeres, ainda muda de discurso e alerta que o pior ainda estava por vir. Numa forma de presságio, ela declara que Hamã certamente cairia diante de Mordecai (v. 13) (BUSH, 1996, p. 431).

É por meio desse contexto que o narrador conduz os eventos do próximo banquete da rainha Ester. Hamã, após a humilhação pública, é rapidamente levado pelos eunucos e, juntamente com o rei, se reúne à mesa “para beber com a rainha Ester” (Et 7:1). Ele volta a ocupar um lugar de honra, tomando assento no “banquete do vinho” (מִשְׁתֵּה הַיַּיִן [mištêh hayyayin]) do casal real, ao qual a rainha Ester não convidou ninguém a não ser Hamã (cf. Et 5:12).

Essa indicação de que, primeiramente, eles vieram para “beber” com a rainha é interessante. Apenas três vezes o verbo הִתְּשֵׂה (šātāh), “beber”, aparece no livro de Ester (Et 3:15; 4:16; 7:1)<sup>168</sup>. Duas ocorrências se dão na mesmíssima forma לְשִׂתּוֹתָ (lištōwṭ) – no *qal* infinitivo construto – e contrasta os motivos que reúnem o rei e Hamã para beber. Enquanto em 3:15 a bebedeira celebra o plano de destruição do povo judeu, em 7:1, ironicamente, numa ocasião semelhante, será decretado o fim de Hamã, inimigo dos judeus (BERG, 1979, p. 36-37). Além do mais, outra ironia envolvendo Hamã e o rei (falta de conhecimento) é bem observada por Ruiz-Ortiz (2017, p. 172), que comenta: “Enquanto em 3:15 os dois homens bebem por um pogrom, em 7:1 eles estão brindando a morte de Hamã sem que nenhum deles saiba”<sup>169</sup>.

Joshua Spoelstra chama a atenção para a profusão de vinho nesse segundo banquete, enfatizada por meio do verbo šātāh, “beber”, no contexto do “banquete do vinho”. Para ele, isso indica que o foco da festa está conectado com beber vinho abundantemente, e que, nesse segundo banquete, a bebedeira foi ainda maior (SPOELSTRA, 2014, p. 294; cf. ALTER, 2019, p. 734). Além disso, nessa segunda ocasião Ester não apenas preparou ou assumiu a posição de anfitriã no banquete: ela bebe com seus convidados (GROSSMAN, 2011, p. 129). Essa

<sup>168</sup> Aqui vale comentar o motivo do “JEJUM”, que fica no meio das duas ocorrências do verbo šātāh. Ver Susanne Plietzsch (2012, p. 35-41) e Sandra Berg (1979, p. 35-38).

<sup>169</sup> “While in 3:15 the two men drink to a pogrom, in 7:1 they are toasting Haman’s death unbeknown to either of them”.

mudança se dá, aponta Timothy Beal, porque agora já se haviam completado os três dias de jejum que Ester tinha convocado e guardado, e isso poderia indicar maior proximidade e confiança na relação com os convidados (BEAL, 1999, p. 87-89).

Há também uma mudança em como Ester é apresentada nesse segundo banquete. Ela é constantemente mencionada na companhia de seu título מלכה (hammalkāh), “a rainha”, seja pelo narrador, seja pelo rei Assuero (Et 7:1-3, 5-8). Isso contrasta com o banquete anterior no qual nem o narrador, nem o rei se dirigem a ela com referência à sua posição real (Et 5:4-8). Diante disso, Ruiz-Ortiz (2017, p. 173) sugere que o *status* de Ester cresce de um banquete para o outro, pelo menos do ponto de vista do narrador e de Assuero. Ela passa a ser vista pelo rei como sua rainha, e “não apenas como sua anfitriã ou garçonete” (GROSSMAN, 2011, p. 159)<sup>170</sup>. Nessa mesma linha, Linda Day (2005, p. 118) complementa: “Esse detalhe de nomenclatura faz com que sua personagem pareça mais régia, poderosa e autoritária”<sup>171</sup>.

Assim como havia sido no primeiro banquete, não demora para que o rei Assuero e Ester iniciem um diálogo. Mais uma vez, Assuero é quem toma a iniciativa e retoma as perguntas que havia feito no banquete anterior: “Qual é a tua petição?” e “Que desejas?” (Et 7:2). Em sua resposta, Ester repete a forma e estrutura da pergunta de Assuero (conforme havia feito no banquete anterior) (FOX, 2001, p. 83).

Katherine Gwyther destaca que, ao fazer um segundo banquete (Et 6:14-7:2), novamente Ester está imitando a prática dos persas. Ela também reforça a semelhança na linguagem (retórica) utilizada por Ester e os membros da corte, especialmente seus convidados Assuero e Hamã. A autora coloca em paralelo trechos dos diálogos nos dois banquetes para evidenciar as semelhanças entre o diálogo de Ester com o rei<sup>172</sup>. Segue-se uma adaptação<sup>173</sup>:

Discurso de Assuero	Discurso de Ester
Ester 5:6 “[...] disse o rei a Ester, no banquete do vinho: <b>Qual é a tua petição?</b> E se te dará. <b>Que desejas?</b> Cumprir-se-á, ainda que seja metade do reino.”	Ester 5:8 “Então, respondeu Ester e disse: <b>Minha petição e desejo são o seguinte:</b> se achei favor perante o rei, e se bem parecer ao rei <b>conceder-me a</b>

<sup>170</sup> citação na íntegra: “Thus, by the second party, the king viewed Esther as his queen, not merely his hostess or waitress”.

<sup>171</sup> “This detail of nomenclature makes her character appear more regal, powerful, and authoritative”.

<sup>172</sup> Robert Alter faz um comentário interessante sobre essa característica da repetição de discurso no livro de Ester: “In contrast to the general technique of earlier biblical narrative, which is to introduce small but significant changes in what looks like verbatim repetition, the Book of Esther uses exact repetition as a kind of narrative refrain, much like the frame-story of Job, another Late Biblical composition” (ALTER, 2019, p. 734).

<sup>173</sup> Textos bíblicos da tradução ARA.

	<b>petição e cumprir o meu desejo</b> , venha o rei com Hamã ao banquete que lhes hei de preparar amanhã [...].
Ester 7:2 “[...] disse o rei a Ester: <b>Qual é a tua petição</b> , rainha Ester? E se te dará. <b>Que desejas?</b> Cumprir-se-á ainda que seja metade do reino.”	Ester 7:3 “Então, respondeu a rainha Ester e disse: Se perante ti, ó rei, achei favor, e se bem parecer ao rei, dê-se-me por <b>minha petição</b> a minha vida, e, pelo <b>meu desejo</b> , a vida do meu povo.”

Aqui fica evidente a estrutura de pergunta e resposta presente no diálogo entre os dois personagens. Ester também espelha a retórica de Assuero. A oferta do rei parte de um endereçamento pessoal (“tua petição”) para uma referência a uma ordem política maior (“metade do reino”). A resposta de Ester segue o mesmo movimento. Em 7:3, sua “petição” é por algo pessoal (sua própria vida), enquanto seu “desejo” é mais amplamente político (a vida do seu povo) (GWYOTHER, 2021, p. 60; BEAL, 1999, p. 89).

Essa repetição dos principais termos da fala de Assuero, por parte de Ester, indica sua estratégia retórica. Para Michael Fox, a repetição forma uma espécie de equação: uma vez que a “petição” é sinônimo de “desejo”, “meu povo” é equivalente a “minha vida”<sup>174</sup>. Nesse sentido, ao criar essa equivalência, “ela sugere que os dois são um, e matar seu povo é matá-la” (FOX, 2001, p. 83)<sup>175</sup>. Essa estratégia é apropriada, pois em nenhuma parte do livro de Ester o rei Assuero demonstra algum interesse ou alguma preocupação pelos judeus. Por outro lado, ele amava a rainha Ester (Et 2:17) e já havia demonstrado ter ela o seu favor (Et 5:2). Ao atar seu destino com o do seu povo, Ester dá um “rosto” para aquele abstrato “povo” (Et 3:8) sentenciado à morte pelo decreto de Hamã (RUIZ-ORTIZ, 2017, p. 176)<sup>176</sup>. E esse não é um rosto qualquer. É o de sua atraente e amada rainha.

Outra imitação de estrutura de discurso por parte de Ester se encontra no diálogo com o rei nos versos 5 e 6. Na primeira parte de sua pergunta, o rei usa dois conjuntos de três palavras e recebe de Ester uma resposta com a mesma estrutura:

מִי הוּא זֶה וְאַיִן הוּא (7:5)  
אִישׁ צָר וְאוֹיֵב הֶמֶן הִרְעֵה הַיְיָהּ (7:6)

Pergunta de Assuero: “[...] Quem é esse e onde está ele [...]?” (7:5)

<sup>174</sup> Jon Levenson faz uma comparação interessante dessa intercessão de Ester com Moisés intercedendo pelo povo de Israel diante de Deus em Êxodo 33 (LEVENSON, 1997, p. 101).

<sup>175</sup> “*she intimates that the two are one, and to kill her people is to kill her*”.

<sup>176</sup> Kenneth Craig (1995, p. 117) destaca que Ester repete também a estratégia retórica de Hamã, e sugere ao rei que agir em seu favor é o melhor para o império.

Resposta de Ester: “[...] um homem, um adversário e um inimigo, Hamã, o mau, [é] este” (7:6) (BUSH, 1996, p. 426)<sup>177</sup>

O paralelo entre a pergunta e a resposta cria um “balanço perfeito” e gera um efeito dramático sobre Hamã (BUSH, 1996, p. 426; FOX, 2001, p. 86). Esse balanço é entendido por Jon Levenson como se fosse uma dança de casal, mas ele ressalta que o papel de Ester nessa metáfora seria o da mulher que absorve os movimentos bruscos do homem (Assuero) com graça e equilíbrio. O efeito dramático, por sua vez, é percebido em como essa estratégia retórica arquitetada por Ester impacta Hamã: “Então, Hamã se perturbou perante o rei e a rainha” (Et 7:6) (LEVENSON, 1997, p. 103).

Além das semelhanças, faz-se necessário pontuar mudanças significativas no discurso de Ester em seu diálogo com o rei. Duas, em especial, chamam a atenção. Primeiro, Ester utiliza uma linguagem mais íntima. Ela repete as frases protocolares da corte no primeiro banquete com a diferença de que agora ela não se refere ao rei na 3.<sup>a</sup> pessoa do singular, “se achei graça aos olhos do rei”<sup>178</sup> (אֲמַלְכָּאֵי הֵן בְּעֵינַי הַמֶּלֶךְ [’im-māṣā-tî hên bə’ênê hammelek]) (5:8), mas utiliza a 2.<sup>a</sup> pessoa para falar mais diretamente a ele: “se achei graça aos teus olhos, ó rei”<sup>179</sup> (אֲמַלְכָּאֵי הֵן בְּעֵינֶיךָ הַמֶּלֶךְ [’im-māṣā-tî hên bə’ēnekā hammelek]) (7:3). Ao fazer isso, Ester “ênfatisa o seu relacionamento especial com ele como sua rainha” (BUSH, 1996, p. 431)<sup>180</sup>. Essa mudança sinaliza sua estratégia em primeiro apelar “para a afeição (ou luxúria) de Assuero por ela”. Se essa abordagem fosse bem-sucedida, ela poderia, então, incluir o requerimento pela vida de seu povo (LEVENSON, 1997, p. 102).

A segunda mudança é observada no tamanho da resposta de Ester. Essa mudança era, de certa maneira, esperada, pois ela deixou para revelar seu pedido no segundo banquete. Porém, Yehuda Radday (1990, p. 305) nota que, por meio de uma fala maior, Ester usa a mesma característica de circunlocução, quando comparada com Hamã e Memucã, os quais não apenas usam a estratégia da linguagem passiva, ou repetem as frases protocolares, mas também falam muito quando têm algo a dizer para o rei (cf. discurso de Memucã em Et 1:16-20). O autor chega até mesmo a contar o número das falas de Ester e Hamã (os que mais falam no livro)<sup>181</sup>

<sup>177</sup> No exemplo escolhido, a tradução mais literal de Fredric Bush torna mais evidente o ponto que queremos ilustrar.

<sup>178</sup> Tradução própria.

<sup>179</sup> Tradução própria.

<sup>180</sup> “*emphasizes her special relationship to him as his queen*”.

<sup>181</sup> Em parte de sua argumentação, ele destaca a proporção de falas e a quantidade de palavras na comparação entre Ester e Hamã. Ele afirma: “Ester, que ganha estatura à medida que a trama se desenrola, fala oito vezes e pronuncia 232 palavras ao todo, mostrando grande intuição ao ceder à vaidade do rei com longos circunlóquios, com desculpas e bajulação. O grande orador é Hamã, mas,

e conclui que eloquência e bajulação são determinantes para fazer o rei concordar com qualquer pedido. Isso poderia indicar mais uma repetição da estratégia retórica da corte persa por parte de Ester.

Em sua resposta, Ester revela que seu pedido é pela sua existência e a de seu povo (Et 7:3-4). No entanto, seu argumento de defesa é construído de modo a acusar, indiretamente, alguém. Ela não diz, num primeiro momento, que o inimigo era Hamã. Antes de acusar nominalmente, Ester utiliza verbos na voz passiva para indicar sua posição desprivilegiada, entregue indefesa nas mãos de um malfeitor. No verso 3, por exemplo, ela pede: “[...] dê-se-me (תִּנָּתֶן-לִי [tinnāten-lî]; verbo no tronco *nifal*) por minha petição a minha vida”; no verso 4, duas vezes ela menciona נִמְכָּרֵנוּ (nimkarnū), “fomos vendidos”, fazendo referência indireta à tentativa de compensação financeira de Hamã para que o rei Assuero aprovasse o decreto de destruição dos judeus (Et 3:9-11) (cf. BUSH, 1996, p. 431; JOBES, 1999, p. 164).

Ester ainda menciona a “tríade da destruição”, “destruir, matar e aniquilar” (הַרְגוּ, שְׂמַדוּ, וְנָסְפוּ), que só aparece no decreto de Hamã (Et 3:13). Mas, ainda assim, ela insinua o culpado sem nomeá-lo, lógica parecida com a de Hamã, que fala ao rei de um povo presumidamente rebelde, sem mencionar que eram os judeus (Et 3:8). Esse cuidado mostra habilidade e tato, pois, por motivos óbvios, ela deveria isentar o rei de qualquer responsabilidade (ele aprovou o decreto) ao acusar o causador da desgraça aos judeus (FOX, 2001, p. 84).

Karen Jobes e Kenneth Craig acrescentam que essa tática oblíqua de Ester se assemelha à do profeta Natã, que utiliza uma parábola para confrontar Davi com seu pecado, em 2 Samuel 12. O profeta contorna os mecanismos de defesa de Davi fazendo-o se indignar com o homem mau da história antes de fazer a revelação surpreendente: “Tu és o homem” (2 Sm 12:7). Assuero também fica indignado diante da fala de Ester, porém a acusação não é dirigida ao rei. Ester aponta para Hamã e revela ser ele o vilão (Et 7:6). Assim, ela desmascara Hamã, o inimigo da rainha, que estava “escondido” na presença do rei (JOBES, 1999, p. 164-165; CRAIG, 1995, p. 117-118).

De fato, tendo em vista essa apresentação dos diálogos envolvendo Ester no segundo banquete, o narrador sugere que Ester é capaz de jogar o mesmo jogo dos persas – usando até as mesmas palavras e estratégias – para convencer o rei (CRAIG, 1995, p. 117). Para Levenson, sabiamente Ester adota uma postura de desprivilegiada (linguagem passiva) para que o rei possa

---

comparados aos caminhos sinuosos de Ester com o rei, seus discursos são desajeitados. Ele é prolixo: um de seus discursos se estende por mais de 52 palavras! O total (132) é dividido em três seções, cada uma revelando, ao mesmo tempo, suas intenções ocultas, por mais ruins que sejam, e superando seus objetivos” (RADDAY, 1990, p. 305).

defendê-la, mas ele nos lembra de que, diante do leitor, Ester continua no controle da situação. Ele afirma: “A pose de Ester, de mulher fraca e indefesa que deve confiar no marido, pode tê-lo enganado (tolo que ele é), mas a piada é sobre ele, não sobre o leitor” (LEVENSON, 1997, p. 102)<sup>182</sup>.

No entanto, Gwyther ressalta que não é apenas espelhando a retórica que Ester joga o jogo dos persas. Para a autora, ao promover os dois banquetes, “Ester está imitando os persas. A mímica de Ester não inclui apenas a linguagem, mas também suas ações ao sediar uma festa que [...] foi construída como uma atividade realizada e participada pelos persas” (GWYTHER, 2021, p. 61)<sup>183</sup>. E assim como no primeiro banquete de Ester, esse segundo também produz um efeito direto sobre um de seus convidados. Dessa vez, é Assuero quem é consumido pela ira, sentimento que aparece, novamente, atrelado à bebida, no “banquete do vinho” promovido por Ester.

#### 4.2.2.1 Efeito sobre Assuero: vinho e ira (Et 7:7-8)

Logo na sequência da acusação de Ester sobre Hamã, encontramos a reação do rei Assuero. No verso 7, o narrador declara: “O rei, no seu furor, se levantou do banquete do vinho e passou para o jardim do palácio [...]” (Et 7:7). Assuero não consegue se conter, sai do local onde o banquete estava sendo servido e se dirige ao jardim do palácio. O narrador não explica o motivo de ele ter deixado o banquete, abrindo assim espaço para especulação. Essa atitude do rei fica ainda mais estranha quando notamos que o rei deixa a rainha Ester sozinha com seu recém-revelado inimigo mortal (CHO, 2021, p. 679).

Adele Berlin e Lewis Paton enumeram algumas possibilidades em seus comentários. Dentre elas, é possível que o rei não queria mais ver Hamã em sua frente; que Assuero precisasse recolher seus pensamentos; ele precisava esfriar a cabeça; talvez, ele estivesse hesitante por ainda ter sentimentos amigáveis por Hamã; ou precisasse atenuar os efeitos do vinho que o inflamou à ira. Apesar das especulações, Berlin e Paton concordam em que essa saída do rei é uma necessidade literária para que, na sequência, ele possa voltar e ver a cena de Hamã e Ester no divã (BERLIN, 2001, p. 69; PATON, 1908, p. 262). Contudo, o narrador

<sup>182</sup> “*Esther’s pose as a weak and helpless woman who must rely on her husband may have fooled him (fool that he is), but the joke is on him, not on the reader*”.

<sup>183</sup> “*Esther is mimicking the Persians. “Esther’s mimicry does not just include language but also her actions in hosting a feast which [...] has been constructed as an activity that is performed by and participated in by Persians”*”.

parece indicar um caminho entre essas especulações por meio da repetição da ira do rei, que recorda o episódio com Vasti, no capítulo 1, e o contexto de banquete (LANIAK, 1997, p. 110).

É provocante pensar na relação entre a ira do rei e o excesso de bebida, isso porque o texto marca que a ira se acende dentro dele quando ele ainda estava no “banquete do vinho” (מִשְׁתֵּהַּ הַיַּיַּיִן [mištêh hayyayin]) (7:7). Ademais, das quatro vezes em que o rei aparece associado ao sentimento de “ira” (חֵמָה [hêmāh]), todas se dão em um contexto de profusão de vinho (Et 1:12; 2:1; Et 7:7, 10) – no capítulo 1, ele se ira com Vasti em um estado de embriaguez (“coração alegre” [Et 1:10]), e tem sua ira aplacada depois de sua punição (Et 2:1).

Além disso, já destacamos, nesta pesquisa, que a relação entre vinho e ira é algo que aproxima os personagens Hamã e Assuero. Das seis vezes em que *hêmāh* aparece no livro de Ester, apenas uma delas não está conectada ao vinho ou banquete – quando, pela primeira vez, Hamã se ira contra Mordecai (Et 3:5). É claro, nessas ocorrências, que não é exclusivamente o vinho que provoca a ira tanto de Assuero quanto de Hamã. Ela acontece como uma reação diante da desobediência/desonra de outrem – Vasti (Et 1), Mordecai (Et 3) e Hamã (Et 7). Contudo, o vinho parece ser um elemento impulsionador do sentimento de ira, ou seu combustível, tornando o rei e Hamã mais suscetíveis de ser consumidos por ela (SPOELSTRA, 2014, p. 291).

Ao desafiarem a honra do rei, Hamã e Vasti são colocados lado a lado como objetos da ira real. No caso de Hamã, sua desonra é denunciada pela revelação de Ester de que o decreto promovido por Hamã incluía a morte da rainha (Et 7:2-6) – um notável ato de traição à coroa. Berlin lembra que essa ação de Ester evoca o episódio em que Mordecai descobre, diante do rei, uma trama contra Assuero (Et 2:21-23) (BERLIN, 2001, p. 67). Porém, a desonra de Hamã culmina na cena de ele deitado com Ester no divã implorando por sua vida (Et 7:8). Essa cena é mal interpretada pelo rei em seu retorno ao banquete, que se enfurece ao pensar: “Acaso, teria ele querido forçar a rainha perante mim, na minha casa? [...]” (Et 7:8).

Bush chama a atenção para a ênfase que o rei dá em seu discurso. Ele se refere a Ester por meio de seu título מַלְכָּה (hammalkāh), “a rainha” (vale lembrar que tudo o que é *malkhut* é objeto de domínio do rei – capítulo 3 da pesquisa), e se espanta com a audácia de Hamã em tentar fazer isso “na minha presença” (בְּיַמִּי [‘immī]) e “na minha casa” (בְּבַיְתִי [babbāyit]), espaço de maior honra e de maior domínio do rei. É a afronta à sua honra no ataque à sua rainha (e em sua casa) que faz com que Assuero decrete a sentença de Hamã (BUSH, 1996, p. 434; cf. BERLIN, 2001, p. 70; BEAL, 1999, p. 93).

Segundo bem observou Eliezer Segal (1989, p. 248), “quase todas as grandes reviravoltas na trama são descritas em relação ao surgimento ou diminuição da ira”<sup>184</sup>. Isso é perceptível especialmente no capítulo 7 de Ester, em que o arqui-inimigo dos judeus é sentenciado à morte pela ira do rei, ira essa que só pode ser abatida com a execução do malfeitor. A isso, Segal confere a construção irretocável do narrador, que elabora a circunstância da morte de Hamã como resultado de um trabalho cuidadoso de Ester. Para ele:

No final, o que realmente sela a condenação de Hamã é a direção bem-sucedida da fúria do rei contra ele. Tendo colocado Assuero em um estado de espírito satisfeito e receptivo, Ester agora pinta diante dele um quadro totalmente patético do destino maligno ao qual Hamã a consignou (SEGAL, 1989, p. 249-250)<sup>185</sup>.

Tanto no capítulo 1 quanto no capítulo 7, temos a menção de que, do mesmo modo que a ira do rei Assuero se acende, ela é aplacada no contexto de banquete, após a sentença sobre aquele que ameaçou a honra do rei: “[...] apaziguado já o furor do rei Assuero [...]” (Et 2:1); “[...] Então, o furor do rei se aplacou” (Et 7:10). Para Joshua Spoelstra (2014, p. 294), isso poderia indicar que a inebriação (subproduto do banquete) pelo vinho estabelece uma relação de causa e efeito com a ira. Quando provocada, a alegria ocasionada pelo vinho se transforma em ira.

Essa proposição de Spoelstra é interessante, pois acrescenta a relação de Ester com o vinho, o que Eliezer Segal observou em relação à ira. Ao que parece, o narrador constrói a ideia de que Ester usa o banquete do vinho como instrumento de manipulação da ira do rei.

Aqui novamente, como antes, é notável que a ira (חמה/קצף) é o produto da bebedeira do rei (משתה יין) – que Ester habilmente fabricou. O rei realmente tinha vinho suficiente porque foi provocado à fúria e à ira. [...] Ester, percebendo a relação de causa e efeito do vinho e da ira, usou seu מִשְׁתֵּה יַיִן como um estratagema de meio/fim para a morte de Hamã (SPOELSTRA, 2014, p. 294, 297)<sup>186</sup>.

Todavia, é na sentença sobre Hamã que a estratégia de Ester parece alcançar seu objetivo. Ela utiliza a retórica e o banquete do vinho para incitar a ira do rei e direcioná-la para

<sup>184</sup> “almost every major turn in the plot is described in relation to the surging or subsiding of anger”.

<sup>185</sup> “In the end, what actually seals Haman's doom is the successful directing of the king's fury against him. Having put Ahasuerus in a contented and receptive mood, Esther now paints before him a fully pathetic picture of the evil fate to which Haman has consigned her”.

<sup>186</sup> “Here again, as before, it is lucid that wrath (חמה/קצף) is the product of the king's drinking-bout (משתה יין) – which Esther craftily manufactured. [...] Esther, realizing the cause-effect relationship of wine and wrath, used her מִשְׁתֵּה יַיִן as a means-end stratagem for Haman's demise”.

Hamã, e transforma o banquete no lugar do julgamento do inimigo dos judeus. Esse importante tema do julgamento à mesa será objeto de consideração na sequência.

#### 4.2.3 Banquete e julgamento: Juízo sobre Hamã (Et 7:8-10)

Conforme pode ser notado, o capítulo 7 de Ester está intimamente relacionado com o capítulo 1. Várias repetições de temas e palavras unem o segundo banquete de Ester com as descrições do segundo banquete do rei Assuero. Essa percepção é compartilhada por Sandra Berg (1978, p. 34), que afirma que o segundo banquete de Ester está em justaposição com a segunda festa do rei persa, especialmente por compartilhar o tema do poder. Nessas ocasiões, os personagens – Vasti e Hamã – acabam sendo desempoderados de sua função e condenados pelo rei.

Isso ecoa também o primeiro banquete de Ester e a sequência de ações que observamos no paralelo entre Hamã e Assuero, sequência essa que parece se repetir no capítulo 7, ainda que com suas particularidades. Assim como no capítulo 1, Assuero está em um contexto de bebedeira (Et 1:10//7:1-2), e nessa ocasião reage com ira diante da desonra (Et 1:12//7:7). Logo em seguida, Assuero recebe um conselho sobre o que deveria ser feito com quem o constrangeu (Et 1:16-22//7:9-10), o que, por fim, o conduz a declarar uma sentença sobre Hamã (Et 7:9). O seguinte esquema tenta ilustrar esta sequência do capítulo 7:

banquete do vinho<sup>187</sup> → ira → conselho → julgamento/sentença

Considerando esse padrão narrativo, é de esperar que, quando o rei retorna ao banquete, encontremos menção a algum conselho e a uma condenação subsequente (BEAL, 1999, p. 94). Essa última parte, na qual se destacam os aspectos de julgamento, é-nos apresentada do final do verso 8 até o 10. Antes, porém, de lidarmos com essa parte, em específico, iremos discorrer sobre a moldura narrativa que a envolve e a analisaremos enquanto inserida nessa moldura, a qual fica evidente por meio de repetições nas cenas de banquetes do rei e da rainha.

---

<sup>187</sup> Aqui, “banquete do vinho” substitui “alegria pelo vinho” (que aparece no comentário sobre Hamã no primeiro banquete de Ester). A razão da mudança é que no cap. 7 não há menção direta ao estado de inebriação de Assuero. Porém, conforme argumentado nesse capítulo, o segundo banquete de Ester indica profusão de vinho, bebida que figura como elemento importante no processo da ira do rei. Em outras palavras, entendemos que o vinho continua exercendo um papel importante, porém optamos por respeitar as definições que encontramos no texto de Ester.

A primeira repetição, que parece evocar o contexto de julgamento no segundo banquete de Assuero, está na descrição dos “eunucos do rei” (סָרִיסֵי הַמֶּלֶךְ [sārîsé hammelek]), indo até Hamã e Vasti para conduzi-los ao banquete de Ester e para o segundo banquete de Assuero, respectivamente.

לְהָבִיא אֶת־הַמֶּלֶךְ אֶל־הַמִּשְׁתָּה אֲשֶׁר־עֲשָׂתָה אֶסְתֵּר: (6:14)  
 לְהָבִיא אֶת־וַסְתִּי הַמַּלְכָּה לִפְנֵי הַמֶּלֶךְ: (1:11)

“[...] levaram Hamã ao banquete que Ester preparara”. (6:14)  
 “que introduzissem à presença do rei a rainha Vasti [...]” (1:11)

A estrutura dos dois versos é muito semelhante. Nos dois casos, o verbo בָּא (“entrar/ir”) (BDB, 1977, p. 97) aparece no mesmo tronco verbal (*hifil*, no infinitivo), seguido pelo objeto direto (אֶת), indicando o convidado em questão (הַמֶּלֶךְ [hāmān] e וַסְתִּי הַמַּלְכָּה [wāstī hammalkāh]) e o lugar do banquete (“banquete que Ester preparara” e “presença do rei”). E, na sequência dos dois banquetes, os convidados que deveriam ser trazidos para a festa acabam sendo sentenciados pelo rei.

Porém, é importante destacar que, enquanto para Vasti o convite do rei implicava desonra pessoal – ao ser exibida diante dos convidados do rei –, para Hamã o convite ao banquete de Ester incitava seu próprio ego. Além disso, se, por um lado, Vasti deveria ser trazida ao banquete do rei a fim de ser vista por todos, por outro lado Hamã deveria ser trazido ao banquete da rainha para ser desmascarado diante do rei (CRAIG, 1995, p. 111-119). Contudo, a principal diferença, aqui, se dá no fato de Vasti não aceitar participar do banquete do rei (Et 1:12).

De qualquer forma, ao o narrador descrever os eunucos buscando os convidados do rei e da rainha, ele utiliza uma construção semelhante, o que poderia sugerir uma insinuação do narrador de que, no segundo banquete de Ester, Hamã teria um destino semelhante ao de Vasti. Todavia, isso não ocupa o papel decisivo nesse processo de “antecipação do juízo” sobre Hamã. É a declaração de Zeres e dos sábios que desempenha essa função na narrativa: “[...] certamente, cairás diante dele [Mordecai]” (Et 6:13, grifos acrescidos) (SHARON, 2002, p. 162). Diante disso, caberia afirmar que essa insinuação do narrador, por meio da repetição, corrobora o oráculo da antecipação da condenação de Hamã, instigando a expectativa do leitor para a sentença iminente sobre o inimigo dos judeus.

Outra repetição que figura nesse contexto de “antecipação do juízo” é a do adjetivo **חָכָם**, “sábio”, que aparece em sua forma plural em 6:13 e 1:13. Essas são as únicas duas ocorrências em todo o livro de Ester. É curioso notar que é a esse grupo que o rei Assuero e Hamã recorrem para saber como lidar com situações de desonra, e, em ambos os casos, eles predizem circunstâncias futuras. Memucã, porta-voz do grupo no capítulo 1, antecipa para o rei o caos que permearia todo o império (domínio do rei) caso ele não baixasse um decreto como resposta à atitude de Vasti (Et 1:13-18).

Os sábios e a esposa de Hamã, por sua vez, ao ouvirem a humilhação a que Hamã fora submetido diante de Mordecai, antecipam que não seria possível derrotá-lo. Na verdade, era a derrota de Hamã que certamente aconteceria (Et 6:13) (LEVENSON, 1997, p. 98; BERLIN, 2001, p. 63). Dessa forma, por meio da menção aos sábios na transição para o segundo banquete de Ester, o narrador poderia estar evocando o processo de julgamento e condenação de Vasti no capítulo 1.

Somam-se a essas repetições duas descrições do cenário no segundo banquete de Ester. A primeira é a menção ao “jardim do palácio” (**גִּינַת הַבַּיִת** [ginnat habbêtān]), local para onde Assuero vai, irado, após ouvir a acusação de Ester sobre Hamã (Et 7:7-8). Essa expressão só aparece uma única outra vez no livro de Ester, em 1:5, ao descrever o local do segundo banquete do rei Assuero: “Passados esses dias, deu o rei um banquete a todo o povo, [...] por sete dias, no pátio do jardim do palácio real” (Et 1:5), aproximando, assim, os dois banquetes.

A segunda menção é a parte da mobília, o “divã” (**מִטָּה** [mittāh]; “divã, leito, cama”) (BDB, 1977, p. 641). É sobre ele que Ester está deitada enquanto Hamã se prostra como um suplicante (Et 7:8). Essa descrição só aparece novamente na lista da exuberante mobília que compunha o segundo banquete de Assuero em 1:6 (**מִטּוֹת** [mittōwt]). Além de relacionar os dois banquetes, conforme sugere Berlin, essas menções podem indicar que o divã era comum nos espaços de banquete do livro de Ester (e no antigo oriente próximo), sobre os quais os convidados se reclinavam para comer e beber (BERLIN, 2001, p. 65)<sup>188</sup>. Porém, para além disso, poderíamos questionar a função narrativa dessa escolha do narrador. Por que ele retoma a descrição do cenário (algo incomum nas narrativas da Bíblia Hebraica) e menciona o divã em Ester 7:8?

<sup>188</sup> Carey Moore reforça essa ideia, em seu comentário, e adiciona referências históricas que retratam o costume persa de partilhar o banquete reclinado. Ele afirma: “So Haman approached Esther’s couch where she, in true Persian fashion, was reclining as she ate (cf. Herodotus IX. 80, 82; Xenophon Cyropaedia VIII. 8, 16), to beg for her intercession with the king” (MOORE, 2008, p. 72).

De fato, o divã exerce um papel importante no processo de acusação de Hamã. Enquanto o rei sai do lugar de banquete para avaliar o que fazer, Ester se posiciona sobre o divã. Hamã nota que o rei está decidido em puni-lo e roga pela intercessão da rainha Ester (Et 7:7-8). Porém, na tentativa de salvar a própria vida, ele se aproxima da rainha e cai “sobre” (עַל [‘al]) o mesmo divã em que Ester estava “sobre” (עַל־הָאֵלֶּהָ [‘ālehā]) (Et 7:8). Essa repetição da preposição עַל sublinha que Hamã cai exatamente no mesmo lugar em que a rainha Ester estava deitada, e não apenas se prostra diante dela para rogar por sua vida – como Ester, ao rogar pela anulação do decreto em 8:3 (BERLIN, 2001, p. 69).

Ao ver essa cena, o rei Assuero interpreta erroneamente a situação, inferindo que Hamã estivesse tentando forçar relações com a rainha. Ou seja, o divã acaba se tornando uma armadilha para Hamã. Diante dessa situação, pelo menos duas perspectivas de leitura sobre a função do divã na narrativa se destacam: a primeira, no sentido de ele ser usado de maneira irônica pelo narrador para apontar a casualidade (ou providência divina), que extrapola os limites da engenhosidade de Ester, pois Hamã acaba sendo preso numa armadilha que Ester não arquitetou e condenado pela má interpretação do rei; ou a menção ao divã, aqui, poderia ser uma pista do narrador sobre mais um elemento da estratégia de Ester.

Além de escolher intencionalmente o cenário do banquete, Ester estaria usando sua beleza e sensualidade para fazer Hamã e Assuero caírem em sua armadilha. Nessa linha, a cena que Assuero vê é “encenada, lançada e dirigida pela rainha” (CHO, 2021, p. 679; BACH, 1997, p. 198-200; DURAN, 2006, p. 81)<sup>189</sup>.

Embora seja interessante notar esses dois caminhos, é importante mencionar que a descrição da cena pelo narrador não inclui nenhum verbo de ação para Ester. Assuero figura como ator principal, dominando as ações, enquanto Hamã atua como coadjuvante (RUIZ-ORTIZ, 2017, p. 184). No entanto, o que poderia representar a inação de Ester, na cena, combinaria bem com a postura de esposa indefesa, passiva, que ela elaborou tão habilmente em seu discurso contra Hamã (Et 7:2-6).

Por essa razão, Paul Cho (2021, p. 679) argumenta que “a cena é um exemplo de Ester gerenciando sua relação com os outros no e por meio do lugar sobre o qual ela exerce controle.

---

<sup>189</sup> Em um trecho de seu artigo sobre o tema da violência no livro de Ester, Calduch-Benages dedica um tópico para comentar sobre como Ester utiliza sua beleza como arma para lutar em favor de seu povo (CALDUCH-BENAGES, 2010, p. 131-134). Alice Bach também enfatiza a beleza de Ester como um elemento crucial de sua *performance*, enquanto coloca seu plano em prática. A autora comenta: “*The sense of performance is most clearly marked out by Esther’s appearance before the king at the beginning of the banquet and the tableau of her and Haman on the couch. Both are tableaux arranged to increase male desire for Esther [...]*” (1997, p. 200).

Ela desempenha o papel de esposa vulnerável, coloca Hamã no papel de agressor sexual e orienta Assuero a desempenhar o papel de marido protetor”<sup>190</sup>. Em outras palavras, a falta de ação (ou fala) da personagem, nessa cena, poderia ser uma forma de “ação”, pois seu silêncio e sua inatividade reforçam sua posição vulnerável diante do inimigo Hamã e diante de seu esposo Assuero.

No verso 9, temos outra repetição intrigante, agora, porém, de um personagem: Harbona. Ele aparece no capítulo 1 como um dos eunucos do rei que recebe a missão de trazer Vasti ao segundo banquete (Et 1:10-11). Sua aparição no capítulo 7 surpreende o leitor que imaginava estarem presentes no banquete apenas Ester, Assuero e Hamã. Ademais, sua presença não é a de um observador neutro: ele toma partido dos judeus contra Hamã.

Em sua fala, Harbona complementa a acusação do rei sobre Hamã. Isso fica perceptível na repetição da palavra “também” (גַּם [gam]), presente na fala do rei (“acaso também [גַּם־נִי] teria ele querido forçar a rainha [...]”; v. 8) e no início da fala de Harbona (“além disso [גַּם], eis que existe junto à casa de Hamã a forca que ele preparou para Mordecai [...]”; v. 9), que reforça a trama de Hamã contra o fiel Mordecai, “que falara em defesa do rei” (7:9). Assim, Harbona acrescenta mais uma acusação sobre Hamã: ele tentou matar o servo fiel do rei que salvou a sua vida de uma conspiração.

Jonathan Grossman descreve que esse efeito da repetição da palavra גַּם sobre o rei Assuero afirma “a progressão cumulativa da maldade de Hamã aos olhos do rei: desde seu desejo de matar Ester e seu povo, ao interesse dele em estuprar a rainha comigo em casa, até seu desejo por matar Mordecai, que salvou minha vida” (GROSSMAN, 2011, p. 167; RUIZ-ORTIZ, 2017, p. 185)<sup>191</sup>.

Harbona, inclusive, sugere ao rei (mesmo sem ser questionado) qual deveria ser a punição de Hamã (BUSH, 1996, p. 433-434). Uma vez que ele demonstrou ser um traidor da coroa<sup>192</sup>, a punição mais apropriada seria a estaca – mesma punição de Teres e Bigtã, que também tramaram contra o trono (CALDUCH-BENAGES, 2010, p. 127-128). Diante do

<sup>190</sup> “the scene is an example of Esther managing her relation to others in and through the place over which she wields control. She performs the role of vulnerable wife, casts Haman in the role of the sexual aggressor, and directs Ahasuerus to play the role of the protective husband”.

<sup>191</sup> Texto na íntegra: “The two instances of this word contribute to the cumulative progression of Haman’s evil in the king’s eyes: from he wishes to kill Esther and her people to he wishes to rape the queen with me in the house to he wishes to kill Mordecai, who saved my life”.

<sup>192</sup> David Firth e Adele Berlin comentam que, conforme 2 Sam. 3:7-11; 16:20-22 e 1 Reis 2:13-25, até mesmo a possibilidade de uma relação sexual com uma concubina real era considerada uma reivindicação ao trono. Do ponto de vista de Assuero, Hamã estaria cometendo um crime político gravíssimo, algo entendido como tentativa de usurpar o trono (FIRTH, 2010, p. 107; BERLIN, 2001, p. 64, 70).

conselho de Harbona, o rei imediatamente julga o caso de Hamã e o condena à morte: “Enforcai-o nela” (Et 7:9).

Segundo bem pontua Ruiz-Ortiz (2017, p. 186), o que temos aqui “é mais um exemplo de como os banquetes são lugares de julgamento e tomadas de decisão”<sup>193</sup>. Além do mais, citando Harald Wahl, o mesmo autor destaca que todos os elementos de um processo judicial estão presentes no segundo banquete de Ester: “[...] a acusação, as provas e testemunhas, a confissão do culpado, o pedido de clemência, o veredito e a execução da sentença” (RUIZ-ORTIZ, 2017, p. 188)<sup>194</sup>.

De fato, a aparição de Harbona aqui não é gratuita. Ele parece repetir aqui – é certo que com maior protagonismo – o papel que ele já havia desenvolvido no capítulo 1. Ele faz parte do grupo de eunucos que traz a notícia para o rei de que Vasti não se submeteu à ordem dele, o que, de certa forma, poderia ser lido como uma denúncia de insubordinação. De modo semelhante, no capítulo 7 ele conta ao rei sobre a estaca que Hamã havia feito para Mordecai, instigando sua punição. Além do mais, nos dois casos a remoção do ofensor faz com que o rei fique mais calmo, e as mudanças nesses cargos inserem os heróis judeus no círculo interno de poder persa (Ester no capítulo 2; Mordecai no capítulo 8) (GROSSMAN, 2011, p. 168; cf. BERLIN, 2001, p. 71).

Por meio dos banquetes da rainha, nota-se a viabilidade de transformação social e política. Segundo bem destacou Trisha Wheelock (2008, p. 147), “Os banquetes de Ester dialogam com os anteriores e enfatizam a possibilidade de mudanças bruscas no poder social e político. Assim como Vasti rapidamente perde sua posição durante um banquete, assim também, Hamã cai em desgraça”<sup>195</sup>. Em complemento, Susanne Plietzsch (2012, p. 40) destaca: “Há banquetes onde o conflito irrompe e se agrava e outros onde, por meio de políticas inteligentes de convite, decisões são tomadas e novos rumos são traçados”<sup>196</sup>.

A última repetição de destaque é a narração da ira do rei sendo aplacada em 7:10. Ali, é notada uma repetição muito próxima de Ester 2:1, que encerra os acontecimentos sobre o julgamento de Vasti e sobre o segundo banquete de Assuero.

---

<sup>193</sup> *“another example of banquets as places of judgment and decision making”.*

<sup>194</sup> *“[...] the accusation, the proofs and witnesses, the confession of the guilty party, the requesting of mercy, the verdict and the execution of the ruling”.*

<sup>195</sup> *“Esther’s banquets dialogue with the ones preceding and emphasize the possibility of abrupt changes in social and political power. As Vashti swiftly loses her position during a banquet, so Haman falls from favor”.*

<sup>196</sup> *“There are banquets where conflict erupts and escalates and others where, through clever politics of invitation, decisions are reached, and new courses set”.*

וְהַמֶּלֶךְ הַמְּלִיכָה (7:10)  
 כְּשֶׁהָמֶלֶךְ הַמְּלִיכָה (2:1)

“[...] o furor do rei se aplacou” (7:10).

“[...] apaziguado já o furor do rei” (2:1).

Embora estejam em uma ordem diferente, o verbo “diminuir, abater” (שָׁכַךְ [šākāk]) e os substantivos “ira” (הֵמָּה [hēmāh]) e “o rei” (הַמֶּלֶךְ [hamelek]) se repetem. Dessa forma, o narrador descreve o final da cena de julgamento e condenação de Hamã nos mesmos termos em que retrata o sentimento do rei após decretar a deposição de Vasti e o decreto espalhado por todo o império de que todas as mulheres dessem honra ao seu marido (Et 1) (LEVENSON, 1997, p. 105). Ao fazer isso, mais uma vez o narrador aproxima Hamã de Vasti e sela a conexão entre os banquetes da rainha com os banquetes do rei Assuero no capítulo 1 (cf. ZEELANDER, 2012, p. 55-57).

No entanto, os banquetes dos capítulos 5 e 7 apontam um elemento diferente em comparação com os anteriores<sup>197</sup>. Enquanto Assuero usa o banquete com a função de manter seu poder, o banquete, para Ester, é uma ferramenta para ganhar poder – depois de eliminar Hamã, Ester indica Mordecai para assumir o cargo de confiança do rei (Et 8) (CRAIG, 1995, p. 66-67).

Esse jogo de poder observado ao redor da mesa do banquete compõe o tema do julgamento. De acordo com Ruiz-Ortiz (2017, p. 189), o segundo banquete de Ester pode ser definido como um lugar de “revelação, reviravolta, divisão e sede do julgamento”<sup>198</sup>. Esse julgamento de Hamã, arquitetado por Ester e executado por Assuero, é entendido por Nathan MacDonald como um sinal do julgamento divino sobre o inimigo dos judeus.

Ao analisar outros exemplos de vindicação divina relacionados com comida e bebida na Bíblia Hebraica, ele afirma que a mesa é “o lugar em que a justiça ou injustiça humana é mais caracteristicamente exemplificada [...]” (MACDONALD, 2008, p. 216)<sup>199</sup>. Com base nisso, ele destaca a atitude reveladora de Hamã como injusta ao celebrar o decreto de morte dos judeus com um banquete (Et 3:15). Ester, por sua vez, usa o banquete para estabelecer justiça para os judeus, destruindo seu algoz. No capítulo 7, o inimigo dos judeus é vencido no divã de Ester, no banquete do vinho que ela preparou.

<sup>197</sup> Para outras características distintivas dos banquetes de Ester, conferir Ruiz-Ortiz (2017, p. 189) e Beal (1997, p. 97-98).

<sup>198</sup> “*revelation, overturning, division and the seat of judgment*”.

<sup>199</sup> “*the place in which human righteousness or unrighteousness is most characteristically exemplified [...]*”.

Em vista disso, o segundo banquete de Ester é apresentado como um lugar de disputa, de poder, honra e juízo – assim como no capítulo 1. As conexões dos banquetes de Ester com os banquetes do rei implicam, no leitor, a sensação de presságio da iminente condenação de Hamã. Susanne Plietzsch (2012, p. 37) descreve isso da seguinte maneira: “[...] o segundo banquete de Ester com o rei e Hamã termina com a condenação inesperada-esperada de Hamã”<sup>200</sup>.

Além disso, as repetições de temas, palavras e ações podem ser entendidas como pistas do narrador para reconhecermos a estratégia de Ester: imitação dos persas. Ao apresentar as ações de Ester como ecos de Assuero e Hamã, o narrador parece sugerir que a rainha Ester está jogando o jogo dos persas e pelas regras deles. Dessa maneira, os banquetes do vinho são utilizados por Ester como estratégia para manipular o rei, superar Hamã, condená-lo e substituí-lo. A mesa de Ester surpreende Hamã, pois inicialmente se apresenta como um assento de honra, porém, em seguida, se transforma em um lugar de julgamento. Paul Cho resume bem essa dinâmica em seu comentário:

Ester oferece duas festas em sua própria casa para obter uma vantagem estratégica momentânea sobre seus inimigos. Então, em atos de reversão (em um livro de reversões), ela arma as supostas fraquezas e responsabilidades para julgar, condenar e executar seu inimigo. Honra e julgamento são igualmente partes de um banquete, e Hamã veio à mesa e presumiu sentar-se no assento de honra. Para sua infeliz surpresa, Ester vira a mesa e senta Hamã no banco dos réus – então o executa (CHO, 2021, p. 680)<sup>201</sup>.

---

<sup>200</sup> “[...] *Esther’s second banquet with the king and Haman concludes with the unexpected-expected condemnation of Haman*”.

<sup>201</sup> “*Esther hosts two feasts in her own house to take hold of a momentary strategic advantage over her enemies. Then, in acts of reversal (in a book of reversals), she weaponizes presumed weaknesses and liabilities to judge, condemn, and execute her enemy. Honor and judgment are equally parts of a feast, and Haman came to the table and presumed to sit at the seat of honor. To his unfortunate surprise, Esther turns the tables and seats Haman in the dock – then executes him*”.

## CONCLUSÃO

Este trabalho se iniciou com um panorama geral do conceito de *mišteh* na Bíblia Hebraica. Notou-se que o ato de beber figura com destaque nesses ajuntamentos festivos que tinham como objetivo a celebração – dos ciclos da vida, ou da manutenção do poder real. Notou-se que presença do vinho nos banquetes pode tanto exercer um papel de solidificação das relações sociais, ao se compartilhar o estado de alegria e inebriação, como pode também ameaçar as relações. Alguns exemplos demonstraram que, o banquete, momento de alegria pelo vinho, pode se transformar em uma ocasião de trapaças, traição e julgamento.

No segundo capítulo, foi apresentado algumas características literárias do livro de Ester que se relacionam diretamente com as cenas de banquetes reais. Foi observado que o banquete é considerado um motivo literário dentro do rolo de Ester, e, a ocasião em que transformações acontecem no enredo. Vale destacar como o narrador descreve a transformação de Ester a partir da dinâmica da inversão de papéis e destinos atrelada aos banquetes que ela oferece.

Em seguida, analisamos as cenas em que o rei Assuero oferece banquetes para os seus convidados. Estas ocasiões indicam que os banquetes promovidos pelo rei não eram meramente uma ocasião de celebração, mas uma maneira de reforçar a honra e poder real diante de todos através, principalmente, da exibição de riquezas, de benesses como a bebida e, em última análise, da coerção das vontades. O poder político e simbólico destas ocasiões pode ser notado no episódio da recusa de Vasti, que transforma rapidamente o cenário festivo do banquete em um lugar de julgamento.

No último capítulo, observamos as cenas em que os banquetes reais são promovidos pela rainha Vasti e depois, Ester. Neste capítulo enfatizamos como o narrador descreve as ações de Ester, se utilizando de repetições para criar semelhanças entre os banquetes promovidos por Ester e Assuero. Além do mais, outras semelhanças entre as cenas foram apontadas. Ao que parece, o narrador cria, dessa maneira, a sensação de que Ester está jogando o jogo dos persas para obter favor para ela e seu povo. Assim, ela se utiliza dos banquetes de modo estratégico, a fim de ganhar o favor do rei e executar Hamã, o inimigo dos judeus.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABERNETHY, Andrew. At the Table: Banquets in Esther and Isaiah in Intertextual Conversation. *In*: FIRTH, D.; MELTON, B. (org.). **Reading Esther Intertextually**. 1st ed. Great Britain: T&T Clark Bloomsbury Publishing, 2022. v. 725. (Library of Hebrew Bible/Old Testament Studies Series). Available at: <https://www.perlego.com/book/3462089/reading-esther-intertextually-pdf>. Acesso em: 21 out. 2022.

\_\_\_\_\_. **Eating in Isaiah**: Approaching the Role of Food and Drink in Isaiah's Structure and Message. Boston: BRILL, 2014, v. 131 (Biblical Interpretation Series).

ACKROYD, P. R., “טָ””, *In*: BERGMAN, J.; VON SODEN.; BOTTERWECK G. J.; RINGGREN, H. (eds.). **Theological Dictionary of the Old Testament**. Tradução: David E. Green. Grand Rapids, Michigan/Cambridge, U.K.: William B. Eerdmans Publishing Company, 1986. v. 5.

ALEXANDER, P. H. *et al.* (eds.). **The SBL Handbook of Style**: for ancient near eastern, biblical, and early Christian studies. Peabody: Hendrickson Publishers, 1999.

ALTER, Robert. **A Arte da Narrativa Bíblica**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

ALTER, Robert. **The Hebrew Bible**: the five books of Moses. New York: W. W. Norton & Company, 2019, 1 v.

ALTER, Robert. **The Hebrew Bible**: The Writings: a translation with commentary. New York: W. W. Norton & Company, 2019, 3 v.

ALTMANN, P. **Festive Meals in Ancient Israel**: Deuteronomy's identity politics in their ancient near eastern context. Berlin/Boston: De Gruyter, Inc., 2011.

ALTMANN, P.; JANLING, F. (eds.). **Feasting in the Archaeology and Texts of the Bible and the Ancient near East**. University Park, PA: Pennsylvania State University Press, 2014.

BACH, Alive. **Women, seduction, and betrayal in biblical narrative**, 1997.

BEAL, Timothy. Esther. *In*: LINAFFELT, Tod; BEAL, Timothy. **Ruth and Esther**. Collegeville: The Liturgical Press, 1999. (Berit Olam Series).

BERG, S. B. **The Book of Esther**: Motifs, Themes, Structure, SBL. DS 44, Chico, CA: Scholars Press, 1979.

BERGER, Peter. **Redeeming Laughter**: The Comic Dimension of Human Experience. 2 ed. New York: de Gruyter, 2014.

BERLIN, Adele. The Book of Esther and Ancient Storytelling. **Journal of Biblical Literature**. v. 120, n. 1, p. 3-14, 2001.

BERLIN, Adele. **The JPS Bible Commentary**: Esther. Philadelphia: Jewish publication society, 2001.

BETCHEL, Carol. **Esther Interpretation: A Bible Commentary for Teaching and Preaching**. Louisville, KY: Westminster John Knox Press, 2002.

BROWN, F.; DRIVER, S. R.; BRIGGS, C. A. **Enhanced Brown-Driver-Briggs Hebrew and English Lexicon**. Oxford: Clarendon Press, 1977.

BRUEGGEMANN, W. **Genesis**. Atlanta: John Knox Press, 1982. (Interpretation).

BRUEGGEMANN, W.; BELLINGER, W. **Psalms**. New York: Cambridge University Press, 2014.

BUSH, R. F. W. **Esther**. Dallas, Texas: Word Books, 1996. v. 9. (Word Biblical Commentary).

CALDUCH-BENAGES, N. "War, Violence and Revenge in the Book of Esther". *In*: LIESEN, J.; BEENTJES, P. C. (eds.), **Visions of Peace and Tales of War**. DCLY 2010, Berlin/New York: de Gruyter, 2010. 121-145 p.

CHO, Paul K. K. A House of Her Own: The Tactical Deployment of Strategy in Esther. **Journal of Biblical Literature**. v. 4, p. 663-682, 2021. DOI: <https://doi.org/10.15699/jbl.1404.2021.2>.

CLINES, David J. A. (org.). **The Dictionary of Classical Hebrew**. Sheffield, England: Sheffield Academic Press, 1993-2011. v. 5.

CLINES, David J. A. **The Esther Scroll**. The Story of the Story. Sheffield: JSOT Press, 1984, v. 30. (Journal for the Study of the Old Testament Supplement Series).

CRAIG, K. M. **Reading Esther: A Case for the Literary Carnavalesque**. Louisville, KY: Westminster John Knox, 1995. (Literary Currents in Biblical Interpretation).

DAY, L. M. **Esther, Abingdon Old Testament Commentaries**, Nashville: Abingdon Press, 2005.

DURAN, N. W. **Having Men for Dinner: Biblical Women's Deadly Banquets**. Cleveland: The Pilgrim Press, 2006.

ESKENAZI, Tamara C.; FRYMER-KENSKY, Tikva. **The JPS Bible Commentary: Ruth**. Philadelphia, PA: Jewish Publication Society, 2011.

FEWELL, Danna N (ed.). **The Oxford Handbook of Biblical Narrative**. New York: Oxford University Press, 2016

FIRTH, David G. The Message of Esther: God Present but Unseen. *In*: MOTYER, A.; TIDBALL, D. (org.). **The Bible Speaks Today**. England: Inter-Varsity Press, 2010.

FOKKELMAN, J. P. **Reading Biblical Narrative: A Practical Guide**. Leiden: Deo Publishing, 1999, v. 1. (Tools for Biblical Study).

FOX, Michael. V. **Character and Ideology in the Book of Esther**. 2nd ed. Grand Rapids, Michigan/Cambridge, U.K.: Wm. B. Eerdmans Publishing Company, 2001.

FUCHS, Esther. **Sexual politics in the biblical narrative**: reading the Hebrew Bible as a woman. London/New York: Sheffield Academic Press, 2003. v. 310 (Journal for the Study of the Old Testament Supplement Series).

GAMBERONI, J., “שְׁתֵּה” *In*: BOTTERWECK, G. J.; RINGGREN, H.; FABRY, H. J. (eds.). **Theological Dictionary of the Old Testament**. Tradução: David. E. Green. Grand Rapids, Michigan/Cambridge, U. K.: William B. Eerdmans Publishing Company, 2006, v. 15.

GOLDMAN, Stan. Narrative and Ethical Ironies in Esther. **Journal for the Study of the Old Testament**, n. 47, 1990, pp. 15-31.

GOLDINGAY, J. **Word Biblical Commentary**: Daniel. Dallas: Word Books, 1989. v. 30.

GORDIS, Robert. Studies in the Esther Narrative. **Journal of Biblical Literature**, v. 95, n. 1 (mar., 1976), p. 43-58.

GREEN, Alexander. “Power, Deception, and Comedy: The Politics of Exile in The Book of Esther. **Jewish Political Studies Review**, vol. 23, n. 1/2, 2011, p. 67-78.

GREENSTEIN, Edward. A Jewish reading of Esther. *In*: **Judaic Perspectives on Ancient Israel**. Philadelphia: Fortress Press, 1987.

GREER, Jonathan. Feasting and Festivals. *In*: **T&T Clark Handbook of Food in the Hebrew Bible and Ancient Israel**. London/New York: T & T Clark, 2021.

GROSSMAN, Jonathan. **Esther**: The Outer Narrative and the Hidden Reading. Indiana: Eisenbrauns, 2011, v. 6. (Siphrut: literature and theology of the Hebrew Scripture).

GUNN, David M.; FEWELL, Danna N. **Narrative Art in the Hebrew Bible**. New York: Oxford University Press, 1993.

GWYTHYER, Katherine. Feasting and Fasting: Hybridity in the Book of Esther. *In*: **The Old Testament Society of Southern Africa (OTSSA)**. SA ePublications, South African, v. 34, n. 1, p. 50-67, 2021. DOI: <https://doi.org/10.17159/2312-3621/2021/v34n1a5>. Acesso em: 21 out. 2022.

HAUSMANN, J. “פֶּאֶר”. *In*: BOTTERWECK, G. J.; RINGGREN, H.; FABRY, H. J. (eds.). **Theological Dictionary of the Old Testament**. Tradução: David. E. Green. Grand Rapids, Michigan/Cambridge, U.K.: William B. Eerdmans Publishing Company, 2006, v. 11.

JOBES, K. H. **The NIV Application Commentary**: Esther. 1st. ed. Michigan: Zondervan, 1999.

JOSHUA, Berman. **The Temple**: its symbolism and meaning then and now. London: Jason Aronson Inc Publishers, 1995.

KLEIN, Lilian R. **The Triumph of Irony in the Book of Judges**. 1 ed. Journal for the Study of the Old Testament Supplement Series, v. 68; Bible and Literature Series, v. 14. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1989.

KOEHLER, Ludwig. *et al.* **The Hebrew and Aramaic lexicon of the Old Testament**. Leiden: E. J. Brill, 1994-2000.

LANIAK, Timothy. **Shame and honor in the book of Esther**. Atlanta: Scholars Press, 1998, n. 165. (Society of Biblical Literature Dissertation Series).

LEVENSON, J. D. **Esther: A Commentary**. London: Westminster John Knox Press, 1997. (The Old Testament Library).

MACDONALD, Nathan. **What Did the Ancient Israelites Eat? Diet in Biblical Times**. Cambridge: W. B. Eerdmans Publishing Company, 2008.

\_\_\_\_\_. **Not Bread Alone: The Uses of Food in the Old Testament**. New York: Oxford University Press, 2008.

MACDONALD, Nathan; REHMANN, Luzia S.; EHRENSPERGER, Kathy. *In: Decisive Meals: Table Politics in Biblical Literature*. New York/London: T & T Clark, 2012, n. 449. (Library of New Testament Studies).

MOORE, C. **Esther: Introduction, translation, and notes**. London: Yale University Press, 2008, v. 7B. (Anchor Yale Bible).

NUNES JÚNIOR, Edson M. **A terra em Gênesis 1-9: uma leitura microscópica crítica da narrativa**. 2017. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Judaicos, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

O'CONNOR, Kathleen. Humor, Turnabouts and Survival in the Book of Esther. *In: Brenner-Idan, Athalya. Are We Amused?: Humour about Women in the Biblical World*, edited by William R. Farmer, Bloomsbury Publishing Plc, 2004, p. 52-64.

PACE, Leann. Feasting and Everyday Meals in the World of the Hebrew Bible: The Relationship Reexamined through Material Culture and Texts. ALTMANN P.; FU, J. (eds.). *In: Feasting in the Archaeology and Texts of the Bible and the Ancient Near East*. Winona Lake, Indiana: Eisenbrauns, 2014. p. 187-191.

PATON, Lewis. **The International Critical Commentary: A critical and exegetical commentary on the Book of Esther**. Edinburgh: T & T Clark, 1908.

POLASKI, Donald C. **Authorizing an End: The Isaiah Apocalypse and Intertextuality**. Leiden: Brill, 2001, n. 50 (Biblical Interpretation Series).

PLIETZSCH, Susanne. Eating and Living: The Banquets in the Esther Narratives. (eds.) MACDONALD, Nathan *et al.*, *In: Decisive Meals: Table Politics in Biblical Literature*. New York/London: T & T Clark, 2012, n. 449. (Library of New Testament Studies).

RADDAY, Y. T. “Esther with Humour”. In: BRENNER, A. (eds.) **On Humour and the Comic in the Hebrew Bible**. Sheffield: The Almond Press, 1990, n. 92, p. 295-313. (Journal for the Study of the Old Testament Supplement Series).

RUIZ-ORTIZ, Francisco-Javier. **The Dynamics of Violence and Revenge in the Hebrew Book of Esther**. Leiden/Boston: Brill, 2017, v. 175. (Supplements to Vetus Testamentum).

SASSON, Jack M. ‘The Blood of Grapes: Viticulture and Intoxication in the Hebrew Bible’. In: MILANO, Lucio (ed.). **Drinking in Ancient Societies: History and Culture of Drinks in the Ancient Near East**. Italy: Sargon, 1994, p. 399-419.

SEGAL, Eliezer. “Human Anger and Divine Intervention in Esther.” **Prooftexts**, v. 9, n. 3, 1989, p. 247-256.

SILVA, L. G. M. **O uso de violência no livro de Ester: uma análise crítica a partir do gênero literário da comédia**. Dissertação (Mestrado em Interpretação Bíblica) – Engenheiro Coelho: UNASP-EC, p. 94. 2020.

SHARON, Diane M. **Patterns of Destiny: Narrative Structures of Foundation and Doom in the Hebrew Bible**. Indiana: Eisenbrauns, 2002.

SHARP, Carolyn H. **Irony and Meaning in the Hebrew Bible**. Bloomington: Indiana University Press, 2009.

SPOELSTRA, Joshua J. The Function of the מִשְׁתָּה in the Book of Esther. **Old Testament Essays**, v. 27, n. 1, p. 285-301, 2014.

STERNBERG, M. **The poetics of the Biblical Narrative: ideological literature and the drama of reading**. Bloomington: Indiana University Press, 1987.

STERN, E. R. Esther and the Politics of Diaspora. **Jewish Quarterly Review**, v. 100, n. 1, p. 25-53, 2010.

WALSH, Carey. Grapes and Wine. FU, Janling.; SHAFER-ELLIOT, Cynthia.; MEYERS, Carol (eds.). In: **T&T Clark Handbook of Food in the Hebrew Bible and Ancient Israel**. London/New York: T & T Clark, 2021.

WALSH, Carey. Under The Influence: Trust and Risk in Biblical Family Drinking. **Journal for the Study of the Old Testament**, v. 25, n. 90, p. 13-29, 2000.

WEISMAN, Ze’ev. **Political Satire in the Bible**. Atlanta: Scholars Press, 1998. (Society of Biblical Literature Semeia Studies).

WELTON, Rebekah. **He is a Glutton and a Drunkard: Deviant Consumption in the Hebrew Bible**. Leiden: Brill, 2020, v. 183 (Biblical Interpretation Series).

WESTERMANN, Claus. **A Continental Commentary: Genesis 1–11**. Minneapolis: Fortress Press, 1994.

WHEDBEE, J. William. **The Bible and the Comic Vision**. Minneapolis: Fortress Press, 2002.

WHEELOCK, Trisha G. **Drunk and Disorderly: A Bakhtinian Reading of the Banquet Scenes in the Book of Esther**. 210 f. Tese (Doutorado em Filosofia). Texas: Baylor University Waco, 2008.

WOLFF, Hans W. **Anthorpology of the Old Testament**. Philadelphia: Fortress Press, 1974.

ZEELANDER, Susan. **Closure in Biblical Narrative**. Leiden: Brill Academic Pub, 2012. v. 111. (Biblical Interpretation Series).